

Governo AD conseguiu aproximar os que em Maio de 75 se afastaram **25 de Abril decorreu sob signo da Unidade**

Que este nosso encontro aqui, nesta jornada inesquecível de celebração e afirmação do 25 de Abril, seja o ponto de partida para uma nova fase nas relações entre as forças de esquerda (...) assim o exigem milhões de trabalhadores que estão fartos do desgoverno da AD e que querem construir uma nova esperança e uma verdadeira alternativa — disse ontem Manuel Alegre (PS) no Rossio.

...A alternativa ninguém no-la dará de bandeja toda pronta e acabada, a alternativa constrói-se e há forças mais que bastantes para a construir. Aqui, aqui mesmo está um muito largo leque de forças democráticas, e mais largo será amanhã por força da própria dinâmica desencadeada pela união e ofensiva — afirmou, por seu turno, Aboim Inglês (PCP).

É imperioso que os democratas saibam encontrar uma plataforma de convergência que se constitua alternativa a uma situação que está ameaçando Abril e arrastando o País para um fosso negro e profundo semelhante ao de um passado não muito longínquo — rematou, no encerramento do comício, o major Vasco Lourenço, do Conselho da Revolução.

Págs. 7, 8, 9, 10 e 11



Novo aumento no preço da carne

Lombo está a 590\$00

O quilo do lombo subiu para 590 escudos, enquanto o da vazio passa a custar 530, segundo uma portaria hoje publicada no «Diário da República».

A carne de primeira categoria, desde a cernelha ao acém redondo ou comprido e pá, é agora de 430 escudos sem osso e a 350 com osso. A carne de segunda categoria subiu 325 escudos, sem osso. Com osso é mais barata 75 escudos. A de 3.ª categoria vale 250\$00 sem osso e 180 com osso. A língua e o rim custam 290 e 280 escudos o quilo, respectivamente.

Pág. 13

Governo decreta regime de preços vigiados

Os serviços de lavandaria e tinturaria, barbearia e cabeleireiro, alcatifas, tapetes, cristalaria, materiais de barragem para construção, mobiliário, calçado de borracha, chocolate, obras têxteis de uso doméstico, meias, roupas, material escolar (borrachas, lápis, canetas de feltro, esferográficas, cadernos, papel.

Continua na pág. 28



O golpe de força britânico contra as ilhas Geórgias motivou uma primeira manifestação popular em Buenos Aires em frente da sede do Governo argentino

Prova de força no Atlântico
Inglaterra retoma Geórgias do Sul

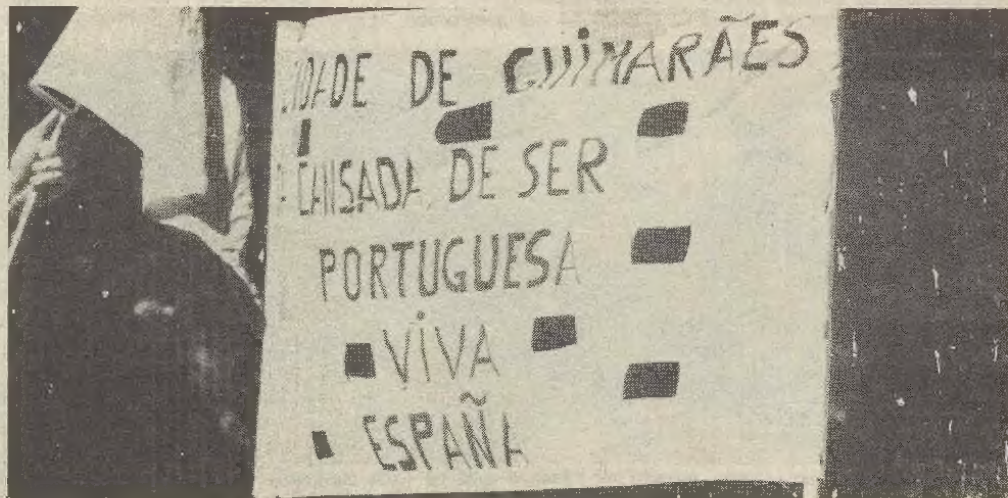
Ontem no '1.º de Maio' em Braga

Guimarães "espanhola" por causa do futebol

Quando a Federação de Futebol interditou o Estádio do Vitória de Guimarães e ordenou que o embate dos pupilos de Pedroto com os sportinguistas ocorresse em Braga, estava a desencadear uma autêntica guerrilha local: Guimarães em peso ficou em **polvorosa**, pretende que o jogo se repita e (até) está disposto a anexar a cidade ao reino espanhol...

Págs. centrais

Pág. 23



Concurso «DL»/82

HOJE (na pág. 2)
7.º CUPÃO

e as páginas 13 e 14 do Álbum Sempre Fixe

Serviço Exclusivo

Le Monde

Diário de Lisboa

Marx: o homem e a sua obra

Jean Lacroix

Há muitos livros sobre Marx e o marxismo, mas o de Elleinstein, que estuda a relação directa entre a vida e a obra marxista, é sem dúvida o melhor. O autor analisa tudo o que Marx fez, separa as suas afirmações e as suas contradições, descobre-o constantemente, o que nos leva a estabelecer o paralelo entre a sua prática e a sua teoria.

Todas as páginas são tão claras como profundas: ao ler o livro podemos imaginar e quase ouvir Marx com os seus manuscritos, com a sua família, os seus amigos e adversários.

Não podemos resumir em algumas linhas perto de oitocentas páginas, mas gostaria de escolher exemplos que pudessem

levar os leitores ao interesse por Marx e Elleinstein.

Em 1841, Marx defendeu a sua tese sobre Demócrito e Epicuro. Desde 1835, com dezasseis anos, que se apaixonara por Jenny, considerando-a a rapariga mais linda de Tréves e a rainha do baile. Apaixonaram-se um pelo outro mas só puderam casar-se oito anos depois, em 1843, pois Marx teve de tirar o seu curso universitário. Elleinstein demonstra como por altura do seu casamento ele se desligou da abstracção, e como isso o levou muito longe. Desde 1842

ele descobria que a religião não é uma coisa sem sentido, mas que é preciso bani-la. Em 1844, ele escreve as célebres frases que são já um prenúncio do que se seguirá:

«A angústia religiosa é, por um lado, a expressão da angústia real e, por outro, o protesto contra essa angústia real. A religião é o consolo da criatura oprimida, o calor num mundo sem coração, tal como é o espírito das condições sociais das quais o espírito por excluir». «É o ópio do povo». Estas frases eram um

fermento. Em 1844 ele tinha já escrito os cadernos tomados célebres sob o título de «Manuscritos», que só foram publicados muito tempo depois da sua morte.

Nos anos de 1845 a 1848, Marx escreveu mais de seiscentas páginas dos cadernos, e descobriu que comunismo ou é universal, ou não deve existir. Elleinstein demonstrou que o homem-burguês, admirado por Marx nos séculos precedentes, deve, segundo ele, dar para o futuro dar lugar ao homem-comunista do século dezanove. Na opinião de Marx a burguesia teve um papel revolucionário. Aliás, Elleinstein mostra claramente

Continua na pág. 6



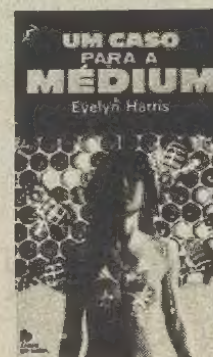
Concurso

Recorte e guarde este cupão bem como os demais cupões que, em número de 30, serão diariamente publicados neste mesmo local. Depois só terá que enviar para o «Diário de Lisboa», em data que será anunciada, esta coleção de 30 cupões, juntamente com um boletim de identificação que será publicado diversas vezes durante o período do concurso.

BARCO (YACHT) VENDE-SE

Com 13 m. Cabineado. 2 motores diesel Volvo Penta c/Turbo 250 H.P. cada. Completamente equipado, rádio Sador HF/SSB, radar, sonda, gerador 220 Vts Onas, câmara frigorífica, fogão 4 bocas c/forno, televisor, água quente e fria, tanques 2000 l. P/ diesel e água doce, etc. Pronto a navegar. Matriculado em Portugal. Aceito ofertas. Pode ser visto na Figueira da Foz junto Inst. Soc. Náuticas (Sr. Moisés). Trata C. Borges — Telef. 20097 — COIMBRA

AGORA NOS livros de bolso EUROPA-AMERICA



PUBLICAÇÕES EUROPA-AMERICA
Apartado 8
2726 Mem Martins Codex

Um velho jornal jovem chega todos os dias a meio milhão de leitores

Cem anos de publicação ininterrupta, 100 a 125 mil exemplares de tiragem e um índice médio de leitura da ordem do meio milhão fazem do diário «La Voz de Galicia», da Corunha, um caso impar na imprensa galega. O jornal, que pertence ao seu primeiro centenário no passado dia 4 de Janeiro, marca esta semana a efeméride com uma série de celebrações.

Desde os primeiros momentos «La Voz de Galicia» destinou-se a uma faixa de leitores situada na área liberal, com uma forte componente federalista. O tema, como se sabe, é hoje fulcral no cerne do próprio debate do regime.

Tudo começou pela mão de Juan Fernández Latorre, um modesto corunhês obrigado, por motivos políticos, a dois exílios quase consecutivos em Paris. Regressado definitivamente à sua cidade natal, planeia então a publicação de um «diário político e comercial», associando ao projecto nomeadamente José M. Martínez e António Prieto Fuga. Quando sai para as bancas o diário é cauteloso: quatro páginas apenas, no formato 30x45 cm, com a mancha de texto a

Juan Ramón Díaz García, ao aludir, em pleno centenário, à preocupação dominante de quantos fazem o diário corunhês: a liberdade de imprensa. Os leitores recompensaram esta linha editorial elevando «La Voz de Galicia» ao 7.º lugar dos diários espanhóis. Sondagens indicam a sua grande capilaridade em termos de difusão.

As três da manhã

Os primeiros exemplares saem para a rua às três da manhã, sendo disputados por trabalhadores portuários, pescadores e empregados de discotecas e bares. Vinte e cinco camiões encarregam-se da distribuição, que atinge, ainda durante a noite, praticamente todos os grandes aglomerados populacionais da província.

«La Voz de Galicia» agrada porque traz opinião — e notícias em cima da hora. Para isso investiu numa rede de cerca de mil e trezentos correspondentes e em seis delegações de apoio. E no reequipamento técnico, que fez deste matutino galego um dos mais modernos de todo o Estado espanhol.

Com 14 mil assinantes, «La

onde a língua primeva só agora esboça a sua recuperação. Deve dizer-se, em abono da verdade, que o matutino da Corunha não é parte ausente do debate linguístico, tendo publicado recentemente um manual da língua galega, do mesmo modo que, desde 1974, reedita «facsimilados», títulos históricos da celebrada «Biblioteca Galega», outra aposta do fundador Juan Fernández Latorre — «Os precursors», de Manuel Murguía, «Aires d'a miña terra», de M. Curros Enríquez, ou «Queixume dos pinos», de Eduardo Pondal. A divisão editorial está a cargo de um descendente do fundador, Santiago Rey Fernández-Latorre, que é editor de «La Voz de Galicia» e ocupa funções de secretário na Associação Ibérica da Ibérica Privada, para além das de vice-presidente da AEDE — Asociación de Editores de Diários de España.

Sete edições
A penetração do centenário jornal da Corunha passa hoje por sete edições diárias: para Vigo, Pontevedra/Vilagarcía, Orense/El Bierzo, Lugo/Monforte, Santiago de



Atrás do «chora», puxado por mules, a casa da «calle Santiago» que albergou as instalações do centenário jornal

quatro colunas. O êxito, porém, espera-o na rua, e é assim que a sociedade «Juan Fernández Latorre y Compañía» se torna proprietária, ainda no mês de Janeiro de 1882, de oficinas próprias, matriz inicial da grande casa de obras que hoje ocupa na Corunha. Uma defesa intransigente dos pontos de vista provinciais, um jornalismo que destaca a ocultação e uma grande atenção aos problemas da diáspora galega fazem do jornal, ao longo das décadas, aquilo mesmo que Leopoldo Calvo Sotelo houve de reconhecer este ano: um «ser vivo», porta-voz da galeguidade.

Que nada disto foi — nem é — fácil, compreende-se das declarações do actual jovem director,

Voz de Galicia» tem dias de venda preferenciais à terça-feira (desporto), quinta-feira (cultura), sexta-feira (caça e pesca) e domingo (revista de informação geral e um magazine de TV, ambos a cores). Outro dado curioso é encontrar-se o jornal, logo às primeiras horas da manhã, na generalidade dos bares, cafetarias e portarias de hotéis. Hotéis que podem nem sequer ser galegos: caso do Parador Nacional de La Mancha, em Albacete, que faz questão de receber «La Voz de Galicia» no dia em que sai, ou de um outro que é assinalante longínquo — em Locarno, Suíça.

O texto, em castelhano e galego, reflecte a própria situação política da região autónoma,

Concurso DL

2.º Álbum SEMPRE FIXE

A festa da Flor



C'êoa, ó graxa!!!...



— Então o senhor tem uma bola preta e outra encarnada?
— Que queres? Com a pressa e às escuras — foi o que se pôde arranjar...

Quer uma flor, cavalheiro? Não sendo de tabaco, de «népio», venha ela...

Costureiras



— Ele diz que me compra um carro com dez cavalos...
— Pois eu contentava-me com um de dois...

Namorados



— E dizem que o mando está bem constituído. Se assim fosse, eu devia ter metade da fortuna da minha irmã, e ela metade da minha anemia.

No «SEMPRE FIXE» em Maio de 1926: anedotas breves, brejeiras, sorridentes...

GRUNDIG GRUNDIG GRUNDIG
RÁDIOS — TELEVISORES — ALTA FIDELIDADE — GRAVADORES — DITAFONES

DISTRIBUIDORES NO SUL — NACIONAL RÁDIO — CRUZ QUEBRADA

RECORTE POR AQUI

2.º Álbum SEMPRE FIXE

Concurso DL



O abismo para onde a atiravam



Mortos de pé... Os vivos estão de cócoras



- 1 — Seu eu fosse ministro da instrução...
- 2 — Seu eu fosse ministro das finanças...
- 3 — Seu eu fosse ministro das colónias...
- 4 — Seu eu fosse ministro da guerra...
- 5 — Seu eu fosse ministro do interior...



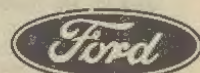
- 6 — Seu eu fosse ministro da agricultura...
- 7 — Seu eu fosse ministro do comércio...
- 8 — Seu eu fosse ministro do trabalho...
- 9 — Oh! diabo! Caíu o ministério!

Em Junho de 1926, a situação política inspira STUART



FORD TRANSIT

O veículo comercial que mais circula em Portugal



símbolo de robustez

política de A a Z

Mudar para o Abril futuro

DAS comemorações do 25 de Abril, cumpre destacar as que tiveram lugar em Santarém e em Lisboa. Tanto em Santarém, como em Lisboa, o general Ramalho Eanes, lá como «camarada entre camaradas», aqui como Presidente da República, reafirmou a sua fidelidade a Abril. Os conselheiros da revolução — o que bem se compreende — foram mais longe e afirmaram, com clareza, a irreversibilidade de Abril. Também no Porto, presente na grande manifestação popular, o conselheiro da revolução, tenente-coronel Costa Neves, reafirmou Abril, e associou, à reunião de militares em Santarém, a que tinha tido lugar em Guimarães. Uma e outra — não fazendo esquecer as de sargentos e soldados — demonstrativas de uma vontade política de cidadãos civis e de militares cidadãos de defender a democracia, de impedir a «restauração», de condenar «regressos».

À Assembleia da República, o Presidente Ramalho Eanes foi levar palavras de actualização de Abril: «O que hoje comemoramos não é o fim da ditadura, mas sim a afirmação da liberdade, da responsabilidade democrática, da solidariedade social».

Não é o passado que se deverá recordar nas comemorações do 25 de Abril. Embora sem o esquecer, como, no grande comício de Lisboa, intimou Manuel Alegre —, as comemorações do 25 de Abril devem ser de crítica em relação ao presente e principalmente de empenhamento militante em relação ao futuro.

De reafirmação de Abril e de fé no futuro de Abril, foram os discursos pronunciados em Santarém, na grande confraternização militar, pelos conselheiros da revolução Vasco Lourenço, Costa Neves e Vítor Crespo. E aos 1500 oficiais reunidos, o general Ramalho Eanes, que sem esquecer a sua qualidade de Presidente da República, como «camarada entre camaradas» se lhes associou, foi proclamar o seu sentimento: «No essencial, a promessa, feita pelos militares ao povo português, cumpriu-se». E não se conteve com reconhecer-lo, não se limitou a esta auto-satisfação, proclamou o seu empenhamento pessoal nas esperanças de Abril. E — sublinhamo-lo — falou utilizando o verbo no presente e no futuro: «...neles me empenho e empenharei».

Esta atitude do Presidente da República, e as declarações claras, corajosas e politicamente significativas dos conselheiros da revolução, devemos considerá-las potencializadas pela convergência de personalidades representativas dos mais diferentes quadras de opinião e de forças políticas que cobrem todo o leque organizado e actuante da esquerda democrática e socialista, que no desfile da Avenida da Liberdade e no comício do Rossio, à homenagem aos militares de Abril, ao firme propósito de defender Abril, acrescentaram — do povo se fazendo eco — a vontade de mudança, a vontade de prosseguir a jornada em Abril iniciada.

Poderá considerar-se que, uma vez mais, a convergência na reemancipação da resistência passada, ou na valorização nacional de acções de porte histórico como a de 25 de Abril de 1974, não tem continuidade e cedo se desagrega ao sopro das primeiras

desinteligências, ao reacender de velhas querelas. Poderá reacear-se que, uma vez mais, a unidade da manifestação de 25 de Abril de 1982 — e que representou a mais larga convergência antifascista desde a festa do 1.º de Maio de 1974 — não tenha, em si mesma, a capacidade de se manter e de reproduzir em actos a confluência das palavras. Mas dever-se-á dizer — e adiantamo-nos a dizê-lo — que grande é a responsabilidade dos responsáveis políticos se levarem além do direito à diferença atitudes que possam comprometer a convergência no propósito de continuar Abril e de, no espírito de Abril, encontrarem solução para os problemas nacionais. Dever-se-á dizer-lhes que não podem decair o rio humano que desceu a Avenida da Liberdade e inundou o Rossio numa demonstração impressionante, grandiosa, de inextinguível civismo, de indomável fidelidade a Abril e de vontade de mudar, de avançar pela estrada de Abril. Não poderão — os responsáveis políticos, os partidos, as personalidades que falam alto ao Povo em nome do interesse nacional e do movimento da História — serem insensíveis a essa vontade de reencontro e de unidade, à abertura para a convergência, ao pluralismo efectivo que, indiscriminadamente, se expressou nos aplausos dispensados aos diversos oradores; aos conselheiros da revolução, aos democratas independentes, aos representantes dos partidos.

Pela primeira vez, representantes reconhecidos e mandatados, da UDP, da UEDS, do MDP/CDE, do PCP e do PS, da mesma tribuna, pelo mesmo microfone, aplaudidos fraternalmente pela mesma incontável multidão, juntaram a sua voz à dos conselheiros da revolução, Vasco Lourenço e Vítor Crespo, para defender a continuidade de Abril — para dizer que Abril é o futuro — e para exigir que a Democracia de Abril seja confiada, na defesa, na continuidade e na gestão corrente — a verdadeiros democratas.

As personalidades que a título individual, como expoentes de actividades sociais ou pelas suas funções partidárias, subscreveram o documento que era um apelo à comemoração popular e nacional da Revolução de 25 de Abril de 1974, constituem um vasto leque de opções políticas, mas representam uma mesma vontade política. A convergência que foram capazes de criar, a vontade unitária que souberam interpretar, foi sufragada, num plebiscito impressionante, pela multidão que os acompanhou da Rotunda aos Restauradores e ao Rossio.

Estamos perante um facto político.

Como é, também, um facto político, o aumento do número de militares que acorrem às comemorações de Abril.

A manifestação de Lisboa — e nenhuma comemoração de Abril queremos esquecer ou desvalorizar — a convergência política que afirmou, a vontade de mudança que exprimiu, representam a primeira demonstração — e esta pública, popular, iniludível — de que existe o potencial de força popular para apoiar uma alternativa política à crise, ao «regresso», ao «restauracionismo».

O 25 de Abril de 1974 foi — na palavra de Eduardo Lourenço — «a Liberdade feita dia». O 25 de Abril de 1982 foi o «dia da Liberdade» produzindo e afirmando a unidade popular para o avanço democrático a caminho do Socialismo.

A propósito da regionalização

1. O «Debate Público» e a sua metodologia

O Governo tem estado a promover um conjunto de reuniões sobre o tema Regionalização. Têm sido convidados para tais reuniões, que se estão a efectuar nas sedes de agrupamentos de Municípios — tal como foram definidos em 1979 — os governadores civis dos distritos, os deputados, os presidentes das Câmaras Municipais e vereadores, os presidentes das Assembleias Municipais e dos Conselhos Municipais, o primeiro elemento de cada uma das listas representativas das forças políticas com assento na Assembleia Municipal. O Secretariado Técnico para a Regionalização, em colaboração com as diversas Comissões de Coordenação Regional anunciou também que iria convidar o representante da «Comissão Concelhia de cada partido com assento na A.M., os presidentes das Associações Culturais da área, os representantes dos órgãos de Comunicação Social» e ainda «individualidades representativas» em número de duas por município. Muitos destes convites, ao que se sabe, chegam tarde e a más horas, e alguns nem terão chegado, como tem sido referido.

As reuniões ocupam um dia completo e, por esta forma se entende o «Debate Público sobre Regionalização» (1).

Releve-se, desde já, que o Governo, através de ministros ou secretários de Estado, está presente ao início dos trabalhos e ao encerramento, mas pouco mais discute. É um Governo que

«inaugura e encerra» o debate, mas que não debate.

A pretexto de que não quer condicionar a discussão, deixa os variados convidados — autarcas, deputados, designadamente — a falarem uns com os outros, quase sempre tendo recebido alguns textos, pouco tempo antes, em condições de grande singeleza para uma discussão proveitosa. O argumento de que «não quer condicionar o debate» e de que, por isso, é que desapareceu logo que começa a argumentar, é um argumento menor e que procura descredenciar quem lá vai, como se os outros fossem condicionados pela presença de membros do Governo, que aparecem, aqui, relativamente «elevados». A situação tem sido tal que os próprios representantes eleitos da AD fazem, à boca pequena, críticas a um Governo que os desacompanha e que os deixa num debate para o qual estão pouco informados.

2. As intenções do Governo ao lançar o «Debate Público»

Perguntar-nos-emos a razão desta Operação/Debate Público, da iniciativa do ainda Governo AD. Julgamos, que, à míngua de outros aspectos positivos (que manifestamente lhe faltam) a acção do Governo foi orientada para, pelo menos ao nível emblemático, poder defender opções que tenham alguma fundamentação positiva. A regionalização do Continente — vista em

perspectiva genérica — é unanimemente reconhecida como elemento fundamental para um desenvolvimento menos assimétrico do País, como estrutura fundamental para a maior participação das populações e dos eleitos na gestão de órgãos autárquicos, com poderes decisórios significativos, como base indispensável para alterar o cariz centralizador de tantos e tão variados gestores políticos que, apesar dum «discurso» aparentemente descentralizador, temem a transferência de competências para outros níveis de administração.

Um tema com estas características, foi significativamente agarrado pelo Governo AD, como bôia à procura de um mínimo de credibilidade. Terá parecido ao Governo, neste ano eleitoral, um bom investimento na sua imagem, deapaupeira por uma gestão desastrosa e desastrosa da globalidade dos assuntos públicos, desde a habitação/saúde/educação até ao escândalo duma política económica, ao serviço de grupos e camadas que nunca se terão «enchido» tanto, em tão pouco tempo. Como o tema é de desenvolvimento obrigatoriamente faseado (pelo menos, a médio prazo) — e o eng. Angelo Correia, ministro da Administração Interna lá o foi dizendo (2), sem a prudência táctica que, reconhecidamente, lhe míngua — terá parecido ao Governo que aos olhos dos desprevenidos (e são mul-

tos, como se sabe), aparecia (ele Governo) como o campeão da regionalização, procurando imitar os que, nas lhas, apareciam aos olhos dos madeirenses e dos açorianos, como defensores da autonomia. E sabendo-se bem que a autonomia na Madeira e nos Açores, foi resultante inequívoca do 25 de Abril e só foi possível porque o 25 de Abril existiu, sabe-se também que, para muitos concidadãos das Regiões Autónomas as «medalhas» da autonomia são para outros, que do 25 de Abril só recolheram o formal.

Dal o Governo tem entendido como oportuna esta operação, que não deixando de ser emblemática e criada de uma falsa imagem, comporta, entretanto, aos olhos de certa opinião pública, o valor de ser a criação de um «facto político» que, depois de lançado, terá dificuldades em ser posto entre parênteses.

Dito por outras palavras: o Governo procura, perante um crédito crescente em variados sectores da opinião, lançar alguma coisa que vá a seu favor. A experiência tem-se mostrado, entretanto, infeliz.

3. A política autárquica do Governo desmente o propósito de regionalização

A operação «Debate Público», de facto, tem pés de barro.

A política de administração autárquica seguida por este Governo é, claramente, uma poli-

tica directamente intervencionista (com tutela indevidamente exercida, por via inspectiva, em relação a autarquias diversas), para além de ser, como quase todos, cada vez mais reconhecem, uma política de ilegalidade em relação às dotações financeiras que eram devidas aos 305 Municípios e uma política de favoritismo em relação às Câmaras orientadas para alguns dos «seus» autarcas — que não todos —, em detrimento dos Municípios orientados e geridos pela Aliança Povo Unido e pelo Partido Socialista. Tratando uns por enteado e outros por filhos — e entre estes, ainda, alguns por filhos directos e outros, por filhos não-directos — designadamente na área das preferências nos investimentos intermunicipais, a actual equipa governativa descredencia-se por que adopta métodos de distribuição de dinheiro públicos, tingidos pelo favoritismo ou pelo clientelismo e gravemente lesivos da distribuição correcta dos recursos pelo País.

Sumariamente assim afirmada, a acção deste Governo não abona o propósito de regionalização que se diz querer promover. Regionalizar passa também por consolidar as autarquias que são os municípios e as freguesias. Regionalizar passa também por atribuir as verbas previstas, sem as falcaturas de uma qualquer interpretação da lei, aos municípios. Regionalizar passa também por criar as condições legais para uma delimitação de competências que atribua às autarquias já em funções — os 305 municípios e as 4050 fre-

guesias — poderes, acrescidos, mas com recursos devidos. Não é — nem pode ser — descentralizar encargos e centralizar recursos: tem de ser uma descentralização cumulativa de recursos e atribuições/competências/encargos.

4. Ainda o «debate»

Formalmente o Governo terá pretendido lançar um debate — não — directivo — sobre a Regionalização. Terá pretendido um «brainstorming» colectivo. O eng.º Roberto Carneiro, secretário de Estado da Administração Regional e Local trouxe, dos seus percursos pela gestão da educação um gosto (que, aliás, é bom gosto) pela discussão criativa, sem todas as balizas estabelecidas. Mas lançar o processo do debate por esta forma, e inserido na prática política que tem vindo a ser praticada (e nas iniciativas legislativas que, em matéria autárquica, o Governo tem — vejamos as propostas de lei 81/II a 85/II, presentes à Assembleia da República) é, justamente adiar, o processo de regionalização. Acaba por ser uma operação, em tudo ajustável aos que recomendam uma ampla actividade «promotora» e «promocional» nos meses pré-eleitorais: acaba por ser (talvez até à margem dos organizadores mais responsáveis) uma tentativa de «criação de imagem» em que o Governo tem procurado investir.

Lançar o processo do debate, com a metodologia que tem tido e com «todo um Governo» em-

«Pensões por serviços relevantes à Democracia»

“Será que já não há sentimentos de humanidade?”

— uma segunda carta de José Magalhães Godinho



«Depois de ter enviado a carta, que o «Diário de Lisboa», gentilmente, publicou no seu número de sábado, no dia imediato vi aparecer no «écran» da RTP o sr. secretário de Estado do Trabalho e do Emprego, Marcelo Rebelo de Sousa, qual «Mece-nas», anunciando que o Conselho de Ministros tinha resolvido, para comemorar o 25 de Abril e dar uma nota de unidade nesse dia, conceder quatro pensões por serviços relevantes à Democracia.

«É curiosa esta maneira de dizer as coisas; como se, realmente, fosse da magnanimidade do Governo conceder uma pensão que, como a lei diz, se destina a manifestar o reconhecimento dos portugueses para com os que tudo sacrificaram na defesa da Liberdade! Assim, o Governo inverte os papéis. Quer que sejam os contemplados os reconhecidos, alentos, veneráveis e obrigados, em vez de ser eles a manifestar-lhes o reconhecimento dos portugueses. Maneiras de ver! O deferimento destas quatro pensões foi, sem dúvida, um acto de justiça: A verdade é, porém, que se aque-

les que continuam à espera de que chegue a sua hora, se tiverem de esperar por uma data célebre e propícia para o Governo fazer figura de generoso, a este ritmo de 4 por ano, como ainda devem estar — incompreensivelmente, diga-se — cerca de uns sessenta por resolver, teremos que os últimos 4 só virão a ser deferidos lá para daqui a 15 anos. Muitos deles têm mais de 80 anos, muitos outros vivem com enormes carências, e tantos são pessoas doentes.

Conheço-os quase todos. Sei o que a Democracia lhes deve, e sei quantos sem saúde, sem bens, já só sobrevivem no meio das maiores carências e amarguras. E todos eles são, por si mesmos ou pelos parentes que já perderam, credores de todos os portugueses, até daqueles que beneficiam da dívida total que eles deram à Democracia, talvez hoje não fossem ninguém sem aquela dívida.

«Será que já não haverá sentimentos de humanidade?»

«E, nem se diga que é por falta de meios financeiros que se não resolve este problema, quando, apesar da apregoada austeridade, não faltam meios para fantochadas como a gala dos 25 anos da RTP que é capaz de ter custado ao País mais do que o necessário para pagar durante uns anos as pensões que ainda não foram decididas.

«Porque não posso calar este desabafo mais, remeto esta nova carta.»

Marx: o homem e a sua obra

Continuação da pág. 2

que neste ponto Marx exagerava — Tem razão à partida, mas não viu que a pouco o pouco os burgueses perdiam as suas origens, enquanto a próprio Estado via aumentada a sua importância. De qualquer maneira, «O Manifesto Comunista» de 1848 poro-voa ser um marco para a libertação da humanidade. Não é sem razão, escreve Marx «que as classes dominantes tremem deante da ameaça de uma revolução comunista. Os proletários apenas arriscam perder as suas cadeias. Tem um mundo a ganhar. Proletários de todos os países, uni-vos!»

A partir daí, Marx já não falará mais de ateísmo. É isto foi mal compreendido por muitos. Eleinstein demonstra muito bem que para Marx o ateísmo, é, na realidade o último grau do teísmo, o reconhecimento burguês de Deus. Opor-se a Deus é discutir uma realidade que não existe, negá-lo é ainda pensá-lo.

O ideal do comunismo é desde então claro e preciso: significa a abolição das classes, da moeda e do Estado. Marx vai ao ponto de declarar que a terra não poderá ser propriedade de associações rurais, porque «a nacionalização da terra acabará por

abolir a forma capitalista de produção material e rural». Trinta anos depois do «Manifesto Comunista», em 1878 o socialismo tornou-se uma ciência. Engels sustenta então a tese comunista segundo a qual «desaparecerá a última potência estrangeira que se apoie na religião e assim desaparecerá o reflexo religioso, pela simples razão de que nada haverá para reflectir». O Estado, de certa maneira, está quase tão desmantelado como a religião, e acabará por desaparecer completamente quando as diferenças de classe deixem de existir. «A liberdade consiste em transformar o Estado, que está acima da sociedade, num organismo que lhe esteja inteiramente subordinado». Marx desenvolve todos estes problemas até à sua morte, sem poder terminar nenhum. O seu último trabalho, inacabado e admirado, é «O Capital», cujo primeiro livro foi publicado ainda por Marx, o livro II em 2 volumes, por Engels em 1885, e o III livro, em 3 volumes em 1895, novamente por Engels.

Mas com este deu-se a separação e a oposição e Marx escreveu um violento livro contra ele. Entretanto — o que não é muito falado, como Eleinstein o demonstra bem — Proudhon morreu em 26 de Janeiro de 1865 e Marx, então, rendeu-lhe homenagem, nomeadamente na brochura proudhônica «O que é a Propriedade?». Ele reconheceu então que esse «Proudhon era denunciado pelos economistas e pelos próprios socialistas como um herético anarquista-revolucionário. Foi por isso que eu nunca vacilei com aqueles que o acusavam de trair a Revolução». Marx distinguia inconscientemente o domínio das concepções

teóricas do da sua vida privada, mas sabia utilizá-los em muitos casos.

Esta vida privada analisou-a Eleinstein a fundo. O casal teve seis filhos mas perdeu três deles. Em 1859 já só viviam três: Jenny — o mesmo nome da mãe — com quinze anos, Laura de treze e Eleanor de três. As duas primeiras recobram, segundo Eleinstein, uma educação burguesa. Aprenderam piano, desenho, literatura inglesa. Para Marx, a descontração significava brincar com as filhas, em passear pelas colinas. A tarde, o regresso fazia-se entoando hinos e canções populares e até patrióticas. Eleinstein revela o desgosto de Marx. Jenny, de solteira Westphalen, é a mulher de Karl: ele estragou-lhe a vida. Ela quis propor-lhe sacrifícios que ele não podia aceitar. A altitude revolucionária do marido impõe-lhe uma vida de freira, ou pelo menos de asceta, desligada dos bens e dos prazeres do mundo. Mas no fundo ele é um burguês e quer continuar a sê-lo na sua concepção do papel da sexualidade e da mulher. Depois de muita discussão, Laura pode ficar noiva de Paul Lafargue em 1866. Porque Marx interveio junto do pai de Paul para defen-

der as suas opiniões. O pai de Paul acabou por ceder e «pediu para o filho o título de noivo e no campo financeiro ofereceu-me condições muito favoráveis» — dizit Marx. O casamento foi assim autorizado, mas só quando o filho Lafargue tivesse completado o doutoramento.

A parte importante deste livro é a de ir directamente ao homem e à sua obra e estudá-lo enquadrados na sua época: os começos da industrialização, o impulso para o capitalismo e o movimento das nacionalizações. Filósofo, economista, sociólogo, historiador, matemático, jornalista e militante, Marx cria, com Engels, uma doutrina da qual surgirão dogmas. Ele não teme contradizer-se. Sendo de origem judaica chega a dizer «O judeu é inimigo do género humano. É preciso mandar essa raça para a Ásia, ou então, exterminá-la». Onde se conclui que Marx «se

tornou o pai espiritual de regimes tão dispares do seu próprio pensamento». Tal é, num resumo de algumas linhas, o sentido e o significado de um autor, ainda e sempre presente no mundo moderno, mesmo se as nações que afirmam o seu «marxismo» estão, entretanto, bem distantes do seu pensamento. A Rússia e a

China, por exemplo, são «marxistas», mas nada têm de comum e chegam mesmo a afrontar-se. Muitos, hoje em dia, continuam maneiras de pensar e de viver que se fazem e farão ouvir por centenas de milhões de «marxistas diversos». Diversos com efeito, pois que o grande amigo de Marx, e talvez mais comunista ainda do que ele, Engels, escrevia a Eduard Bernstein em 2 de Novembro de 1882: «O que Marx dizia a Lafargue, o que está certo, é que não sou marxista.»

A propósito da regionalização

Continuação da pág. 5

penhado, é também comprometer o processo de regionalização. O tema Regionalização é, de facto, um dos temas principais na renovação de uma Administração que tem que servir o País por forma muito mais dinâmica e em gestão racional e moderna.

É necessário discutir-lo e as forças constitucionais e democráticas não podem, sob o pretexto de rejeitarem a metodologia do «debate» em curso, cair na armadilha de deixar ao Governo a iniciativa na regionalização. É preciso forçar um diálogo com as populações, denunciando o facto de o Governo, a pretexto da regionalização, procurar apresentar uma face lavada e dialogante, quando se conhece, nos vários sectores, o que é, cada vez mais, a sua prática.

5. As condições em que o debate sobre a Regionalização se desenvolve

No texto programático presente pelo Governo do dr. Balsemão sublinha-se (3), com a precisão e a falta de rigor que se detectam facilmente, que se procederá à «implementação de programas-piloto de descentralização coordenada de serviços e funções, tendo em vista a avaliação de modelos alternativos e a racionalização dos serviços regionais já existentes»; que «o Governo está consciente de que o reforço da democracia passa por uma descentralização responsável e adequada (...). Diz-se então que se criará «condições para que as profundas reformas a emprender, sejam acompanhadas de um amplo debate nacional, o mais participado possível (...).»

A 4.1.82 é publicada a resolução sobre «Linhas Gerais do Processo de Regionalização do Continente», em texto de maior rigor, procurando esclarecer os princípios orientadores do processo (não se esquecendo de referir a «necessidade de cumprir um imperativo constitucional»), as «grandes opções» a fazer (natureza jurídica a conferir

às Regiões, as áreas, as atribuições) (4) e o calendário onde se anuncia, entre outras iniciativas, o «Debate Público».

Estão, entretanto, publicadas alguns textos sobre conceitos gerais em relação à Regionalização, sobre as áreas possíveis das futuras Regiões, sobre a implementação das Regiões-Plano, para além de já serem conhecidos desde 80-81, os textos do chamado Livro Branco sobre Regionalização. Não negamos a validade de generalizar uma discussão sobre estes temas e é, aliás, significativo que, a nível de Assembleia da República, os dois projectos de lei mais detalhados sobre esta matéria — o das Regiões Administrativas — e o das Regiões-Plano — sejam exactamente do PCP e do PS, datando o do PCP, de 1977. Isto é, o debate tem vindo a fazer-se e as iniciativas têm surgido. Se se lhearem revistas da especialidade (designadamente a revista «Poder Local») ver-se-á que o debate já existe há muito.

Pode ser ainda mais generalizado. Mas com este Governo e com os métodos que decidiu implementar — procurando forçar uma «imagem positiva» que, manifestamente, não tem para grande número de portugueses — é o esforço de regionalização que sai prejudicado e é a ideia de regionalização que fica embaciada.

Deputado, Vereador da Câmara Municipal de Lisboa (APU) Economista.

- (1) Tem havido 6 temas (exemplo: «Que regiões?» ou «O sistema de planeamento e as regiões»), cada qual discutido em uma hora apenas.
- (2) Declarações ao jornal «Portugal Hoje» em 21.12.81, sublinhando que a regionalização é projecto para 10/15 anos.
- (3) Programa do VIII Governo — parte 1-2. Administração Interna, pág. 10 e 11 do texto polilicópico distribuído aos Grupos Parlamentares da A. R.
- (4) O texto da Resolução não aborda — nem ao de leve — problemas como os do financiamento e o das relações entre as Autarquias Locais já institucionalizadas e as Regiões Administrativas.

2 RODAS 2 vezes mais atenção!

Nunca circule aos zigue-zagues defenda a sua vida e a dos outros.

CRÉDITO

Comemorações do 25 de Abril

Discurso de uma nota só:

“Estamos a viver tempos difíceis”

— frisou Eanes no Parlamento



solho da Revolução sempre teve nas suas decisões e o modo como soube respeitar as indicações da vontade eleitoral».

Para o Presidente, «só uma maior distanciância histórica, e uma maior serenidade na apreciação dos actos do Conselho da Revolução, virão provar que a sua difícil e complexa missão foi cumprida no quadro que a Constituição lhe atribuiu».

Potencialidades dos partidos

Considerando que a fase de transição, prevista na Constituição de 1976 (maioria AD) e as eleições de 1980 (maioria presidencial adversa à AD), Ramalho Eanes afirmou:

«Os equilíbrios institucionais estabelecidos entre os órgãos de soberania, assentes no princípio da solidariedade institucional, garantem que o poder só se exercerá com respeito pela expressão da vontade eleitoral, em todas as suas manifestações e com todas as consequências que delas decorrem».

«As organizações representativas de interesses sociais podem exercer a sua actividade no quadro das condições legais previstas, o que certamente lhes deu a oportunidade de aferirem o realismo das suas propostas, o grau de adesão que souberam motivar e a adequação existente entre os seus princípios orientadores e as vontades que afirmaram representar».

Revisão Constitucional

Referindo-se à revisão Constitucional, o Presidente afirmou que, «logo que concluída com respeito pelas suas normas le-

gais, será a tradução formal do fim do período de transição». E em adenda significativa: «não representa, em si mesma, uma alteração política essencial, pois nunca esteve na Constituição a razão real dos nossos problemas concretos».

Ramalho Eanes, debruçando-se com maior pormenor sobre a revisão, disse assumir ela os aspectos de um sinal simbólico, no plano formal, da maturidade da vida política portuguesa. «Por isso mesmo, acrescentou, se espera encontrar aí a tradução política do caminho consensual, a manifestação de uma vontade política que está consciente das suas possibilidades e a ponderação dos limites que a todas as concepções são impostos pelo facto de sermos uma democracia». O que levava Eanes a afirmar que «a revisão Constitucional tem, portanto, os seus parâmetros essenciais perfeitamente balizados, tanto no quadro legal como no quadro político».

Na base do «é necessário que não se desperdicem os meios de acção conjunta e a participação interessada dos cidadãos», Eanes afirmaria no seu discurso «que tudo se deve fazer nesse sentido, porque é essencial evitar mais perdas de tempo, de meios, e de confiança dos portugueses».

E depois deste alerta uma advertência à Aliança Democrática: «Mas se esse resultado desejável não se confirmar, o que é limpo, em democracia, é que a clareza das alternativas se apresente quando o agravamento das situações indiscutivelmente o exige. Teremos então de confiar que essa clareza e o rigor das alternativas políticas permitam aos portugueses, pelos modos constitucionais adequados, expressar a sua vontade.»

Situação económica

E a AD continuou na «berlinda» quando Eanes focou o estado económico em que o País se encontra. Naquilo que talvez possa ser considerado como uma crítica à política económica do Governo Sá Carneiro, política dirigida por Cavaco e Silva, então ministro das Finanças, o Presidente frisou:

«A orientação da política eco-

nómica tem estado, por vezes, condicionada por argumentos de ordem eleitoral, tornando insegura a linha de rumo e subordinando as decisões económicas às particularidades da evolução política geral».

A evolução verificada no plano da política social geral não se revela aos olhos do Presidente «como menos preocupante». Embora reconhecendo que as «limitações materiais, que neste domínio se colocam, são condicionantes indelmentáveis», Ramalho Eanes afirma «não se poder esquecer que a justiça social e o sentido da solidariedade (...) são valores orientadores que se devem respeitar, quaisquer que sejam as limitações que os meios determinam».

Em termos mais claros: «Não se exigem soluções perfeitas; mas espera-se uma atitude política, comprovadamente orientada pela justiça e pela solidariedade social, uma atitude que não confunda a limitação dos meios com a criação de novas desigualdades sociais».

O caminho da negociação...

Depois de sublinhar que os tempos que correm não permitem continuar a repetir muitas das promessas eleitorais, que a realidade se encarrega de reduzir à sua verdadeira dimensão, Ramalho Eanes, aplaudido por toda a oposição, com excepção da UDP, e por Natália Correia e os deputados do PPM, declarou: «Em democracia, não é aceitável a passividade e o imobilismo, como não pode haver hesitação na exigência de honestidade, de rigor, de competência, de integral dedicação ao respeito da liberdade e do direito de expressão».

A terminar, Ramalho Eanes defendeu a tese de que «em democracia, o caminho da negociação, do entendimento, e do debate responsável, está sempre aberto». Para o Presidente, «a democracia portuguesa será continuada e as respostas às nossas dificuldades serão encontradas por todos aqueles que souberem percorrer esse caminho». O da negociação, do entendimento e do debate responsável.

Como reagiram os partidos?

Tanto por parte da oposição como da coligação no poder, o discurso do Presidente da República não mereceu reparos de maior. Mais, nada indica que tenha ferido susceptibilidades, nem de gregos, nem de troianos. É isso que se conclui dos depoimentos prestados ao «DL» por vários deputados

Jaime Gama, do Partido Socialista, começou por considerar que «o PR colocou com bastante clareza as insuficiências que se têm verificado na política económica e às quais, obviamente, não se pode furta o Governo, visto ser o seu principal responsável».

Colocando ainda a tónica na política económica, Jaime Gama afirmou: «ao realçar que a democracia é um regime que comporta alternativas e que a crise económica pode ser enfrentada com base em soluções de maior justiça social, o Presidente da República apontou algumas pistas de trabalho

político futuro, que importa aprofundar no terreno concreto das soluções». No que respeita à parte mais «política» do discurso do Presidente, Jaime Gama opinou que «não se esperava que o Presidente da República viesse ao Parlamento expressamente para denunciar o Primeiro-Ministro». «No entanto, acrescentou, as suas palavras contêm de forma inequívoca uma crítica muito frontal à prática governativa da AD».

«Apelo ao diálogo»

Para Carlos Brito, do Partido Comunista Português, «a sessão e os discursos não traduziram uma situação nova nem introduziram factos novos na situação política portuguesa». Batendo na mesma tecla, e depois de acrescentar que o discurso do Presidente não foi «muito diferente dos restan-

tes», Carlos Brito acrescentou: «no fundo, o tom geral dos discursos foi o de abordar questões muito gerais e de relegar, quando não omitir, para segundo plano, as questões concretas com o que o nosso povo se debate». E à laia de conclusão: «em todo o caso, é justo dizer-se que, quer nas afirmações, quer nas omissões, ficaram muito claras no discurso presidencial as consequências nefastas da política da AD».

Herberto Goulart, do Movimento Democrático Português, viu o discurso de Ramalho Eanes como «um apelo ao diálogo e ao consenso entre as forças políticas e sociais; uma chamada de atenção, tanto para as forças democráticas como para aquelas que influenciam o actual poder político, a uma situação que atravessa o País».

O deputado do MDP/CDE considerou ainda como «particularmente importante» o facto do Presidente da República

ter, por um lado, «assumido nas comemorações do 25 de Abril uma perspectiva dinâmica» e, por outro, «afirmado que as responsabilidades do poder não decorrem apenas de um simples momento eleitoral».

Mário Tomás, da União Democrática Popular, exprimiu-se em moldes algo diferentes dos deputados das outras bancadas. No seu entendimento, «Eanes não fez mais que dar a mão ao Governo; aconselhou-o a aplicar-se com maior empenho e eficácia na defesa dos capitalistas» — disse.

Lopes Cardoso, da União da Esquerda Democrática e Socialista, escusou-se a prestar qualquer declaração: «é um discurso demasiado importante para se dar uma devida reflexão» — sublinhou.

Discurso equilibrado

Para os partidos da Aliança Democrática, o discurso de

Eanes assumiu-se como «um discurso de homem de Estado».

Sousa Tavares, do Partido Social Democrata, embora tenha começado por tentar esquivar-se a uma análise do discurso — «tenho que o pensar...», acabou por declarar: «assim a 'quente', tenho a impressão que foi um discurso muito equilibrado de um chefe de Estado de uma República democrática. Parece-me ser um discurso que, embora não tenha trazido de novo, não levantou qualquer espécie de incidentes, não trouxe nada de conflituante». Para o vice-presidente do grupo parlamentar do PSD, não houve críticas ao Governo, nem à AD: «no discurso, houve sobretudo uma denúncia das circunstâncias difíceis em que o País se encontra e que, sublinhe-se, não há que esconder. Quanto às culpas dessa situação, é outra história...» — disse.

Ribeiro Teles, ministro da

Qualidade da Vida e líder do Partido Popular Monárquico, foi lacónico: «tenho sempre muita dificuldade em compreender um discurso de um Presidente da República, mesmo que seja o general Eanes, quando esse discurso provém de um chefe de Estado comprometido...». E, apesar de instado, nada mais disse acerca do discurso presidencial.

Por seu turno, Carlos Robalo, do Centro Democrático Social, definiu o discurso de Eanes, nos seguintes termos: «foi o mais importante que fez como homem de Estado». «Nem todas as críticas que fez, pontuais embora, tinham cabimento. Apesar disso, o seu discurso foi apaziguador» — frisou. Carlos Robalo considerou ainda que «o convite que o Presidente da República fez para que a Oposição se organize, é a prova mais cabal de que não existe uma oposição organizada».

Comemorações do 25 de Abril

Esquerda gritou "unidade" no Rossio e exigiu:

"AD para a rua, já!"

Para o jornalista, useiro e vezeiro das gigantescas manifestações populares e operárias que, desde a queda do fascismo, têm ocorrido por todo o País, a de ontem à tarde, da Rotunda do Rossio, teve o sabor dos grandes acontecimentos. O sabor, por exemplo, de Abril-74, quando o povo desceu à rua, unido, alegre, combativo, disposto a dias melhores. E os olhos e os gritos das dezenas de milhares de lisboetas que ontem desceram a Avenida da Liberdade, queriam, exigiam dias melhores.

A unidade

Gritaram e exigiram, primeiro que tudo, durante o desfile e, no comício, a Unidade. E os sucessivos oradores fizeram-se eco desse desejo profundo da enorme multidão.

É imperioso que os democratas saibam encontrar uma plataforma de convergência que se constitua alternativa a uma situação que está ameaçando Abril e arrastando o País para um fosso negro e profundo, semelhante ao de um passado não muito longínquo — palavras de Vasco Lourenço, no encerramento do comício.

grande afirmação de esperança (...) esperança para continuar este entendimento no respeito intransigente da especificidade de cada e no reconhecimento permanente da liberdade de todos (...) estar aqui tem de ser um ponto de partida na construção de uma alternativa aos que querem



Milhares de pessoas ontem no Rossio

hoje impor ao povo português um marxismo sem Marcelo e sem colónias. Juntos nada há que nos detenha.

...A alternativa ninguém no-la dará de bandeja, toda pronta e acabada. A alternativa constrói-se e há forças mais que bastantes para a construir. Aqui, aqui mesmo está um muito largo leque de forças democráticas, e mais largo será ainda amanhã por força da própria dinâmica desencadeada pela união e a ofensiva — sublinhou, antes de Alegre, o membro do CC do PCP, Aboim Inglês.

Antes de Aboim Inglês, falou César Oliveira: «O 25 de Abril defende-se com democratas e com os valores da Revolução dos cravos».

«O espírito e a mensagem de Abril mantêm-se, mas exigem novas tarefas e novas missões. Não nos podemos distrair. Temos que dialogar e discutir com os adversários, mas temos de combater os inimigos. Nós representamos a esperança e o futuro — pala-

vas de Eduardo Cortesão. Helena Cidade Moura: Porque a Esperança é só uma, aqui estamos todos unidos para que na luta árdua de cada dia, cresçam os valores de Abril (...) mas porque a Esperança tarda, amigos, camaradas, companheiros, aqui estamos unidos para lutar e para gritar: AD fora do Governo!

«Os inimigos do 25 de Abril utilizam sem compaixão, toda a violência para o destruir (...) já foram longe demais — há que travar-lhes o passo com a nossa unidade e contando com a nossa força, sem esperarmos que um salvador qualquer faça o que a todos nós compete...» — disse,

vencerá» gritou-se persistente-mente «MFA, MFA», sobretudo à passagem da cabeça da manifestação, onde Vasco Lourenço e Vítor Crespo sobressaíram, agitando cravos vermelhos.

Mais tarde, na tribuna, Vítor Crespo como que respondeu: «Não nos cabe agora a nós, militares, o exercício de ações directas.

Porém se as forças do retrocesso e da reacção tentarem inverter o reacção que percorremos e voltar ao passado fascista, eu vos quero aqui solenemente gritar: nós lhes diremos NÃO!».

A fechar — já depois de escutar a homenagem sucessiva dos oito oradores civis aos «capitães de Abril» e, momentos antes de balões, ostentando a bandeira nacional e a sigla «MFA», subiram os ócus rumo à margem sul da soberania e garantiram que não mais lhe seja retirada. O MFA foi, e é continuará a ser um espírito de acção em torno dessa ideia...»

Uma abraçação de mãos deu-a Aboim Inglês, quando ao sublinhar que, mais do que palavras bonitas, o que importa é actos, decisão, acção, recordou que «nesta corajosa e livre capital de Portugal — de Lisboa, onde as forças democráticas são largamente majoritárias e não podem consentir que na sua câmara continue a pontificar Abecasis, porque o povo de Lisboa vai de certeza reconquistar a sua cidade».

Sinal de uma futura lista unitária, que devolva à esquerda a maior e mais importante câmara do País? O modo como o Rossio completamente cheio reagiu à hipótese, sugere a ideia, pelo menos, de que Abecasis poderá não ter muito tempo de «reino» na cidade de Abril.

Milhares e milhares de jovens, espalhados pela Avenida do Rossio, participando com alegria na festa deram ainda outro tom e significado a esta comemoração de Abril. A AD gabava-se do apoio de largos sectores da juventude, à sua vitória de há dois anos. Foi crédito desbaratado, a julgar pela amostra de ontem onde dar as mãos, cantar a Grândola e ostentar os cravos e os autocollantes de Abril, teve a adesão impressionante de muitos milhares de adolescentes.

Na apresentação do comício, as vozes de Luís Filipe Costa, Igrejas Caserio, Mário Figueiredo, Hélder Fernando e Rui Pedro, foram também vozes de unidade.

E. A.

«Mudar de Governo, já!» Nas intervenções de fundo de Manuel Alegre e Aboim Inglês sobressaíram, ainda, a necessidade da queda imediata do Governo AD e o registo da memória inapagável do passado, da resistência unida ao fascismo. O dirigente do PS (que na sua intervenção omitiu cuidadosamente referências à sua qualidade de orador do Partido Socialista) diria a propósito: não é por acaso que está aqui a esquerda, toda a esquerda, nem é por acaso que a direita aqui não está. Eles são de outra tradição, de outra cultura, de outra história. Eles têm a memória do cacete e da força miguélistas: nós temos a memória dos bravos do Mindelo. Eles são da tradição dos Cabrais; nós somos da tradição da Maria da Fonte. Eles vêm

Retirar-se depois.

E, a par da «unidade», e «Abril

Por todo o País

Alentejo

Várias iniciativas de carácter político, militar, cultural e desportivo assinalaram nas três capitais de distrito alentejanas a data do 25 de Abril.

Em Évora, as comemorações foram assinaladas com uma cerimónia militar, promovida pela Região Militar do Sul, uma concentração-desfile pelas ruas da cidade e várias actividades desportivas e culturais.

Em Beja, o ponto alto das comemorações teve lugar às zero horas com uma largada de fogo de artifício, seguida de várias intervenções políticas e uma manifestação-desfile pelas ruas da cidade.

Algarve

O oitavo aniversário da Revolução de Abril foi comemorado em todos os concelhos do Algarve com manifestações promovidas por entidades oficiais, autarquias, sindicatos e partidos políticos. Das comemorações, a única dominada pela actividade desportiva e que resultou, em toda a região, mais de cinco mil atletas.

Coimbra

Uma abraçação com foguetes e o hastear da bandeira nacional nos paises do concelho assinalaram em Coimbra o início das comemorações do oitavo aniversário do 25 de Abril.

Depois de um desfile da Companhia de Sapadores da Região Militar do Centro e da banda da Associação Educativa e Recreativa de Góis pelas principais artérias da cidade, foi inaugurada uma exposição de documentação no Arquivo Histórico Municipal.

Guarda

As cerimónias iniciaram-se na Guarda, de manhã, com o izar da bandeira nacional nos paises do concelho, a que se seguiram arrua- das, pelas artérias da cidade, por grupos de «Zés Peraltas» e bandas de música.

Tomar

Actividades desportivas, concertos e espectáculos de folclore assinalaram, em Tomar, o aniversário do 25 de Abril.

Na mata nacional dos Sete Montes houve uma concentração e uma marcha de saúde que congregou atletas de ambos os sexos e de todas as idades.

Funchal

As cerimónias militares comemorativas do oitavo aniversário do 25 de Abril na Região Autónoma da Madeira, foram presididas pelo comandante chefe das Forças Armadas do arquipélago, Brigadeiro Figueiredo Valente.

«As cerimónias, que tiveram lugar na Paróquia da Misericórdia, estiveram também presentes o vice-presidente da Assembleia Regional, António Gil, presidente do Governo em exercício, Balsemão Marques, vigário capitular da diocese, todos os comandantes das Forças Armadas e Militares da região, membros do corpo consular e algumas centenas de populares.

Açores

O presidente do Executivo açoriano, Mota Amaral, declarou, na ilha do Pico, que a «esperança libertadora» iniciada em 25 de Abril foi um passo importante no processo de desenvolvimento do arquipélago.

Na inauguração do Aeroporto da ilha do Pico, cerimónia integrada no oitavo aniversário da «Revolução dos Cravos», Mota Amaral acrescentou que a Constituição de Abril corresponde «à justa luta do povo açoriano».

Guarda

Mais de meia centena de certos alegóricos em representação de freguesias do concelho da Guarda, desfilaram em domingo, pelas principais ruas da cidade.

Representando actividades típicas de cada freguesia, o cortejo exibiu, em alguns casos, cartazes com referência a carências sentidas pelas populações.

«Se o Presidente não o fizer, diremos claramente que a nossa política será não só levar o PS ao poder, mas também levar Mário Soares a Belém» — afirmou o líder da UGT.

Eanes também foi a Santarém

para testemunhar o seu empenhamento nas promessas do 25 de Abril

Inesperadamente, com surpresa geral, visto que poucos sabiam da sua vinda — e os poucos que tinham conhecido souberam-no à última hora — Eanes apareceu em Santarém, no almoço dos oficiais do quadro permanente.

A sua presença assume particular significado se considerarmos que é a primeira vez que tal sucede.

Ramalho Eanes particularmente bem-disposto, confraternizou algum tempo com os seus camaradas de armas, como mais um deles, que foi essa a situação em que ali se deslocou. E leu uma curta mensagem, que trazia preparada e dizia:

«As nações não são porque em cada momento se constroem pela vontade e empenhamento responsável dos seus filhos.

Não era assim em Portugal com a Nação portuguesa antes do 25 de Abril de 1974. Passou a sê-lo a partir dessa data.

«Destas verdades indiscutíveis que parto para reafirmar, agora, que estamos prestes a terminar o período de transição, o seguinte:

«Apesar dos erros, dos desvios e dos custos, o 25 de Abril valeu nacionalmente a pena.

«Não essencial a promessa de Abril feita pelos militares ao povo português cumpriram-se. A Nação portuguesa foi devolvida a liberdade e a responsabilidade do seu próprio destino.

«Eu, tal como tantos outros, aproveito esta data para reafirmar a validade e a fidelidade das promessas e das esperanças de Abril e para repetir que nelas me empenho pessoalmente.

Vivam as promessas e as esperanças do 25 de Abril. Viva Portugal.»

Desde há alguns dias que se admitia a possibilidade de o general Ramalho Eanes vir a deslocar-se a Santarém mas a decisão apenas foi tomada no domingo de manhã e só foi conhecida em Santarém bastante depois do meio-dia.

Um telefonema de uma secretária da Presidência da República, recebido por Salgueiro Maia, dava conta que Ramalho Eanes já tinha partido e estaria em Santarém pouco depois.

O segredo foi razoavelmente bem guardado e a chegada do Presidente foi mesmo surpresa para a maioria dos convivas.

Depois de ter estado com os oficiais do quadro permanente, Eanes foi também saudar os oficiais milicianos, que se reuniram noutras instalações da Feira do Ribatejo em frente à Casa do Campino.

Comemorações do 25 de Abril

Em Santarém um perfume intenso a cravos de Abril

Não se iludam os que pensam que o MFA terminou e está dissolvido

Aqueles que pensavam que Abril estava morto, que era apenas uma data a comemorar com saudosismo, que os militares tinham renunciado aos seus sentimentos democráticos e eram agora uma massa amorfa a caminho do passado, arrastando desencantadamente as fardas pelas paradas dos quartéis, tiveram no sábado, em Santarém, a demonstração e a prova evidente de que o 25 de Abril está vivo e bem vivo no coração de todos.

Cerca de 1600 oficiais do Quadro Permanente ali se reuniram para comemorar aquela data libertadora do povo e deles próprios. Foi uma confraternização particularmente vibrante, provavelmente a mais dinâmica e a mais consciente de quantas se realizaram até agora.

De uma forma clara, ali ficou bem expressa a determinação de defender o 25 de Abril em todas as circunstâncias se alguém tentar destruir os valores de liberdade que ele consagrou.

Mais velhos oito anos, mais tão jovens como naquela madrugada, testemunharam o seu empenhamento numa acção que voltariam a repetir se necessário. Não há arrependimentos e não agora mais até do que em 1974.

Os discursos contundentes dos três conselheiros da Revolução que usaram da palavra foram interrompidos frequentemente com aplausos. Um ambiente de unidade e coesão reinou neste convívio onde se reencontraram muitos dos vicissitudes da revolução haviam separado. O tempo deu-lhes os referenciais necessários para compreenderem que só os caminhos da unidade conduzem à vitória e aos interesses do povo que servem.

As Forças Armadas não mancharão o seu prestígio

O tenente-coronel Costa Neves fez a primeira das três intervenções previstas dos conselheiros da Revolução. Foi um discurso objectivo e contundente para com os inimigos de Abril.

Costa Neves falou do «Abril gerado nos corações dos homens oprimidos».

«No Abril de hoje os homens libertos do vício da emulação desregada que faz o homem inimigo dos homens e inimigo de si próprio; do «Abril do trabalho, Abril das mãos generosas que a injustiça cerrou e a esperança ergueu aos céus e agitou entre cânticos de vitória e de esperança»; do «Abril dos que nas prisões expiaram crimes que não cometeram e dos que no exílio escreveram por lágrimas saudades do seu País»; do «Abril dos que partiram e jamais regressaram das guerras injustas que a Portugal não serviam»; do «Abril dos povos ameaçados num turbilhão fraternal multicolor à conquista dos caminhos da liberdade e do desenvolvimento, proibidos pela exploração, pela miséria e pela ignorância impostas por condições sociais tão desumanas quanto egoístas»; do «Abril das crianças que não brincaram e não tiveram escola, dos velhos solitários e dos doentes esquecidos, dos humilhados, dos deficientes e dos desempregados, dos bairros degradados e dos flagelados pela fome»; do «Abril da natureza maltratada pela ambição desmedida do homem, que o torna o mais cruel dos deprimidos e a maior ameaça para o bem-estar físico e espiritual dos seus próprios filhos»; do «Abril dos soldados

armados de cravos que rasgaram as trevas da tirania e reencontraram o povo seu único soberano»; do Abril que foi há oito anos a restituiu aos militares a dignidade da sua profissão e a razão da sua existência.

Tudo isto para reconhecer que «nas cinzentas nuvens que ensoberbaram Abril dissimularam-se os que jamais lhe perdoarão a derrota que os privou dos seus privilégios e jamais se conciliarão com o regime democrático que lhes dificulta a sua recuperação».

«Incapazes de atacar abertamente o regime que sabem ter o sólido apoio do povo português — continua aquele membro do Conselho da Revolução — debilitam-no pela calada, enquanto à luz do dia evocam liberdades que jamais consentiram, direitos que jamais respeitaram, sentimentos que jamais experimentaram e a Pátria que nunca desinteressadamente defenderam.

«Aproveitam-se habilidosamente das contradições próprias de qualquer processo revolucionário e, ajudados pela impaciência dos que legítima mas ingenuamente esperavam de Abril a realização miraculosa de todos os seus sonhos e o fim imediato de todos os seus males e privações, atribuem às conquistas de Abril consagrações na Constituição da República e ao povo trabalhador a inteira responsabilidade da degradação da vida social, política, económica e financeira do País, que só a eles deve ser imputada, já pelo seu passado fascista, já pela sua inépcia do presente para viver em sã democracia.

«Na mira da reconstrução dos latifúndios perdidos e dos lucros fáceis obtidos pela exploração do homem, acusam os trabalhadores rurais e os agricultores de não produzirem o alimento suficiente, enquanto tudo fazem para que lhes seja dificultado o indispensável apoio técnico e financeiro e movem os seus apunhados para que sejam desmanteladas as unidades cooperativas mais prósperas da Zona da Reforma Agrária.

«Com o objectivo de restaurar os monopólios extintos, escondem ou mistificam os resultados positivos obtidos pelos sectores nacionalizados e intervencionados da economia, enquanto por má gestão, muitas vezes propiciada, fazem baixar os índices de produtividade e a qualidade dos produtos e serviços por via organizacional administrativa e financeira.

Costa Neves rejeitou a hipótese de a instituição militar se tornar num mero instrumento da política de um qualquer Governo. Disse que os militares deverão ser suprapartidários, já que a sua mais lúida missão é defender os interesses de todos os portugueses e não apenas de alguns.

«Mas jamais o suprapartidarismo deverá conformar-se com projectos ou actos políticos restritivos das liberdades, garantias e direitos democráticos, sob a forma de se transformar numa

autêntica forma de partidarismo, ainda que por omissão».

Costa Neves disse ainda «que os militares deverão manter-se neutrais face ao desenvolvimento democrático das lutas políticas pelo Poder. Mas a sua neutralidade não deverá manter-se quando confrontados com tentativas autoritárias e repressivas de conservação do Poder, sob pena de se tornar numa verdadeira cumplicidade, ainda que por apatia.»

O que fizemos no passado estamos prontos a fazer no futuro

O discurso de Vítor Crespo começou com uma evocação de Santarém, a cidade ponta-de-lança no 25 de Abril e dos homens da sua unidade de Cavalaria, lembrando os esforços de Salgueiro Maia para chegar com os seus tanques ao Terreiro do Paço e lembrou «quanta esperança e alegria» sentiram no Posto de Comando da Pontinha «ao ouvir nos estafados rádios a voz de Salgueiro Maia».

Referiu-se também aos artistas plásticos mais representativos da cultura portuguesa que quiseram estar presentes «e demonstrar assim a sua vontade e empenhamento nas transformações que o 25 de Abril proporcionou».

Analisando o período de transição que está a finalizar lembrou que os militares não podem permitir «que se aproveite esta situação para, através de uma qualquer subordinação ao Governo, usar as Forças Armadas como instrumento para a consecução de privilégios de classe, contrários ao interesse nacional».

«O período de transição está a terminar. Nós somos homens de acção. Não vivemos de recordações. Estamos aqui para festejar e para celebrar em conjunto este grande «elan» que nos une e nos une — mas também para o demonstrarmos publicamente. Somos nós militares de Abril, um grande corpo — e é bom que isso se saiba.

«É bom que o povo português que está com o 25 de Abril saiba que os homens que fizeram o que aderiram ao 25 de Abril estão com ele e dispostos a não deixar murchar os nossos cravos vermelhos. Nós fizemos no passado — estamos prontos a fazer no futuro. Para tanto teremos de nos manter apenas alertas e unidos como tempos feito até agora.»

Vítor Crespo referiu-se depois ao papel desempenhado pelo Conselho da Revolução e à sua próxima extinção para afirmar que isso constava do Programa do MFA e não levantará qualquer espécie de dificuldades porque não derrubaram o regime anterior para ficarem no poder.

«Não fizemos um «push», fizemos uma revolução. Os militares de direita é que deixam abaixo governos para se apoderarem do Poder e o exército na ponta das baionetas. Nós fizemos o contrário disso.»

Responsabilizou por outro lado as forças políticas que nos últimos anos têm estado no Poder pela perigosa involução verificada na vida portuguesa e advertiu as forças «que dizendo-se democráticas, culpam o 25 de Abril e o regime pela situação a que chegámos e aparecem a nroor onr todas as for-

mas o regresso ao passado, naturalmente autoritário ou fascista, prepotente e opressor» que «a esses diremos não, para esses nós constituiremos uma potencial barreira intransponível. A esses nós dizemos que o regime e a Constituição que a consagra serão inequivocamente respeitados e que a única vontade soberana em Portugal é a do povo português. Não estamos contra os políticos. Estamos sim contra as políticas e os homens que não servem o povo português».

Não se iludam os que pensam que o MFA terminou

Foi de confiança no futuro e de determinação, mas também de advertência, o discurso do major Vasco Lourenço, que usou da maior dureza para as forças políticas no Poder.

«Confessemos no entanto, disse, não serem nada animadoras as perspectivas que se nos deparam ao analisar os sintomas do presente, tornando-se mesmo legítimo interrogarmo-nos que tipo de democracia se pretende praticar quando os detentores do Poder executivo — ao mesmo tempo que nada fazem para pôr cobro à corrupção generalizada, ao mesmo tempo que se vão mostrando incompetentes e vão perdendo crédito junto da população — aumentam as provocações e a exploração sobre os trabalhadores e procuram criar condições para intervenções repressivas, não hesitando mesmo em inventar falsas situações de desordem social. (Não me admiraria nada que o estratega anti-subversão visse neste nosso convívio mais uma das suas sonhadas insurreições e se apressasse a pedir a ajuda de especialistas estrangeiros). Se é já preocupante que se procure demonstrar que a democracia se defende à bastonada, pior se torna a situação quando para esse desiderato se não hesita em manipular escandalosamente os principais órgãos de Comunicação Social».

Vasco Lourenço referiu-se depois ao papel das Forças Armadas na sociedade portuguesa e disse julgar poder interpretar o pensamento delas ao colocá-las «como instrumento do Estado e não instrumento do Governo», afirmando ser determinante que sejam encontrados os mecanismos que garantam a independência e o carácter nacional das Forças Armadas na orgânica do Estado.

Denunciou as vozes que vêm «das fórmulas que actualmente

Augusto Villela

de todos os militares identificados com o 25 de Abril, um local de reflexão permanente, exigente e crítica para com os próprios, inclusivamente sobre o nosso papel na sociedade portuguesa».

Disse que o papel dos militares na construção de Abril não terminara e que a Associação dos Militares de Abril «não deverá ser uma associação política nem uma organização corporativa».

Associação dos Militares de Abril vai arrancar

A Associação dos Militares de Abril vai arrancar e teve em Santarém um grande impulso. Está já constituída a base da sua comissão instaladora e há, segundo revelou Vasco Lourenço, a firme promessa por parte do Chefe do Estado-Maior do Exército de ceder instalações para a respectiva sede.

Referindo-se a esta Associação numa passagem da sua intervenção, Vítor Crespo definiu-a como «ponto de encontro

Comemorações do 25 de Abril

Reunidos na Cova da Piedade

Sargentos confirmaram apoio ao CR e ao PR

Sargentos dos três ramos das Forças Armadas reunidos sábado na Cova da Piedade para comemorar o 8.º aniversário do 25 de Abril manifestaram o seu apoio ao Conselho da Revolução e ao Presidente da República.

A intervenção dos sargentos do Exército afirmava, explicitamente, que «se o CR tiver de ser extinto não o será por vontade dos sargentos» e acrescentava que estes com partilhavam «das preocupações já manifestadas pelos generais Ramalho Eanes e Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas quanto à questão das chefias militares».

A intervenção dos sargentos da Armada dizia por outro lado, não se compreender «como podem as Forças Armadas ser rigorosamente apolíticas se os seus chefes foram propostos pelo Governo, sendo este órgão o de maior indole partidário». Afirmava também não se compreender que o Presidente da República, «que é o comandante supremo das Forças Armadas, tenha de estar sujeito às propostas do Governo

para nomear o chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas quando este lhe fica subordinado». «Como evitaria a instituição militar as crises governamentais se os seus chefes estiverem dependentes do Governo?», pergunta ainda. Em relação ao Conselho da Revolução, do qual se afirmou não haver inconvenientes na sua continuação, a intervenção da Armada perguntava para que órgãos passarão os seus poderes no caso de ser extinto e se nesse órgão os órgãos estarão presentes militares de Abril.

«Valeu a pena apoiar o Conselho da Revolução e o Presidente da República», dizia a intervenção dos sargentos da Força Aérea, acrescentando que «valeu a pena lutar contra os fantasmas do passado, vestidos ou não de novas roupagens, escondendo ou não sob a resgatada liberdade o seu ódio à liberdade do nosso povo». A intervenção fazia também, referência às notícias na imprensa sobre a chefia da Força Aérea, afirmando que «seria bom para todos que a



O almoço, sábado, na Cova da Piedade, mobilizou centenas de sargentos dos três ramos das FA's

chefia da instituição fosse sempre estável e merecesse a confiança dos órgãos de soberania que constitucionalmente a nomeiam, Presidente da

República e Conselho da Revolução». Pedia também o cumprimento da Lei da Amnistia na Força Aérea, afirmando não conseguir en-

tender porque é que «todos os sargentos que se mantêm suspensos desde 1975 têm sido levados a Conselho Superior de Disciplina e a esma-

gadora maioria deles tem sido passada compulsivamente à reserva».

Todas as intervenções reclamaram a constituição de um órgão representativo dos sargentos, participação destes na legislação que lhe diz respeito, nomeadamente na elaboração do reclamado estatuto da classe e, entre outros pontos, a constituição de um Conselho de Promoções integrado por sargentos eleitos.

Neste almoço convívio, no qual participaram cerca de dois mil sargentos, estiveram presentes o comandante Simões Teles, capitão Santos Silva e general Franco Charras, que leu uma mensagem de saudações.

Foram lidas mais de uma dezena de saudações recebidas durante o convívio e aprovadas por aclamação saudações dirigidas ao encontro de oficiais e ao de praças.

Durante a tarde actuaram os cantores Samuel, José Jorge Letria, o Rancho das Cantarinhas, o Grupo Coral Alentejano e o poeta Ary dos Santos.

Afirma-se em comunicado emitido ontem

CR não é indiferente à revisão constitucional

Reunido ontem, como é já norma nos aniversários do 25 de Abril, o Conselho da Revolução emitiu um comunicado apresentado aos órgãos de Informação pelo major Vítor Alves.

«Ao celebrar-se o oitavo aniversário do «25 de Abril», deseja o Conselho da Revolução, na fase final previsível da sua existência como órgão de soberania, dirigir a todos os portugueses e portuguesas, independentemente das suas opções políticas e ideológicas, uma mensagem de esperança e confiança nos valores da democracia e da liberdade.

«Sabemos os portugueses que nem todas as expectativas

nascidas nesse dia têm sido satisfeitas, muitas das transformações económicas, sociais e culturais que se esperavam em função da dinâmica de ruptura com o passado de ditadura e obscurantismo, não foram realizadas ou foram insuficientes. Mas forçoso é reconhecer também que, apesar de todas as dificuldades, internas e externas, o processo de consolidação das instituições democráticas se foi afirmando, as liberdades fundamentais foram preservadas e alguns passos foram dados no sentido de uma maior democratização da vida económica e social.

«Vivemos agora um momento particularmente importante

da nossa vida política que é o que corresponde à revisão constitucional. Com ela terminará o chamado «período de transição» que o Conselho da Revolução julga ter sido essencial como factor de estabilização e condição de progresso da sociedade em direcção a formas democraticamente mais elaboradas de organização do sistema político.

«O Conselho da Revolução acompanha atentamente o debate travado em torno da revisão constitucional, reconhece a sua urgência e a necessidade política da sua rápida implementação e formula votos para que a Assembleia

da República possa encontrar, sem precipitações mas também com a conveniente celeridade, as soluções mais adequadas ao progresso, justiça e bem-estar do povo português.

«Naturalmente que o Conselho da Revolução não será indiferente ao modo como esta revisão se fizer. Mas não tendo poderes constitucionais para nela intervir o que o Conselho da Revolução não pode deixar de exprimir neste momento é o voto de que os princípios fundamentais que inspiraram a Constituição de 1976 bem como os altos ideais da Revolução de Abril, nela consagrados, sejam preservados e, se possível, aperfeiçoados.

«O Conselho da Revolução, consciente das dificuldades graves que o País atravessa, consciente da complexidade da situação internacional que se repercuta, a vários níveis, na nossa vida interna, nem por isso deixa de salientar que a hora não é para desesperos, abandonos ou desânimos, mas muito pelo contrário, é o momento em que todas as virtualidades e energias devem ser postas ao serviço da Pátria, num esforço colectivo que tenha em vista a consolidação do Estado democrático, a preservação das liberdades públicas e o aperfeiçoamento e aprofundamento dos avanços em matéria económica e social.

«O povo português saberá responder aos desafios do futuro com coragem e lucidez. A sua história passada e garante seguro desta certeza.

Esperemos que os homens e instituições do presente saibam não só estar à altura das aspirações e necessidades populares, como sejam capazes de reflectir as virtudes e potencialidades do povo que servem se o conseguirem, como veementemente se deseja, os portugueses certamente não deixarão morrer a esperança que os imantou aos seus soldados no «25 de Abril».

Grande festa no Porto

O 25 de Abril mais vivo do que nunca

PORTO, 26 - «O 25 de Abril está mais vivo do que nunca no coração do povo português e a prova está aqui, nesta magnífica manifestação de alegria, de esperança e de força», disse no Porto o tenente-coronel Costa Neves durante o comício de ontem à tarde na Praça Humberto Delgado. Aquele conselheiro da Revolução disse ainda que «os erros do poder não devem ser imputados nem à liberdade nem ao regime democrático» e que «se para preservar a democracia for preciso que caiam governos, então que caiam».

O comício da Praça Humberto Delgado, onde na noite anterior já haviam decorrido as habituais celebrações em evocação da madrugada libertadora de 1974, com a presença de milhares e milhares de pessoas e o desfile de dezenas de carros alegóricos que percorreram diversas ruas do centro da cidade foram os

dois aspectos de maior destaque das festas do 25 de Abril no Porto, embora ao longo de todo o dia se sucedessem as iniciativas programadas, desde o desfile militar às manifestações desportivas, desde a homenagem aos resistentes antifascistas ao canto e às danças folclóricas. No entanto, as comemorações do 25 de Abril no Porto voltaram a ser, sobretudo, a grande festa dum convívio que acontece um pouco por toda a cidade que atinge a sua expressão máxima na vasta zona que se estende entre os dois monumentos de uma memória grande da cidade, as estátuas de Garrett e de D. Pedro IV. Foram as dezenas e dezenas de milhares de pessoas que aí voltaram a encontrar-se, uma alegria comum, cravos vermelhos por todo o lado, estar ali simplesmente, ainda que pareça rotina, porque alguma coisa de muito grande e muito profunda, sem a qual já não queríamos

viver, está de facto viva no coração das pessoas.

O discurso do tenente-coronel Costa Neves vincou esse sentimento ao evocar também um pouco da história do Porto e daquilo que neste espaço, ao longo dos séculos, se levantou pela liberdade e pela esperança, do Liberalismo ao 31 de Janeiro, passando por muitos dos maiores vultos das nossas letras. O conselheiro da Revolução prestou nesse ponto uma homenagem ao bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes, a quem chamou «cidadão íntegro» que soube «defender a causa da liberdade e da dignidade humana e denunciar o falso cristianismo do fascismo».

O papel das Forças Armadas, na sua história arrancada de há 8 anos, foi também salientado no discurso de Costa Neves. Evocou assim aquele «punhado de militares» que, «num cooperativo de consciência rompe com a

imagem que o regime fazia das Forças Armadas e nega-se a continuar a ser o braço armado do colonialismo e da repressão, recusa-se a ser a guarda privada de um poder ilegítimo». Costa Neves acrescentou que «no grandioso 1.º de Maio de 74, o povo e MFA afirmaram que o 25 de Abril fosse algo mais que um golpe militar destinado apenas a mudar as aparências». E acrescentou ainda: «São legítimas as esperanças de Abril para todos quantos desejam e lutam pela justiça social e pela dignidade humana e não serão as ameaças que constantemente se praticam contra as liberdades democráticas, contra os direitos dos trabalhadores, contra as conquistas da Revolução que nos farão desistir da luta por uma sociedade em que o povo seja efectivamente soberano».

Na outra passagem do seu discurso, muitas vezes inter-

rompido com aplausos e vivas ao 25 de Abril e à liberdade, aquele conselheiro da Revolução denunciou as atitudes dos que acusam a Constituição de 1976 «como causa da degradação económica e financeira do País» e dos que pretendem encobrir «os próprios erros, incapacidades ou manobras» com o alibi de que existe o Conselho da Revolução que, salientou, «se a sua actuação peço foi por ser excessivamente discreta e menos exigente do que a importância dos valores à sua guarda aconselhava». Na parte final do seu discurso, Costa Neves referiu-se às manifestações com que os militares, os oficiais e os sargentos, desde Santarém a Guimarães, festejaram o 25 de Abril e destacou especialmente o papel do Presidente da República ao reafirmar na primeira daquelas cidades «a sua qualidade de militar de Abril e a vontade inquebrantável de contribuir para que

as esperanças de um futuro melhor para Portugal e para os portugueses se transformem em realidade». Costa Neves concluiu com «a garantia de que as Forças Armadas não servirão de sustentáculo a nenhum poder antidemocrático» e de que isso dá ao povo trabalhador «a certeza de que poderá construir por suas próprias mãos um futuro cada vez melhor».

No desfile que se seguiu ao comício da Praça Humberto Delgado com dezenas de carros alegóricos, a defesa da Constituição da República foi uma preocupação central. Praticamente todos os carros faziam da Constituição de 1976 o motivo da sua presença no desfile, já que cada um ostentava uma transcrição do nosso texto fundamental aliado a pontos em que a liberdade e as conquistas dos trabalhadores, em que as esperanças de Abril e a defesa da Revolução encontravam ali a sua resposta e a sua expressão.

Comemorações do 25 de Abril

De uma maneira ou doutra...

Todos os partidos homenagearam Abril

Todos os partidos com assento na Assembleia da República (UDP, MDP/CDE, UEDS, ASDI, PCP e PS, pela oposição, e PPM, CDS e PSD, pela Aliança Democrática), subiram, ontem à tribuna para homenagearem o 25 de Abril.

Falando em primeiro lugar, Mário Torrê, da UDP, manifestou satisfação mas também preocupação porque a situação em que o País se encontra «se vai assem-

confundir-se com dois anos de Governo AD».

Jorge Miranda, da ASDI, elogiou os militares de Abril, designadamente aqueles que em 25 de Novembro «foram fiéis à democracia pluralista» e teve palavras «de justiça» em relação ao Conselho da Revolução «que esteve à altura da sua missão». Ferreira do Amaral, do PPM, sublinhou que o primeiro e mais significativo sucesso do 25 de

coisa e a Constituição outra e argumentou que «os portugueses apenas podem defender homens que vão executar um programa predeterminado».

Jaime Gama, do PS, defendeu que o 25 de Abril «não pode ser uma data sectária» e fez o elogio dos militares de Abril. Considerou ainda que o 25 de Abril «valeu a pena».

Sousa Tavares, do PSD, disse



lehando inquietantemente àquela cujo fim hoje se comemora».

António Taborda, do MDP/CDE, interveio de seguida para afirmar que se «a festa acabou há muito, a esperança, essa, renova-se cada dia e apesar dos acidentes e até por via deles, vai dando vida aos cravos que dentro de nós teimam em não murchar».

Lopes Cardoso, da UEDS, criticou o Governo AD, nomeadamente no que se refere à Comunidade Social e referiu que o balanço do 25 de Abril «não pode

Abril foi o de «derubar uma ditadura» e esperou que «salazarismo - nunca mais!».

Veiga de Oliveira, do PCP, criticou o Governo AD, que acusou de «estar disposto a destruir Abril», e afirmou que «no dia primeiro do ano novo de Abril, a ninguém é permitido diminuir a importância decisiva que pode ter para o regime democrático a revisão da Constituição».

Rui Pena, do CDS, criticou a actual Constituição por, em seu entender, a maioria querer uma

que «nunca mais poderemos ignorar a total sombra dos homens que iam de madrugada à casa de outros homens que contra nós se revoltavam em África, para poderem assumir a sua própria e essencial dignidade».

Por último, Oliveira Dias, presidente da Assembleia da República, afirmou que o 25 de Abril «tem de ser um dia em que se sentem e se afirmam responsabilidades muito profundas, e em que sobre elas é obrigatório reflectir».

CEMGFA aos militares

Dependência do poder político legítimo mas sem sujeição a desígnios partidários

Uma parada militar em frente ao Mosteiro dos Jerónimos, na qual tomaram parte unidades dos três ramos das Forças Armadas da Região Militar de Lisboa e das Forças de Segurança, constituiu a parte militar das comemorações do 25 de Abril em Lisboa.

As forças em parada, comandadas pelo brigadeiro João Gomes do Amaral, eram constituídas por uma companhia de alunos do Colégio Militar, uma companhia de alunos do Instituto Militar dos Pupilos do Exército, uma companhia de alunos da Escola Naval, uma companhia de alunos da Academia Militar, uma esquadra de alunos da Academia da Força Aérea, um batalhão de fuzileiros, um batalhão da Escola Prática de Infantaria, um batalhão do Regimento de Infantaria de Queluz, um batalhão da Escola Prática de Cavalaria e Centro de Instrução de Artilharia Antiaérea de Cascais, um batalhão de comandos, um batalhão de pára-quedistas, uma companhia da Guarda Nacional Republicana, uma companhia da Guarda Fiscal, uma companhia da Polícia de Segurança Pública e um esquadrão moto e um grupo a cavalo do



Melo Egídio discursando na Praça do Império

Regimento de Cavalaria da Guarda Nacional Republicana.

Na qualidade de Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, o general Melo Egídio dirigiu uma mensagem aos militares na qual, depois de salientar «a data histórica que possibilitou aos portugueses escolherem democraticamente o seu destino», afirmou que «passados

estes anos e recordando os acontecimentos e as vicissitudes entretanto ocorridas, podemos verificar, não obstante erros cometidos, que foram respeitadas, no fundamental, as promessas constitucionais no 25 de Abril de 1974 e posteriormente reiteradas no 25 de Novembro de 1975».

O CEMGFA destacou a forma como as Forças Armadas subiram reagir a todas as crises e manter-se coesas e disciplinadas.

Abordou também a questão da dependência das Forças Armadas do poder político legítimo, afirmando que elas aceitam naturalmente este princípio.

«Todavia, sublinhou, esta dependência, que de modo algum pode ser entendida como sujeição a desígnios políticos parciais ou partidários, obriga a que, pelos mais altos responsáveis, de acordo com o espírito e para além das próprias disposições constitucionais, seja assegurado o rigoroso apoliticismo das Forças Armadas».

Nesta mensagem, Melo Egídio abordou também a problemática das Forças Armadas, as suas potencialidades humanas e técnicas e a maneira como têm sabido utilizá-las.

Eanes na Bélgica

Vastas realizações à margem da visita presidencial

Antecedendo o início da visita oficial de quatro dias do Presidente da República à Bélgica, começou hoje a ser inaugurado em Bruxelas e Antuérpia um conjunto de manifestações de carácter cultural, comercial e turístico relativo a Portugal e divulgando aspectos diversos da actualidade portuguesa.

Notícias de Bruxelas veiculadas pela ANOP dão conta, por exemplo, dum iniciativa da Câmara de Comércio Lusó-Belgo-Luxemburguesa, uma «Quinzena Portuguesa», que abre hoje e estará aberta para a participação interessada do público até 9 de Maio. Há ali uma exposição de artesanato e produtos típicos portugueses, e vai haver conferências e colóquios sobre a situação actual de Portugal no campo socioeconómico, falando-se designadamente de Banca, Seguros, Têxteis e Transportes.

No plano cultural, está prevista uma exposição bibliográfica e iconográfica dedicada a Fernando Pessoa, e haverá uma mostra de livros infantis portugueses, pintura, desenhos e maquetas do artista Nuno Corte Real - português há anos radicado na Bélgica, onde se tem distinguido pela sua actividade no campo da cenografia, tendo colaborado, por exemplo, com Maurice Béjart no «Ballet du Vingtième Siècle».

Os organizadores asseguram ainda uma prova permanente de vitinhos do Porto e uma «Quinzena Gastronómica Portuguesa», a realizar de colaboração com os hotéis «Europa» (de Bruxelas) e o «Algarve» (Praia da Rocha, Portugal).

As jornadas dos operadores turísticos e das representações turísticas estrangeiras na Bélgica são outras iniciativas integradas no âmbito da Quinzena Portuguesa.

Em Antuérpia, o consulado de Portugal organizou uma «Semana» incluindo manifestações gastronómicas e conferências sobre temas diversos como a adesão às Comunidades Europeias, o turismo, as relações históricas entre Portugal e a Flandres, a obra de Fernando Pessoa.

Durante a Semana (de hoje a 2 de Maio), estarão expostas num hotel da

cidade obras do pintor José Guimarães (prémio Rubens aqui há três anos).

Entretanto o Museu do Cinema, do Palácio das Belas Artes, em Bruxelas, começou a apresentar uma série de sete filmes portugueses: «A Canção de Lisboa», de Colineili Telmo; «Verdes Anos», de Paulo Rocha; «As Armas e o Povo», colectivo; «Benilde ou a Virgem Mãe», de Manoel de Oliveira; «Cerramaral», de Luís Filipe Rocha; «Oxalá», de António Pedro de Vasconcelos; e «Kilas», o mau da Fita», de Fonseca e Costa.

Eanes à «Jeune Afrique»: As FA's depois da revisão

Por outro lado, o Presidente da República conheceu uma entrevista à revista «Jeune Afrique», onde, a dado passo, lêia do papel que estará reservado às Forças Armadas portuguesas depois da revisão constitucional.

No dizer de Eanes, esse papel «não será diferente do assumido desde 1976». «A extinção do Conselho de Revolução não modificará no essencial o regime constitucional, em que as Forças Armadas estão há muito tempo perfeitamente integradas».

«O que importa - diz o PR - é garantir que os responsáveis políticos continuarão a ter a preocupação, sempre necessária, de não retenderem utilizar nenhuma forma de pressão dos militares na evolução normal dos assuntos políticos, pois a função dos militares nunca deverá ser confundida - uma vez terminado o período de transição - com as funções políticas legitimadas pelos mecanismos normais da democracia».

NAS PASSADEIRAS

Os peões e os condutores têm de respeitar a sinalização luminosa

A REVOLUÇÃO DE 1820

MANUEL FERNANDES TOMAS

As principais peças de Manuel Fernandes Tomas sobre o movimento de 1820.

Documentos históricos que ajudam a compreender e interpretar as importantes transformações que ocorreram na Sociedade Portuguesa.



coleção universitária

na estrada do futuro CAMINHO

de ontem para hoje

Violador e assaltante de bancos

UMA cervejaria da Praça da Liberdade, no Porto, foi detido o espanhol Benigno Lopez Saco, de 41 anos, que teria confessado às autoridades ter-se evadido da cadeia de Zamora, em 1979, onde cumpria uma pena de prisão de oito anos, por violação de menores. Benigno Saco, que desde essa data, se radicou em Espinho, é ainda acusado de ter participado no seu país em vários assaltos a bancos. Na sua residência as autoridades encontraram um revólver de calibre 32 e uma pistola de gás. Benigno Saco, que já foi presente aos juizes de Instrução Criminal, encontra-se desde antontem preso nos calabouços da Polícia Judiciária, no Porto.

Deficientes contra Governo Civil

Os deficientes portugueses reunidos no seu Segundo Encontro Nacional, no Centro de Reabilitação de Alcoitão, repudiaram energicamente «o gesto prepotente que o Governo Civil de Lisboa adotou relativamente às associações de cegos, despojando-os impiedosamente de um montante superior a 27 mil contos de prémios não reclamados nos sorteios, quando esta entidade tem obrigação de saber qual o fim social a que tais valores são destinados». Face a esta situação, os deficientes «exigem a imediata revogação do Decreto-Lei salazarista n.º 48.912 em que se apoiou a decisão do Governo Civil de Lisboa para lesar as associações de cegos e desse modo, exercer pressões e chantagens sobre elas, em virtude de necessitarem das receitas dos



sorteios, já que não são contempladas pelo Orçamento Geral do Estado».

Veneno de escaravelho

Não suportando, ao que parece, a separação da mulher que o abandonara há tempos, deixando-lhe os dois filhos, Ângelo do Carmo Silva, de 35 anos, pôs termo à vida, ingerindo o produto de dois frascos de veneno de escaravelho. O corpo foi encontrado no sábado à tarde por uma guarda florestal, nos terrenos anexos à Quinta de Falfães, em Catassol, no concelho da Maia. Horas antes, Ângelo do Carmo fora entregar os filhos aos avós maternos.

Bombeiro sem olho esquerdo

Dois bombeiros da recém-criada corporação da Castanheira do Ribatejo ficaram seriamente feridos durante uma operação de treino desenvolvida ontem junto ao Tejo, em Alhandra. Manobra indispensável para o bom exercício das funções (a de encher o reservatório de água) foi durante a sua prática que, em condições ainda por explicar, a mangueira que nela é

utilizada saltou, qual ventosa devoradora, «sugando» a vista esquerda do jovem João Miguel, 21 anos, trabalhador na «Metal», que foi transportado para o Hospital de Santa Maria. Um outro bombeiro da Castanheira, Joaquim Lourenço, ficou com o maxilar superior bastante traumatizado, sendo transportado ao Hospital Distrital de Vila Franca de Xira.

Uma sova no trolha

Na madrugada de antontem, seis desconhecidos atacaram, na Rua do Cimo da Vila, em Gaia, o trolha Manuel Pais da Silva, de 22 anos, a quem roubaram uma carteira com vários documentos e cinco contos em dinheiro. Manuel Pais, que foi encontrado sem sentidos por uma patrulha da PSP, teve de receber tratamento no Hospital local.

Mural do 25 de Abril

A Revolução de Abril irá ser evocada em mural nos cinco arcos do átrio do Palácio de S. Bento, num concurso cuja abertura acaba de ser anunciada pelo presidente da Assembleia da República, Oliveira Dias. «Estou certo», disse Oliveira Dias, «que os pintores portugueses saberão corresponder a este desejo e a este repto e que assim, quem entrar nesta casa veja para sempre o que para o Parlamento português foi e será este marco da nossa História.»

Cobertores em chamas

Um curto-circuito esteve na origem de um incêndio que, na madrugada de sábado, destruiu, em Santo Tirso, uma fábrica de cobertores e um armazém anexo, causando prejuízos calculados em cerca de cem mil contos. Para além da destruição das instalações e dos cobertores em «stock», o fogo danificou ainda seriamente a maquinaria. No combate às chamas participaram os bombeiros de Santo Tirso e de Riba de Ave. A fábrica emprega quarenta trabalhadores, entre operários e pessoal administrativo.

Serralheiro com haxixe

O serralheiro mecânico Carlos Vasconcelos, de 20 anos, solteiro, foi detido na Rua da Emenda, em Lisboa, por ter sido surpreendido por agentes da PSP, numa casa de jogos com quatro gramas de haxixe em seu poder. Ao ser interrogado no Governo Civil, o jovem confessou ter adquirido a droga a um indivíduo que apenas diz «conhecer de vista».

Estado dá tolerância a alguns funcionários

Lisboetas terão miniférias

Os funcionários e agentes do Estado e dos institutos e serviços descentrados da administração central sediados nos concelhos de Vila Viçosa, Coimbra, Braga e Porto terão tolerância de ponto nos dias em que Sua Santidade o Papa passar por aquelas localidades. A Câmara Municipal de Lisboa decidiu entretanto que o dia 14 seja feriado municipal.

No concelho de Vila Viçosa é concedida a tolerância de ponto aos funcionários de Estado acima referidos, durante a manhã do dia 14 — período em que João Paulo II estará em Vila Viçosa. Os funcionários do Estado do concelho de Coimbra beneficiarão da mesma prerrogativa na manhã do dia 15, durante a passagem do Papa por aquela cidade.

Os bracarense terão todo o dia 15 por sua conta, uma vez que o Papa permanecerá aí praticamente, um dia. Como se trata de um sábado, além dos bracarense que não são funcionários do Estado nem dos serviços atrás mencionados o Papa terá a acolhê-lo milhares e milhares de espanhóis, sobretudo da Galiza. Nesse mesmo dia haverá também tolerância de ponto no concelho do Porto.

Plano de Trás-os-Montes

CEE vai investir para melhor integrar

PORTO, 26 — A assinatura do protocolo do Projecto de Desenvolvimento de Formação Integrada do Nordeste Transmontano está na ordem do dia em toda a região e a ser debatido com permanência. Assim aconteceu no passado fim-de-semana em Carrazeda de Ansiães, num encontro em que participaram autarcas brigantinos e representantes da Comunidade Económica Europeia.

O projecto que a Assembleia da República aprovou, depois de vários «saltos» de agenda, respeita à integração do planalto mirandês, que abarca os concelhos de Mogadouro, Miranda do

Douro e Vimioso, reflectindo-se em outros mais. No essencial engloba o incremento de actividades económicas, artesanais e turísticas, bem como a aplicação de um projecto de extensão rural.

De 1980 a 1982 desenvolveu-se já, no concelho de Mogadouro e nas áreas administrativas limítrofes, uma experiência de educação de adultos ligada ao desenvolvimento local. Uma das conclusões da avaliação da experiência aponta para o seu alargamento a toda a região do Nordeste de Portugal. Face ao interesse expresso pela CEE, serviços e

entidades envolvidas na primeira experiência propõem-se desenvolver um projecto operacional alargado a toda a região.

Jean Joseph, consultor permanente da CEE, referiu que a «região de Trás-os-Montes é frágil, quer a nível de comunidade europeia, quer a nível de Portugal. Por isso, «a CEE pretende investir na região», acrescentou aquele técnico.

A Direcção-Geral do Emprego, dos Assuntos Sociais e da Educação da CEE cobrirá 50 por cento do custo global do projecto através do Fundo Social Europeu e do Fundo Regional da Comunidade.

Maçã a 60, 70 e 80\$00

Retalhista ganha 13 escudos em quilo

Um diploma hoje publicado no «Diário da República» fixa os preços máximos da venda ao público da maçã, qualquer que seja a sua variedade e origem. O mesmo diploma fixa também os preços máximos de venda retalhista.

A portaria tem em conta que as condições climáticas foram adversas à produção nacional, cujos reflexos se traduzem actualmente numa insuficiente oferta e na prática de preços elevados. Por outro lado, a introdução no mercado da maçã, adquirida a preços relativamente inferiores aos de origem nacional, está também na decisão do Governo ao fixar a sua venda, independentemente da origem, ao regime de preços máximos.

Assim, os preços da epiderme-vermelha e de outras variedades passam a ser vendidas ao público, conforme o seu calibre, entre 60 e 80 escudos, e ao retalhista entre 47 e 67 escudos. A epiderme-vermelha com calibre inferior a 70 milímetros custa 57 escudos ao retalhista e 70 ao público, isto é, aquele poderá ganhar 13\$00. Com 70 mm ou calibre superior fica ao público por 80 escudos e ao retalhista por 67\$00. Outras variedades: com calibre inferior a 70 mm, a 47 para o retalhista e a 60\$00 para o consumidor; e superior ou igual a 70 mm, a 70\$00 para o público e a 57\$00 para o retalhista.

Carne é ouro e fogo

Quilo de lombo sobe para 590\$00

O quilo de carne de lombo sem osso, verde ou congelado, passa a custar cerca de seis notas de cem (590 escudos), e o de vaca (também sem osso) 530\$00, seja de bovino adulto ou de novilho — fresco ou congelado.

O quilo de carne de primeira categoria (verde ou congelada), de que fazem parte cernilha, jarrete, rabada, posta falsa, perna e fundo da pá, acém redondo, pojadouro, cobreta do pojadouro, rabadilha, acém comprido, alcatra, chá de fora e chelo, agulha, espelho e o sete da pá sobe para 430 escudos, nos termos de um diploma hoje inserto na folha oficial.

O «DL» referiu-se oportunamente ao aumento da carne, por ocasião dos novos preços anunciados por João Salgueiro, há uma semana, no Palácio Foz. Comprar carne, com ou sem osso, vai-se tornando luxo entre nós cada vez menos acessível à maior camada de portugueses.

O lombo e a vaca não têm osso e por isso o preço é inalterável.

Mas a carne de primeira categoria atrás anunciada, que custa 430 escudos sem osso, fica por menos oitenta escudos (por 350\$00) com osso.

O cachaço, capa de cernilha, óculo, nispas e sobrepeito, de 2.ª categoria, custa 325 escudos por quilo, sem osso, e a 250 escudos com osso. Por 325 escudos sem osso fica também o resto de pá, aba grossa, cachaço, peito alto, chumbões e coberta de acém de 2.ª categoria, e a 250 escudos com osso.

A fralda, o peito, o rabo, a aba delgada, a aba das costelas, o prego do peito e o rabo, tudo carne de 3.ª categoria, passa a custar 250 escudos o quilo, sem osso, e 180 com osso. O quilo da língua sobe para 290 escudos, o de rim para 280\$00. Estes preços respeitam ao bovino adulto e ao novilho, quer se trate de carne verde (fresca) ou congelada.

Professores aprovaram estatutos do Sindicato da Região Centro

O Sindicato dos Professores da Região Centro é uma realidade. Em assembleia geral descentralizada, 3330 professores daquela zona do País aprovaram no passado dia 22 a constituição do Sindicato, os respectivos estatutos e a existência duma comissão directiva provisória. Esta terá como função a reinstalação do Sindicato e a promoção de eleições dos corpos gerentes até ao final de 1982.

A reorganização do Sindicato dos Professores da Região Centro é o culminar dum processo de contestação à actualização dos dirigentes do Sindicato dos Professores da Zona Centro, nomeadamente no que respeitou à realização dum referendo para aprovação de estatutos e integração do SPZC na UGT.

Professores da Região Centro organizaram-se, posteriormente ao referendo, em comissões de defesa e unidade sindical com vista à reposição dos princípios que nortearam a criação do Sindicato dos Professores no Centro do País, depois de 25 de Abril.

A comissão de reorganização do Sindicato dos Professores da Região Centro, expressa da seguinte maneira, em comunicado, o que se passou: «Estava enganada a DS que pensava poder continuar a instrumentalizar a seu bel-prazer o nosso sector profissional, transformando o

Sindicato numa massa amorfa e sem poder reivindicativo. Contra a inoperância intencional e inactividade da direcção na resolução dos nossos problemas, os professores organizados nas comissões de defesa e unidade sindical, mobilizando-se e dinamizando o sector, puseram de pé o processo de reorganização do Sindicato dos Professores da Região Centro.»

A disposição dos professores de reorganizarem um Sindicato «participado, reivindicativo e actual» ficou patente na discrepância de número de votantes na assembleia descentralizada do passado dia 22 e no referendo, no dia 21 de Janeiro. Essa discrepância verificou-se a nível regional, do que a comissão de reorganização dá um exemplo, através da divulgação dos números relativos ao distrito de Aveiro: assim, o referendo foi votado por 241 professores, tendo 234 votado «sim» aos estatutos do SPZC, 3 «não» e 228 «sim» à integração na UGT. Na assembleia descentralizada votaram «sim» ao SPZC 543 docentes; 55 «não», 35 absteram-se, registando-se 17 votos nulos. Quanto aos estatutos, foram aprovados por 495 votos a favor, 43 contra, 86 abstenções e 26 votos nulos; a comissão directiva provisória recebeu 518 votos a favor; 18 contra, 87 abstenções e 27 votos nulos.

Faculdade de Letras do Convento de Jesus

Realizou-se no sábado, como tinha sido anunciado, o almoço de convívio e de confraternização dos antigos alunos da Faculdade de Letras do Convento de Jesus. Passou de uma centena e meia o número de participantes. Número este inferior ao do almoço realizado em 1980, mas que, com pesar dos organizadores, não podia ser excedido dado que as salas do hotel onde o almoço-convívio se realizou não comportaram mais de cento e sessenta convivas.

Num ambiente agradável, o Dr. José da Silva justificou a iniciativa, lembrou os anteriores almoços realizados em 1967 e

1980, e anunciou um novo almoço-convívio para 1984. Uma nota triste: como se tinha efectuado na manhã de sábado o funeral do Professor Doutor Rebelo Gonçalves, há anos jubiliado, os seus antigos alunos e todos outros colegas renderam-lhe a homenagem de um minuto de silêncio.

O Dr. José da Silva, atentamente escutado, procedeu à leitura de uma carta do Professor Doutor Manuel Rodrigues Lapa que, por razões de idade e de saúde, se desculpava de não estar presente. O Professor Doutor Rodrigues Lapa completou, no dia 22 de Abril, oitenta e cinco anos.

Bispo do Porto foi homenageado

O bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes, afirmou na capital ortlenha que «não é preciso sair da Igreja para prestar serviço à sociedade».

«O serviço da Igreja transformou-se em si mesmo em serviço da sociedade», acrescentou. D. António falava no encerramento da cerimónia de homenagem pública que lhe foi prestada sábado no Palácio da Bolsa, no Porto.

D. António Ferreira Gomes, que pediu a resignação ao completar 79 anos, vai deixar em 2 de Maio próximo o governo da diocese do Porto, que lhe foi confiado em 1952.

O bispo resignatário do Porto afirmou-se «honrado pela homenagem que não merecia» e referiu-se ao Presidente da República «a quem, pediu para não estar presente para que a homenagem se circunscrevesse à diocese do Porto».

Obtido «consenso» com Governo

Ordem dos Médicos desconvoca greve

A Ordem dos Médicos, pela voz do seu presidente, Gentil Martins, desconvocou a greve que estava marcada para hoje, considerando aceitável a resposta do Governo às suas principais reivindicações. «Foi obtido um consenso», afirmou Gentil Martins no final da reunião realizada no último sábado com o ministro dos Assuntos Sociais, Luís Barbosa.

cos receberam os retroactivos correspondentes à equiparação a partir de 1979.

Gentil Martins admitiu, no entanto, a hipótese da Ordem poder ir para a greve no caso do cumprimento do acordo proposto pelo Executivo de Pinto Balsemão não satisfazer as reivindicações dos seus associados.

De acordo com a mesma fonte, Luís Barbosa considerou legítima a equiparação dos médicos aos técnicos superiores e licenciados da função pública, pelo que subiu uma letra na tabela de vencimentos. Não ficou esclarecido, no entanto, se os médi-

Clube de Lisboa, uma operação de rastreio ao glaucoma, uma doença hipertensiva ocular que a não ser tratada a tempo poderá conduzir à cegueira irreversível.

De acordo com o dr. Santos Lapa, director de glaucoma daquele Instituto, a doença é normalmente hereditária, mas poderá igualmente surgir em consequência de «stress» da vida moderna que pode contribuir para «desencadear crises de hipertensão». Os interessados poderão dirigir-se ao Instituto Gama Pinto (Travessa Larga, 2), com capacidade para examinar diariamente 110 pessoas, às quartas e sextas-feiras das nove às doze horas.

Rastreio de glaucoma

O Instituto Oftalmológico Gama Pinto está a realizar, até ao próximo dia 19 de Maio, em colaboração com o Lions

Nós temos muito a dizer sobre habitação



MERCATOR

A poluição visual pela construção imobiliária é uma das desvantagens de quase todas as sociedades em desenvolvimento.

A Mercator, que conta com o consenso de arquitectos, paisagistas e urbanistas de grande experiência e nomeada, insere harmoniosamente os seus projectos no meio ambiente em que edifica.

Quanto aos espaços interiores, considera os padrões de dignidade exigidos pelas concepções e funcionalidade da vida moderna.

A Mercator acredita fielmente na construção civilizada. Por esse motivo considerou sempre em qualquer dos seus empreendimentos, a situação a qualidade, o espaço habitacional e o envolvimento urbano.

Depois de Alto da Barra e do Outeiro de S. Julião, Mercator urbaniza e edifica o Alto das Flores, um conjunto habitacional em Cascais, em que você pode optar por uma moradia ou um andar, em condições excelentes.

Visite-nos hoje mesmo.



cascais
ALTO DAS FLORES

Companhia de Investimentos e Realizações Industriais, s.a.r.l.

Alto da Barra
Bloco C, Lote 4 - R/C. - Tels. 243 35 90 - 243 83 96
2780 OIRAS

PROJECTOS

TEPACOL — Cópias Heliográficas, com serviço de entregas sem quaisquer encargos adicionais.

Prepare os originais e telefone para 80 58 13

Rua Aquiles Machado, 20-B — Lisboa

Para a próxima vez não fique em branco



BERLITZ ensina-lhe inglês

Falar um bom inglês multiplica as suas oportunidades de êxito, tanto no seu trabalho como na sua vida social.

Falar inglês tornou-se hoje indispensável e a Berlitz é o melhor especialista.

Visite-nos hoje mesmo!

A Berlitz ensiná-lo-á a pensar e a falar em Inglês em menos tempo do que você imagina.

Telefone para a Berlitz e amanhã já falará inglês!

BERLITZ
DESDE 1878

A ESCOLA DE LÍNGUAS DE MAIOR PRESTÍGIO DO MUNDO

Escadinhas da Barroca, 2 Telf: 87 46 56
(ao Largo de S. Domingos — ROSSIO)

SITese

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO, COMÉRCIO E SERVIÇOS

COMUNICADO

25 DE ABRIL E 1.º DE MAIO FESTEJAR EM LUTA

A Liberdade e a Democracia são conquistas irreversíveis do Povo Português. Oito anos decorridos após a revolução dos cravos, as virtualidades que a Democracia consubstancia e os mecanismos que a Constituição da República consigna, têm funcionado sem interrupções e o Povo Português tem manifestado um profundo apego e respeito por estes valores através dum comportamento cívico exemplar que durante décadas lhe foi negado poder assumir.

Todavia, a esta clara e inequívoca consolidação das Liberdades e da Democracia que caracterizam Portugal como um Estado de Direito e Democrático, ainda não correspondem as transformações da sociedade portuguesa que com o 25 de Abril nasceram no coração dos portugueses.

Não basta, pois, que as instituições democráticas funcionem apenas para regozijo dos políticos. É desnecessário que as instituições funcionem aprofundando e desenvolvendo a Democracia no contexto económico, social e cultural.

É nesta perspectiva que os trabalhadores portugueses devem festejar, lutando, no 1.º de Maio de 1982!

O 1.º de Maio de 1982 deve constituir uma grandiosa jornada de luta que leve a uma alteração profunda da política económica e social que tem vindo a ser desenvolvida e que tem gerado o agravamento da crise, provocando mais desemprego e miséria.

Os trabalhadores portugueses estão com o 25 de Abril e com a mensagem de justiça social que o mesmo contém.

VIVA O 25 DE ABRIL
VIVA O 1.º DE MAIO

A DIRECÇÃO



Bolívia: camuflada ou não, até quando a repressão?

Bolívia: liberalização encarada com reservas

Os partidos políticos bolivianos receberam com reserva as medidas de liberalização — legalização dos partidos políticos e supressão do recolher obrigatório — anunciadas no sábado pelo regime.

Essas medidas entraram ontem em vigor, de maneira permanente. Anunciando o levantamento das proibições que tinham sido instauradas durante o golpe de Estado de 17 de Julho de 1980, o presidente boliviano, general Celso Torrealba, abriu a via para uma certa democratização, que permitia conduzir até às eleições locais de 1983. Essa via poderá ser a primeira consequência de uma amnistia geral para numerosos dirigentes políticos, pensam os observadores.

Muitos partidos tinham condicionado o diálogo com o governo à aplicação dessas medidas de liberalização, como foi o caso do «Movimento Nacionalista Revolucionário» (MNR), da «Acção Democrática Nacionalista» (ADN) do antigo presidente Hugo Banzer e o «Partido Revolucionário da Esquerda Nacionalista» (PRIN).

Pelo contrário, outros partidos denunciaram essas medidas e pediram reformas constitucionais mais amplas e a convocação imediata de eleições.

Entretanto isto, o general David Padilla Arancibia antigo presidente da Bolívia (1978-79) declarou á rádio Pan Americana de La Paz, ter entrado na clandestinidade para não ser

enviado para o exílio no Paraguai pelas autoridades do seu país.

Com efeito — explicou — recebeu uma convocação do comando da Polícia Militar para se explicar quanto às críticas que formulou ao serem anunciadas na passada quinta-feira as próximas eleições gerais.

Auxílio americano a El Salvador

O Departamento de Estado confirmou implicitamente que os Estados Unidos estão dispostos a manter a sua assistência económica e militar a El Salvador, apesar da crescente intervenção da extrema direita no regime saído das eleições de Março.

«É mais um problema de políticos do que de personalidades declarou uma porta-voz do Departamento de Estado, lembrando que mais do que um partido ou homens, o governo apoia em El Salvador, um programa de reformas económicas e sociais.

Dean Hinton, embaixador dos Estados Unidos em São Salvador declarou numa conferência de imprensa que o auxílio americano «seria mantido de todas as maneiras».

Esta declaração foi interpretada como uma reviravolta da parte do governo americano que até agora vinha insistindo como condição para o prosseguimento dessa assistência, na presença de individualidades democratas cristãs do governo anterior na

nova coligação formada em face do resultado das eleições.

Entretanto: isto o arcebispo de El Salvador, Mons. Arturo Rivera Y Damas, denunciou ontem os perigos que o aumento do poder da coligação de direita faria correr, segundo ele, a paz civil do país.

«A alegria sentida no passado dia 28 de Março, face ao número de votantes, está ensombrada pela inquietação nascida da composição da Assembleia Constituinte e das suas consequências», declarou o arcebispo ao domínio de dois partidos de extrema-direita nessa coligação maioritária da Assembleia.

Mons. Rivera Y Damas afirmou que a prática do «assassinio político e da repressão» prosseguia no país e que desse ponto de vista a situação «não tinha praticamente melhorado» desde as eleições. Entre 29 de Março e 11 de Abril, foram assassinados 143 civis e 56 outros foram presos por razões políticas, prosseguiu o arcebispo, precisando que, spo no mês de Março, foram relatados mais de trezentos casos de desaparecimentos à Cruz Vermelha Internacional.

Mon. Arturo Rivera Y Damas pronunciou-se igualmente a favor do prosseguimento de uma política de reformas «extensa e profunda» e considerou que «nem a repressão, nem o constrangimento pelas armas oferecerão uma saída».

A «Royal Navy» na Geórgia do Sul TIAR posto hoje à prova

A situação criada pelo esperado ataque britânico, ontem desencadeado contra a pequena e mal guarnecida Geórgia do Sul «vai realmente por, pela primeira vez, à prova o Tratado Interamericano de Assistência Recíproca» (TIAR), considera-se nos meios diplomáticos de Washington.

Nos meios próximos da Organização dos Estados Americanos (OEA) pensava-se que esse ataque, realizado na Véspera da reunião da organização, a decorrer esta tarde, era um desafio lançado à OEA. Tanto mais que essa reunião «podia fornecer fórmulas construtivas para uma solução», sublinhava-se nos meios próximos da OEA.

A reunião da OEA foi convocada a pedido da Argentina, tendo sido aprovada por 18 dos 21 signatários do «TIAR». Os Estados Unidos, a Colômbia, e Trinidad e Tobago abstiveram-se.

A propósito das decisões que serão tomadas durante este encontro, «tudo dependerá agora do que os argentinos pedirem», diz-se nos meios próximos da organização.

Nos meios diplomáticos da capital americana, considerava-se ontem à noite que os resultados dessa reunião «ameaçavam ser decepcionantes, se procurar obter uma decisão que vá além do simples domínio diplomático».

A Argentina considera-se por seu turno, «tecnicamente em guerra», como declarou o ministro argentino dos Negócios Estrangeiros, quando

Malvinas: conforme era esperado

chegou, ontem, aos Estados Unidos.

O ministro argentino, negou, contudo que o princípio das hostilidades possa significar a cessação dos esforços diplomáticos para se chegar a uma solução negociada.

O embaixador britânico na capital americana, Nicholas Henderson, partilha igualmente essa opinião. Numa entrevista concedida à televisão, Henderson afirmou que as negociações «não podiam de maneira nenhuma ser consideradas como terminadas».

O embaixador britânico acrescentou que o ataque contra as ilhas Geórgia do Sul incitava «os argentinos a comecarem a negociar seriamente, dando-se conta que não poderão continuar nas ilhas impunemente».

Por último, indica-se no Departamento de Estado que o general Haig «se absterá muito provavelmente» de chefiar a delegação americana à reunião do «TIAR», com o fim de não comprometer a sua missão de mediador, que pretende continuar.

Os Estados Unidos encontram-se numa situação embaraçosa por causa dos seus compromissos no sistema interamericano e dos seus laços com a Grã-Bretanha, sublinham os observadores.

Os combates segundo Nott

As forças argentinas que estavam nas ilhas de Geórgia do Sul renderam-se duas horas depois do desembarque bri-

tânico, afirmou, em Londres, o ministro da Defesa, John Nott.

«Até agora não foi assinada nenhuma perda do lado britânico e ainda não temos nenhuma informação acerca do lado argentino quanto a este ponto», disse Nott. Recordou-se que o contingente militar argentino na Geórgia do Sul cifrava-se em 74 soldados.

Os soldados britânicos, explicou Nott, foram desembarcados em Grytviken por helicópteros. As forças argentinas «ofereceram apenas uma resistência limitada», içaram uma bandeira branca ao lado da bandeira argentina e renderam-se imediatamente, acrescentou Nott.

O ministro fez esta declaração de frente da porta do número 10 da Downing Street, ao lado do chefe do Governo, Margaret Thatcher, a «dama

O plano da pólvora

O plano da pólvora, segundo jornalistas que andam na guerra: primeiro, a Royal Navy a desembarcar na isolada, quase desabitada principal ilha da Geórgia do Sul. Depois dizer «aquí estamos com o nosso 'Hermes' e o nosso 'Invincible'». Depois, esperar até ver. A seguir, se Washington e a Organização dos Estados Americanos não se entenderem, fazer o cerco a sério às Malvinas. Final-

de ferro». «Durante a primeira fase da operação, os nossos helicópteros atacaram um

submarino argentino o «Santa Fé», ao largo da ilha, acrescentou Nott. Este submarino tinha sido detectado ao nascer da manhã de ontem e foi atacado «porque constituía uma ameaça para os homens e os navios de guerra britânicos», declarou o ministro.

Os combates segundo Buenos Aires

Durante todo o dia de ontem, as autoridades argentinas afirmaram que a Geórgia não tinha sido tomada pelas forças britânicas. Nenhum comunicado oficial falou mesmo formalmente dum desembarque britânico.

Uma fonte naval, citada pela primeira edição do jornal «Cronica», afirma que «a

mente, acabar tudo entre amigos, assegurar para o «Ocidente» uma posição de grande valor estratégico e acenar com a ameaça branca da Antártida.

Não há geógrafo que não saiba que as Malvinas ao Pólo Sul é bastante mais perto do que de Londres até lá. Por enquanto, não haverá motivo para alarme, a não ser que o contrário esteja certo.

única coisa que está nas mãos da Inglaterra é Grytviken, capital da ilha.

«A Geórgia é argentina. A única coisa que os ingleses fizeram foi danificar um velho submarino (aparentemente o «Santa Fé», data de 1944) e ocupar uma cidade desabitada, enquanto os argentinos se tomaram senhores de todas as Malvinas. Não nos renderemos na Geórgia, continuaremos a combater, porque a ilha é desde sempre argentina e continuará a sê-lo enquanto houver ali um argentino vivo», declarou a fonte naval citada pelo jornal.



No mapa, de terminologia britânica, a Grande Malvinas (East Falkland) e a Soledad (West Falkland). Cerca de 200 ilhotas. Uma delas, Geórgia do Sul. Al desembarcaram, helicópteros, os militares ingleses que alvejaram um submarino argentino com data de fabrico de 1944.

Londres ao ataque

As tropas britânicas que desembarcaram ontem na ilha Geórgia do Sul retomaram hoje o controlo do porto de Leith, situado a cerca de quinze quilómetros a oeste de Grytviken, anunciou o Ministério britânico da Defesa (é a última notícia que temos sobre a batalha).

Num comunicado, o Ministério anuncia que a reconquista do porto de Leith — uma antiga estação de pesca à baleia — não fez vítimas.

O Ministério da Defesa recusou-se a comentar as informações argentinas segundo as quais as tropas de Buenos Aires estariam ainda a resistir no interior da ilha.

Junta argentina confirma

A Junta Militar argentina confirmou o ataque lançado por helicópteros britânicos contra um submarino que estava no porto de Grytviken.

Num comunicado com o número 28, a Junta precisa que o submarino se encontrava à superfície quando do ataque. O texto oficial argentino acrescenta que «um submarino à superfície não possui nenhuma possibilidade ofensiva ou defensiva, o que significa que o ataque britânico constitui uma clara agressão em viola-

Continua na pág. 16

Ontem em Varsóvia

Encontro Glemp-Jaruzelski

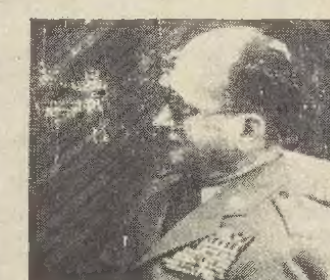
O general Wojciech Jaruzelski e o primaz de Varsóvia, mons. Josef Glemp, encontraram-se ontem, ao fim da tarde, em Varsóvia, anunciou a Televisão polaca.



Comunicado final

O «entendimento nacional» e o «acordo social» foram os temas dominantes das conversações entre o general Wojciech Jaruzelski, primeiro-ministro, e o primaz da Polónia, mons. Josef Glemp, que se encontraram no Vaticano onde será recebido pelo Papa João Paulo II.

O último encontro entre o primaz e o general data de 11 de Janeiro, e, entretanto, a Igreja publicou um documento sobre a sua concepção de «concordia nacional», que não suscitou ainda nenhuma reacção nos meios oficiais.



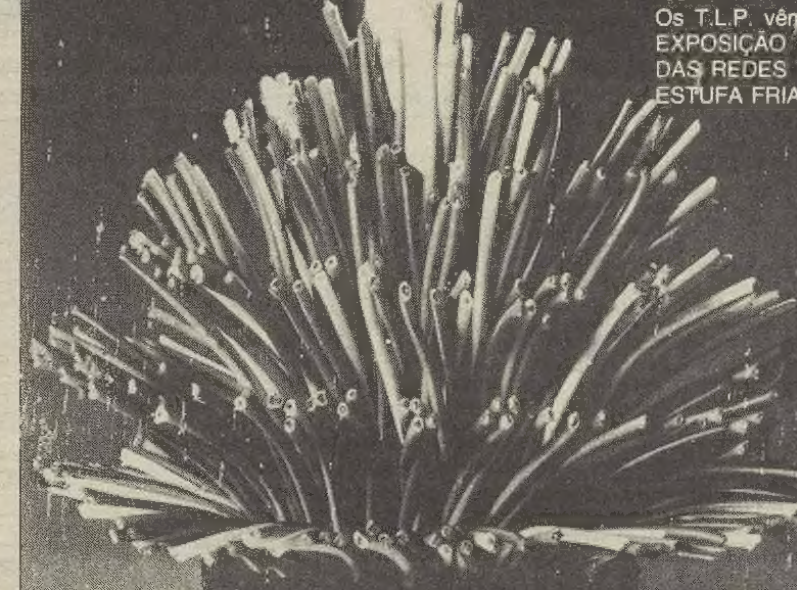
plicada». O país, concluíram, «enfrenta múltiplas dificuldades» e «para a vencer é preciso que o Poder e a sociedade façam um esforço comum. Neste contexto, acrescenta o comunicado, foi abordado o entendimento nacional e o acordo social».

O general e o primaz, indica ainda o comunicado, verificaram que este entendimento e este acordo «deviam ser realizados na via do diálogo no qual as relações Igreja-Estado desempenham um papel de grande importância».

1º CENTENÁRIO DAS REDES TELEFÓNICAS DE LISBOA E PORTO

Exposição Comemorativa ESTUFA FRIA
De 26 de Abril a 10 de Maio
das 15h às 23h

Passaram-se 100 anos desde o primeiro «Está lá?» dito em português. Dito no primeiro telefone ligado à rede pública. Hoje, em 1982, um «Está lá?» significa 100 anos de tecnologia, de trabalho, de aperfeiçoamento técnico: 100 anos de telecomunicações. Os T.L.P. vêm dizer-lhe «Está lá?» e convidá-lo para a EXPOSIÇÃO COMEMORATIVA DO 1º CENTENÁRIO DAS REDES TELEFÓNICAS DE LISBOA E PORTO, na ESTUFA FRIA, de 26 de Abril a 10 de Maio.



1882-1982
100 anos de Telecomunicações
TELEFONES DE LISBOA E PORTO

Pinochet milionário

A notícia vem de Estocolmo, Suécia, veiculada pelo diário local «Expressen». O diador Augusto Pinochet recebeu uma herança que lhe foi doada por um milionário sueco, de seu nome John Wilhelm Hjerstedt. De acordo com a informação, investimentos judiciosos permitiram ao

sueco a constituição de uma fabulosa fortuna, composta por dinheiro e títulos, de numerosas minas de ouro e de prata nos Estados Unidos.

Falecido há dois anos, Wilhelm Hjerstedt, grande admirador de Pinochet e por ele condecorado em 1977 devido à sua acção na Suécia a favor

da Junta Militar chilena, tinha inicialmente redigido o seu testamento a favor da secção do Exército de Salvação da cidade de Göteborg. Problemas com a Organização levaram-nos a mudar de ideias e fazer de Pinochet o seu herdeiro universal.



O sorriso amarelo de John Nott, ministro britânico dos Negócios Estrangeiros, acompanhado por Margaret Thatcher, quando lia o último «comunicado de guerra». (Telefoto UPI/ANOP/«DL»)

2 de Maio

dia Mundial dos Trabalhadores

Manifestação

M. Moniz-Alameda Afonso Henriques às 14,30

U.S.I. / CGTP-IN • USS / CGTP-IN • CIL e CIS

CONHEÇA CUBA E...

Partidas semanais de Junho a Outubro

3 PROGRAMAS DE VIAGEM

CUBA HISTÓRICA - 12 dias

CUBA A TODO O RITMO - 17 dias

CUBA E MANAGUA - 17 dias

PROGRAMA E RESERVAS:

MUNDIRAMA

VIAGENS E TURISMO LDA.

R. DO CRUCIFIXO, 33 1100 LISBOA

Telefs. 36 03 02 / 32 88 56

Mubarak não foi às cerimônias

Lágrimas, júbilo e revolta assinalaram entrega do Sinai

A retirada israelita do Sinai, ontem, foi diversamente assinalada pelos principais intervenientes. Enquanto que o presidente egípcio Mubarak depunha um ramo de flores junto ao mausoléu de Sadat, em Sharm El Sheikh às 10 horas tmG de ontem, hor entre soluços e lágrimas, os soldados israelitas assistiram à substituição da bandeira.

Diferente foi a forma dos palestinos, postos à margem dos acordos de Camp David, celebraram o 25 de Abril que, para a guerrilha e as aspirações palestinas, marca o início de uma nova etapa de luta. Disso mesmo, se fez eco a dirigência da Frente Popular para a Libertação da Palestina (FPLP), George Habash.

O dirigente da FPLP, uma das forças que integra a Organização de Libertação da Palestina (OLP), considerou que a restituição do Sinai ao Egito abre uma nova e mais perigosa era para a região. Em entrevista concedida à agência italiana ANSA, o dirigente da FPLP reafirmou que os palestinos nunca aceitarão a coexistência com Israel e que a sua organização nunca fará compromissos de paz enquanto Israel existir. Referindo-se a reconciliação entre o Egito e os outros estados árabes pretendida pelo presidente Mubarak, Habash sublinhou que só

será possível se o Cairo abandonar o seu tratado de paz com Israel.

Manifestações e ataques

Manifestantes árabes atacaram ontem uma esquadra da polícia israelita em Tubas ferindo um agente. De acordo com o comunicado do comando militar israelita, os soldados abriram fogo para o ar para dispersar a multidão.

Em Ramallah, Norte de Jerusalém, o exército de ocupação israelita encorreu três escolas depois de estudantes árabes terem queimado pneus e apedrejado patrulhas do exército. Finalmente, em Kalandia, nos arredores de Jerusalém, repetiram-se os apedrejamentos às forças policiais.

Estes incidentes surgiram na sequência de uma greve geral convocada pela OLP em protesto pela entrega do Sinai. O exército israelita impôs o recolher obrigatório em Tubas, Kalandia e Qabatiya, nos arredores da cidade de Nablus.

Estes incidentes vêm confirmar que o problema palestino ainda não está resolvido. Aliás o primeiro-ministro israelita, Menahem Begin, «advertiu» os gueri-

lheiros palestinos do Sul do Líbano de quem ataque a Israel poderia provocar novas retaliações israelitas, semelhantes aos ataques aéreos da semana passada.

Intenções e comentários

Numa mensagem dirigida às diversas unidades do exército israelita, o ministro da Defesa de Telavive, Ariel Sharon, referiu-se à retirada do Sinai como a última concessão. «Não nos refilamos do Sinai, evacuamo-lo, refere a nota que sublinha que não haverá mais concessões israelitas. Por outro lado, Sharon abordou a questão do povoamento do Golan, da Cisjordânia e da faixa de Gaza, territórios ocupados por Israel, como plano integrante da segurança do Estado Judeu.

Entretanto, o retirada israelita do Sinai mereceu no Mundo as mais diversas interpretações. Para o chanceler federal alemão Helmut Schmidt, saudou a retirada do Sinai como um passo essencial e grande para a Paz do Médio Oriente. Em nota divulgada pelo seu gabinete, Schmidt refere-se às possibilidades de cooperação entre Israel e o Egito, saudando a «coragem dos dois países por terem vencido a sua inimizade tradicional e assinado o acordo de Camp David».

A agência soviética TASS, em comentário datado de ontem de Moscovo, declarou que o que se passava no Sinai era «de facto a substituição da ocupação israelita, pela ocupação dos Estados Unidos - NATO e a criação de um novo foco perigoso de tensão militar, no Médio Oriente.

Acordo israelo-egípcio

Israel e o Egito chegaram hoje a acordo sobre a disputa fronteiriça em Tabá, o último problema que ofuscava a retirada final israelita do deserto do Sinai.

A disputa envolvia pouco mais de metade de um quilómetro de terra e a praia a sul de Eilat, reivindicado por ambas as partes.



Em Sharm El Sheikh a substituição da bandeira

Em Bruxelas

Manifestação violenta

Violentos recantos opuseram, sábado à tarde, em Bruxelas, a Polícia a milhares de manifestantes que participaram numa marcha de jovens a favor do emprego.

Cerca de quinze mil jovens concentraram-se na capital belga, vindos de todo o país, a apelo de diversas organizações sindicais de juventude e de organizações políticas belgas.

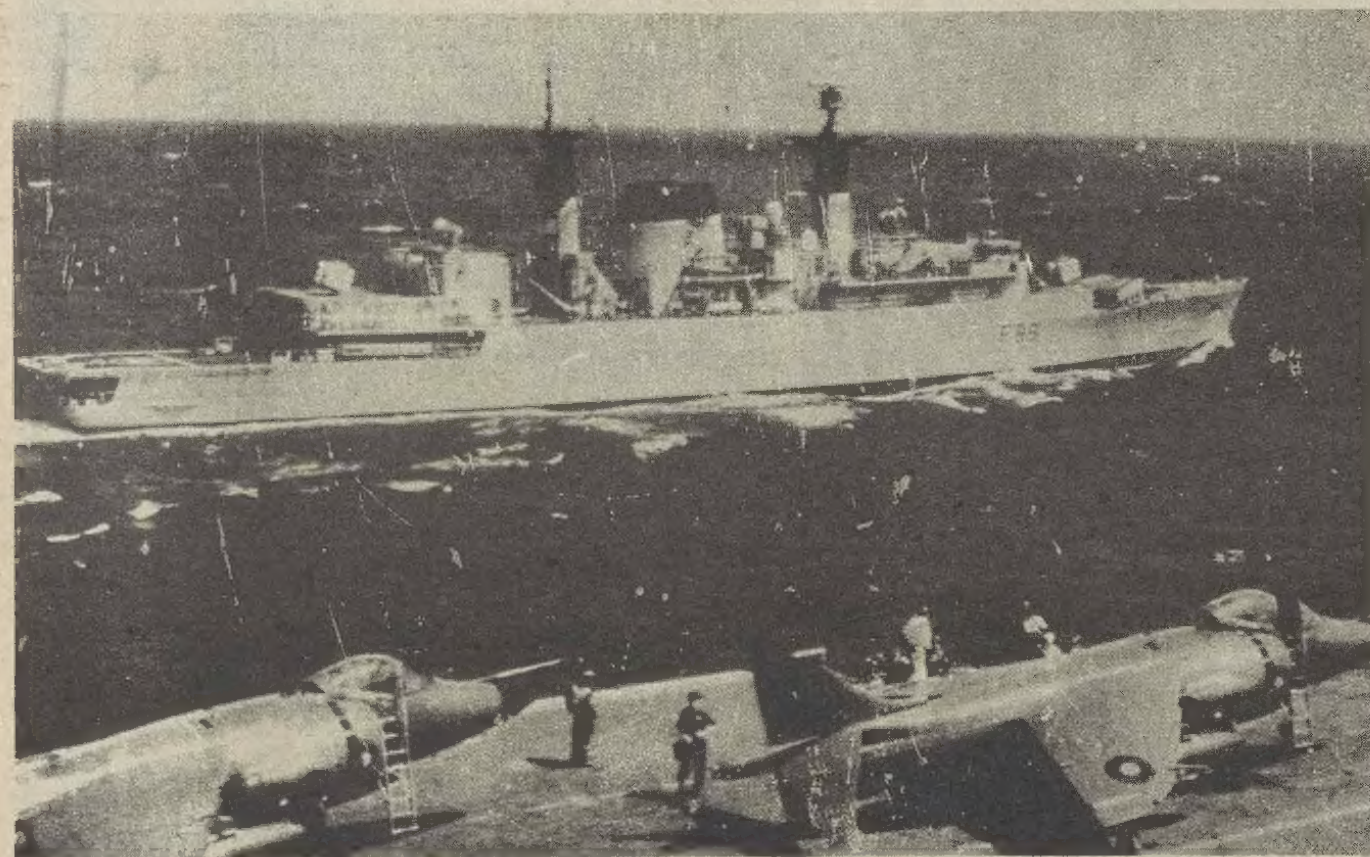
Os manifestantes entoaram slogans contra a política do primeiro-ministro belga Wilfried

Martens, em matéria de emprego.

Quando os manifestantes dispersavam pelas 17 horas locais, grupos de jovens tentaram atingir o bairro do Parlamento e dos ministérios, tradicionalmente interdito às manifestações. A Polícia interveio, carregando sobre os jovens, os quais responderam com o lançamento de cocktails Molotov.

Os jovens menores de 25 anos representam 37 por cento do número total de desempregados na Bélgica.

A "Royal Navy" na Geórgia do Sul



O «destroyer» britânico «Broadsword» e o porta-aviões «Hermes» (em primeiro plano) quando se deslocavam a caminho das Malvinas, no dia 11 do corrente. (Telefoto UP/ANOP/DL)

Continuação da pág. 15

ção da Resolução 502 do Conselho de Segurança das Nações Unidas e uma acção prevista no artigo três do Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (TIAR), como determinante das alternativas de defesa continental previstas por este instrumento interamericano.

Tudo indica que a Argentina vai apostar forte na reunião de hoje da OEA, invocando a solidariedade latino-americana. Com verdade ou não, de Washington chegam notícias que falam de «embarço diplomático». Significativamente, as agências noticiosas referem como «fontes», ora o Departamento de Estado, ora a Casa Branca, ora individualmente, o secretário de Estado, Alexander Haig.

Haig, em entrevista à «Time», mencionou os interesses hemisféricos dos EUA, respondeu platonicamente à pergunta sobre o actual estado de relações entre o seu país e a Organização dos Estados Americanos, tendo o cuidado, no entanto, de insistir «nos êxitos consideráveis obtidos no apoio aos países da América Central e Sul, e sublinhando o que considera o «sucesso» da sua política para a Nicarágua e El Salvador.

Ou sim ou não. De acordo com o que as ineláveis sondagens dão a entender, o povo americano pressiona a administração Reagan a tomar claramente uma posição — «pela Grã-Bretanha ou contra a Grã-Bretanha».

Por enquanto, e a terminar, será de referir que é ambígua a reacção nas múltiplas capitais, acerca deste conflito das Malvinas chamdo, com permanentes apelos à negociação e condenação da violência. Violência, que, segundo o último «telex», causou um ferido sem gravidade nas hostes argentinas.

Prisioneiros

As forças britânicas fizeram 200 prisioneiros de guerra na ilha da Geórgia do Sul, segundo anunciou hoje em Londres uma fonte governamental.

Dos duzentos prisioneiros, 80 a 90 provêm do submarino argentino «Santa Fé», danificado pelos helicópteros da «Royal Navy», durante o ataque de ontem ao porto de Brytivilken, precisou-se de fonte governamental.

Um marinheiro argentino foi ferido durante a operação, tendo perdido uma perna, acrescenta-se da mesma fonte.

Casa da Imprensa

Setenta e sete anos nessitados de atenção

A Casa da Imprensa, que completou na passada sexta-feira 77 anos de existência, «está a ser ajudada pelos principais jornais privados, portugueses, na sua meritória obra de acção social» — afirmou o presidente daquela instituição, Mário Branco.

Ao fazer um apelo às empresas jornalísticas para que «dêem a mão à mão à Casa da Imprensa», Mário Branco sublinhou o facto de o mais antigo e um dos mais recentes jornais portugueses do continente — «O Comércio do Porto» e a «Gazeta dos Desportos», respectivamente — terem compreendido o alcance da obra de solidariedade da instituição e a necessidade de expandi-la.

Mário Branco apontou ainda o facto de o «Correio da Manhã» se ter inscrito como sócio subscritor, gesto que foi seguido, sucessivamente, por «A Bola», «Expresso», «O Jornal», «Tempo», «Sete» e, como acima foi dito, «O Comércio do Porto» e a «Gazeta dos Desportos».

A mencionada obra de solidariedade da instituição, segundo Mário Branco, vem merecendo, a par do esforço de sucessivas gerações de jornalistas, o carinho dos lisboetas e a benevolência de algumas bem conhecidas figuras, designadamente ligadas à medicina e ao espectáculo, e, ultimamente, ao desporto.

Em idênticas circunstâncias, adiantou o presidente da instituição, estão as empresas do Coliseu dos Recreios, onde dia 7 de Junho se efectuará o espectáculo de distribuição de «Prémios Casa da Imprensa» — e a do Campo Pequeno, em cuja praça se realiza, em 5 de Agosto, a «Corrida da Imprensa».

«Não é fácil — diria ainda Mário Branco — a vida das mutualidades. Mas sabendo-se o papel que desempenham, é singular o que acontece com a Casa da Imprensa: destruir da compreensão e iniciativa de pessoas privadas, singulares e colectivas — e defrontar-se com a indiferença dos sectores do Governo que tinham obrigação de lhe prestar atenção».

«O Comércio de Leixões» — 75 anos

Uma exposição retrospectiva dos setenta e cinco anos de jornal «O Comércio de Leixões» foi inaugurada ontem na sede do Orfeão de Matosinhos.

A exposição insere-se nas comemorações das «bodas de prata» do Orfeão, associação cultural e recreativa fundada em Abril de 1957 por iniciativa daquele semanário, que então se publicava sob o título de «O Badião».

Era então director do periódico o jornalista Santos Lessa, que também fez parte dos primeiros corpos directivos do Orfeão.

A exposição, patrocinada pela Câmara Municipal de Matosinhos, está patente ao público até ao dia 9 de Maio.

Jornalistas canadianos nos Açores

Seis jornalistas canadianos iniciam a 17 de Maio uma visita de quatro dias aos Açores a convite do Governo Regional.

Representando o «Financial Post», o «Photographer» o «Toronto Star» e o «CKQT Radio» esses jornalistas visitarão as ilhas de S. Miguel, Terceira, Faial e Pico.

Balsemão na assembleia do IPI

Mais de 300 empresários, editores, directores e chefes de redacção de meios de Comunicação de diversos países participaram na assembleia mundial do IPI, em Madrid, de 10 a 12 de Maio.

Entre os temas a debater estão as relações de Imprensa entre aqueles diversos países, assim como as relações entre proprietários, gerentes e editores dos meios de Comunicação Social na década dos anos 80. O Primeiro-Ministro portu-

guês, Pinto Balsemão, já confirmou a sua presença na assembleia, a fim de presidir a um colóquio sobre as relações entre o Governo e a Imprensa.

Do Instituto Internacional de Imprensa (IPI) fazem parte membros de 62 países.

Prémios espanhóis

Baltasar Porcel e Miguel Angel Velasco foram galardoados em Madrid com os prémios de jornalismo, Mariano de Cavia» e «Luca de Tena», considerados como os mais tradicionais e prestigiosos do jornalismo espanhol.

Porcel foi distinguido pelo seu artigo intitulado «Catalunha, Madrid, Castela», publicado no diário madrilenho «ABC»; e Velasco pelo seu trabalho «Jesus Cristo teria nascido hoje também

na rua», dado à estampa no jornal «Ya», de Madrid.

Pela fotografia «Assalto ao Congresso dos Deputados», distribuída pela agência EFE no dia 23 de Fevereiro de 1981, Manuel Fernandez Leon ganhou o prémio «Mingote».

Jornalistas gregos no Governo

Yanis Kapsis, jornalista grego,

foi recentemente empossado como vice-ministro dos Negócios Estrangeiros, sendo o segundo profissional da Informação a ingressar no Governo de Andreas Papandreu.

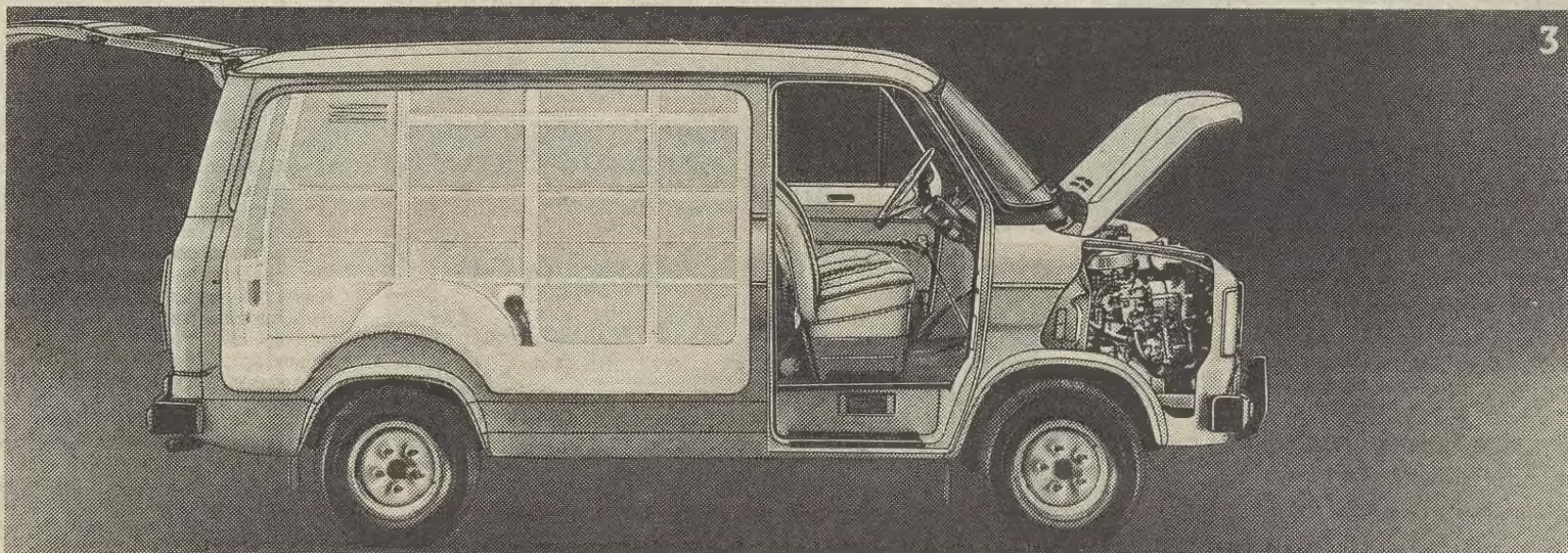
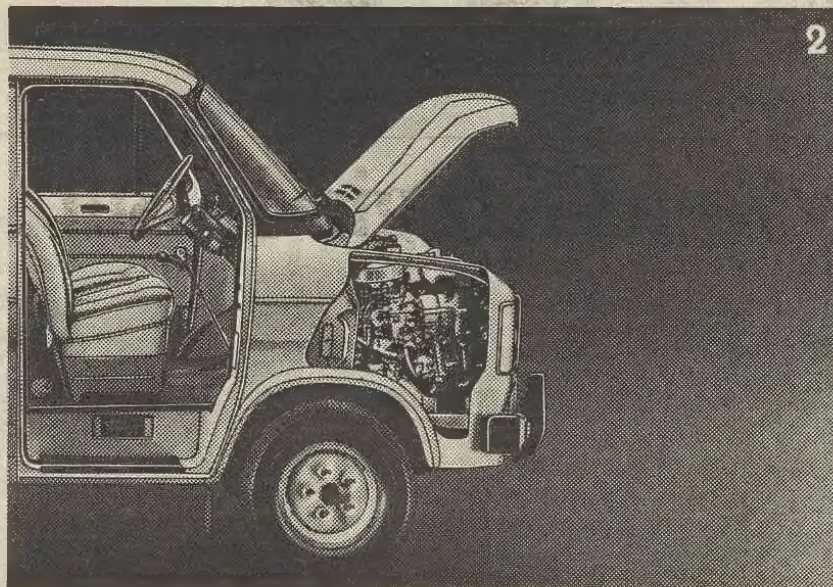
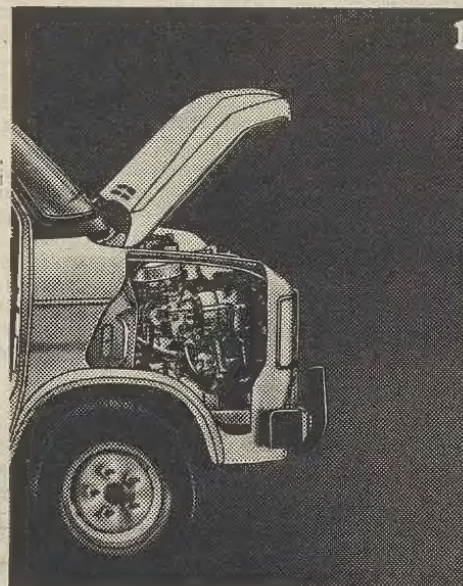
Nascido em Atenas, em 1929, Kapsis estudou direito na Universidade de Atenas, e, em 1970, durante a ditadura militar, foi condenado a cinco anos de

prisão por artigos publicados no jornal «Ethnos», de que era o chefe de redacção.

É amigo íntimo de Papandreu e membro do partido no poder (PASOK) desde a sua fundação, em 1974. O outro jornalista no Governo é Dimitrios Maroudas, secretário de Estado para a Imprensa, repórter e director do órgão oficial do PASOK.

FORD TRANSIT

O COMERCIAL QUE MAIS CIRCULA EM PORTUGAL



FORD TRANSIT é o comercial que mais se vê em Portugal. De Norte a Sul. Em todas as actividades.

E não admira. Há muitas e boas razões para preferir a Transit. Eis apenas três — três razões de sobra que justificam uma só preferência:

1. MOTOR COMPROVADO E ACESSÍVEL PARA BAIXOS CUSTOS DE MANUTENÇÃO

Sob o amplo capot, todos os componentes são de fácil acesso para tornar mais simples e rápido o serviço de manutenção. E, além da garantia normal de 12 meses ou 20.000 km, a Transit pode beneficiar da super-protecção da Garantia-Extra Ford!

V. precisa de um motor comprovadamente forte — o magnífico Ford Diesel 2.4 litros!

2. AMBIENTE DE CONDUÇÃO DE 1ª CLASSE

agradável. A sua ampla largura da via facilita a condução, melhora a aderência à estrada e aumenta a estabilidade. O ambiente de condução é, sem dúvida, o melhor da sua classe. Os acessos e o espaço interior da cabina são de primeira categoria. E o motor não se interpõe entre os passageiros e o seu conforto.

A condução da Transit é simples e muito

3. COMPARTIMENTO DE CARGA SUPER-ESPAÇOSO

aproxima-se da perfeição. A sua superfície baixa e plana, o seu óptimo acesso e a sua largura não têm rival. Assim, e graças à versatilidade da gama Transit, as cargas mais difíceis são transportadas com toda a facilidade!

O compartimento de carga da Transit

Contacte já o seu Concessionário Ford. E junte o êxito da Transit ao seu próprio sucesso!



EFICIÊNCIA PARA DURAR

FORD TRANSIT



Marconi paralisa novamente a partir de quarta-feira

Um plenário de trabalhadores da Marconi decidiu iniciar, na próxima quarta-feira, uma nova greve cuja duração está ainda por determinar.

Registe-se que o pessoal da Marconi paralisou, durante dois dias, na quinta e sexta-feira da semana passada, com uma percentagem de adesão que rondou os 95 por cento. Os trabalhadores da Marconi lutam por aumentos salariais de 24 por cento e pela negociação de outras cláusulas no âmbito da revisão do seu contrato colectivo de trabalho (CCT). Durante o corrente mês os trabalhadores desta empresa já cumpriram greves nos dias 1, 2, 13, 14, 15, 16, 22 e 23.

A Marconi emprega cerca de 1350 trabalhadores.

ção chegará apenas aos 50 por cento na próxima quarta-feira, se até lá a administração mantiver o mesmo «alheamento» em relação às pretensões dos trabalhadores.

Em plenário realizado o pessoal da empresa decidiu aprovar um voto de censura à administração pelo seu «comportamento gravoso para os interesses dos trabalhadores» bem como uma resolução na qual é salientada que as atitudes dos atuais gestores poderão conduzir a uma situação económica difícil. Os administradores da Anibal H. Abrantes «taram-se encontrar na fábrica», denunciaram os trabalhadores.

Arrasto costeiro

Também a frota do arrasto costeiro portuguesa irá paralisar duas semanas a partir das zero horas do dia 3 de Maio, caso não seja desbloqueado o impasse nas negociações de contrato colectivo do trabalho, anunciaram os dirigentes sindicais.

Segundo a comissão nego-

ciadora sindical, cada dia de greve impedirá a captura de cerca de centena e meia de toneladas de peixe, o que representa quase dez mil contos por dia a preços da loja.

Os cerca de 130 navios da frota de arrasto costeiro capturaram em 1981 mais de um sexto do pescado nacional.

Desde Setembro de 1981 os cerca de 1700 pescadores do arrasto costeiro efectuaram 32 dias de greve em apoio de reivindicações contratuais, tendo paralisado todas as segundas-feiras desde o dia 2 de Novembro passado.

Os pescadores do arrasto costeiro pretendem que o seu contrato colectivo consagre o descanso ao sábado e domingo, bem como exijam a regulamentação da transmissão e abate de navios e que os actuais salários-base, actualmente de 6250 escudos, sejam aumentados em mais quatro mil.

Hotel Baía

Um plenário de trabalhadores do Hotel Baía, reunido no passado dia 23, aprovou a realização de uma concentra-

ção junto da Secretaria de Estado do Turismo, em Lisboa, a levar a efeito com paralisações simultâneas nos primeiros dias de Maio, a fim de «exigir a revogação da decisão arbitrária daquele senhor do Governo».

Esta nova forma de luta tem por objectivo impedir a concretização de uma série de decisões da comissão de gestão interina, nomeada pelo secretário de Estado do Turismo, Nandim de Carvalho.

De entre elas conta-se a atribuição de salários «a si próprios» de 40, 37500 e 22 500 escudos, a admissão para o escritório de «uma família do antigo patrão, que saíra da empresa», com a «promessa de mil contos de indemnizações» e ainda a nomeação, como director-geral, «do filho do antigo patrão» e de um outro director «que deverá actuar em paralelo com os existentes».

O pessoal do Baía apela para a solidariedade de todos os trabalhadores, especialmente dos do sector da hotelaria, pois têm a consciência que a sua luta será «cada vez mais dura».

Hotel Baía

Um plenário de trabalhadores do Hotel Baía, reunido no passado dia 23, aprovou a realização de uma concentra-

No Porto USP apresenta queixa-crime contra governador civil

A União dos Sindicatos do Porto (USP) apresentou na Polícia Judiciária do Porto uma queixa-crime contra o Governador Civil do distrito por «tentar impedir o livre exercício de reunião».

A USP/CGTP em comunicado hoje divulgado acusa aquela entidade de «em flagrante violação da lei e dos direitos fundamentais, pretender regulamentar os direitos de reunião e de manifestação por despacho de um Governador Civil».

«Trata-se de uma grosseira provocação contra os trabalhadores, os órgãos de soberania e a própria democracia», acrescenta o texto.

A utilização do centro da cidade do Porto para as comemorações do 1.º de Maio foi requerida pelas duas centrais sindicais, CGTP/IN e UGT, tendo o Governador Civil do distrito decidido atribuir autorização à segunda baseada no facto de em 1981 ter pertencido à CGTP a Baixa portuguesa.

Esta central sindical contesta a decisão alegando que «desde sempre, durante o fascismo, no 1.º de Maio de 1974, e nos anos seguintes», a CGTP/IN e os sindicatos «ali comemoram o dia do trabalhador».

Acrescenta ainda o texto que a CGTP/IN «cumpru as formalidades legais necessárias» pelo que «não tendo o Governo Civil comunicado qualquer impedimento no prazo estabelecido na lei, ficou igualmente garantida à USP/CGTP desde 5 de Maio de 1981 a utilização dos locais referidos».

Nas dez localidades, onde será assinalada aquela data — Guarda, Gouveia, Seia, Manteigas, Loriga, Trinta, S. Romão, Vila Nova, Almeida e Famalicão da Serra —, haverá desporto, concursos infantis, concentrações e comícios com intervenções de dirigentes sindicais, bem como espectáculos de folclore e artistas amadores.

PSR apela à unidade

Entretanto, o Partido Socialista Revolucionário (PSR) ape-

lou ontem, no Porto, para que a UGT e a CGTP «evitem situações de divisão no decorrer das comemorações do 1.º de Maio», nesta cidade.

Em comunicado divulgado aos órgãos de Comunicação Social, aquela organização política refere-se ao diferente existente entre as duas centrais sindicais e o Governo Civil do Porto, relação com a utilização da Baixa portuguesa para as comemorações do dia do trabalhador.

Desta forma, acrescenta o documento «o 1.º de Maio corre o risco de não se tornar a grande manifestação de unidade de todos os trabalhadores do movimento sindical». A terminar o PSR defende a realização de um encontro entre a UGT e a CGTP para decidir sobre a lugar das comemorações, para que sejam evitadas todas as situações de divisão no decorrer das comemorações.

1.º de Maio na Guarda

O Secretariado da União dos Sindicatos da Guarda afirma, em comunicado agora distribuído, que as comemorações do Dia do Trabalhador naquele distrito se vão realizar sob o lema «Contra o pacote dos aumentos e por uma nova política».

Nas dez localidades, onde será assinalada aquela data — Guarda, Gouveia, Seia, Manteigas, Loriga, Trinta, S. Romão, Vila Nova, Almeida e Famalicão da Serra —, haverá desporto, concursos infantis, concentrações e comícios com intervenções de dirigentes sindicais, bem como espectáculos de folclore e artistas amadores.

Entretanto, o Partido Socialista Revolucionário (PSR) ape-

Falta trigo nas moagens

Uma greve no porto de Leixões está a ser aproveitada pelos industriais de moagem do Norte, ligados às multinacionais do comércio de cereais, para pôr em xeque a Empresa Pública de Abastecimento de Cereais, EPAC, e pressionar o Governo no sentido da liberalização da importação de cereais.

Segundo comunicado que a Associação dos Industriais de Moagens fez chegar à nossa Redacção, algumas fábricas estão já paralisadas e outras vão fazê-lo em breve, por falta da matéria-prima com que trabalham, o trigo. Este trigo encontra-se no porto de Leixões à espera de descarga. Hoje mesmo deverá efectuar-se uma reunião em Lisboa com a EPAC onde estes industriais, umas quatro dezenas, tentam impor as suas razões e uma solução para o problema.

No entanto, e segundo fontes contactadas pelo «DL», não haveria quaisquer razões para a paralisação de fábricas uma vez que há trigo nacional que baste para atender à procura da indústria.

Uma recente decisão governamental impõe aos industriais de moagem a compra à EPAC do cereal nacional ainda não escoado, nomeadamente para economizar divisas. O boicote da AIM à produção nacional vem, aliás, de há longos meses sob a alegação de que o trigo nacional não é de qualidade suficientemente boa.

Procuram fugir assim à legislação que lhes impõe a compra de uma certa percentagem de trigo nacional para utilização nas moagens.

Segundo a Associação dos Industriais de Moagem, a solução, alternativa passaria pelo envio de barcas com trigo para o porto de Aveiro, a formação de comboios de vagões-graneliros e utilização de uma frota de camiões de transporte dos silos de Lisboa para o Porto.

Algumas destas medidas estão já a ser aplicadas no abastecimento de milho para a indústria para rações para animais.

Hoje, no Luxemburgo

Portugal tem o apoio da França no 2.º “round” de negociações com o Mercado Comum Europeu

O governo português apresenta hoje no Luxemburgo, durante uma sessão de negociações com a CEE a nível ministerial, dois memorandos sobre os capítulos «fiscalidade» e «direito de estabelecimento».

O ministro das Finanças e do Plano, João Salgueiro, fará, como habitualmente, uma declaração política geral sobre o estado de avanço das negociações e as perspectivas da sua evolução a curto prazo.

A delegação comunitária poderá, entretanto, não apresentar qualquer documento adicional, devido a divergências entre os estados membros sobre o conteúdo das posições a defender nos domínios da «União Aduaneira», «Comunidade Europeia do Carvão e do Aço» (CECA) e «Direitos de estabelecimento».

Os ministros dos «Dez», porém, ainda hoje, uma última tentativa para encontrar, sobre estas matérias, o consenso que não foi conseguido em Bruxelas ao nível do «Comité dos Representantes Permanentes».

No documento sobre fiscalidade, a delegação portuguesa admite a possibilidade de reduzir para três anos a derrogação temporária solicitada para a introdução do imposto sobre o valor acrescentado.

Lisboa tem solicitado, até aqui um período de cinco anos, contado a partir do momento da adesão, para o pleno cumprimento da legislação fiscal comunitária sobre esse imposto.

No caso grego, foi negociada, neste domínio, uma derro-

gação temporária de três anos.

No âmbito do direito de estabelecimento, a delegação portuguesa limitou-se a acrescentar algumas precisões aos pedidos até agora formulados.

É indicada, entre outros pontos, a necessidade de prever restrições temporárias ao livre exercício do direito de estabelecimento, no sector mineiro e, por imperativos constitucionais, no domínio da imprensa escrita e falada.

O «memorando» esclarece ainda que o Governo tem estado a auscultar o sector privado com o objectivo de identificar áreas de actividade onde possam tornar-se necessárias derrogações temporárias a inscrever neste «dossier».

Em resultado de pressões francesas, os dez poderão apresentar igualmente, uma declaração parcial sobre direito de estabelecimento, abordando o estatuto do investimento directo estrangeiro em Portugal após a adesão.

A declaração, condicionada, em todo o seu conteúdo pelo levantamento da reserva geral colocada pelas autoridades portuguesas, fixaria um montante-limite para a liberalização do investimento a partir da adesão e estabeleceria as condições em que deverá ser exercido o controlo dos projectos cujo valor ultrapasse a verba definida.

Fontes ligadas ao Conselho de Ministros dos dez indicaram à ANOP que a maioria dos estados membros não é claramente favorável à apresentação de uma declaração nesta matéria, enquanto a posição portuguesa se mantiver indefi-

nida, a coberto de uma reserva geral.

Difícil será, igualmente, para os ministros dos Dez, conseguirem um entendimento que permita apresentar posições negociais nos capítulos «união aduaneira» e «ceca».

Estão em causa, nestes casos, os ritmos de desarmamento alfanadegário da indústria portuguesa em relação à Comunidade e aos países terceiros, a partir da adesão plena.

A delegação alemã pretende que o calendário e o ritmo de abatimento sejam idênticos no caso da adopção da pauta exterior comum («países terceiros») e no que respeita aos direitos residuais que permanecem no comércio de produtos industriais com os Dez.

A RFA opõe-se à apresentação de qualquer declaração que não afirme expressamente este princípio, posição contestada, fundamentalmente, pela França.

No caso dos produtos siderúrgicos, a imposição do «paralelismo» teria como consequência a completa abertura do mercado português aos países terceiros imediatamente após a adesão, uma vez que o comércio com a CEE neste sector é já livre de direitos.

A delegação portuguesa, até aqui apoiada por Paris, considera necessário admitir períodos de transição mais alargados para a adopção da pauta comunitária no comércio com terceiros países «não preferenciais», invocando o elevado grau de proteccionismo do mercado interno em relação a áreas exteriores à Comunidade e à EFTA.

Na agenda: passeios ao interior

Criada a Associação de Turismo e Cultura

Um grupo de profissionais, do sector do turismo e alguns entusiastas das riquezas culturais do País acabam de constituir a Associação de Turismo e Cultura que tem agendados, para já, passeios guiados à Beira Baixa e ao Nordeste Transmontano.

Os objectivos de base deste grupo são a realização de viagens de interesse cultural, sempre que possível conjugadas com os interesses turísticos habituais, «rotando-se», assim, uma prática de alguns meses do Centro Nacional de Cultura que, no ano passado, organizou diversas e interessantes deslocações ao interior do País, ainda que com um âmbito mais restrito por limitadas as seus sócios.

O primeiro passeio agendado pela Associação de Turismo e Cultura será à Beira Baixa, já nos dias 15 e 16 de Maio, com visita a Monsanto, Monfortinho, Penha Garcia, Castelo Branco e Fundão. Seguir-se-á uma ida ao Nordeste Transmontano que deverá cobrir no seu percurso Miranda do Douro, Bragança e Rio de Onor entre outros pontos de interesse turístico cultural na região transmontana.

Segundo informação prestada ao «Diário de Lisboa» pelos promotores da associação, a inscrição de sócios durante o mês de Maio far-se-á com isenção de jóia.

Diz a Secretaria de Estado

Foi um êxito a emissão de obrigações Turismo/82

A forma como o público acorreu à subscrição das Obrigações Turismo-82 foi considerada satisfatória pelos responsáveis pelo sector e pelos meios financeiros dado que, a relação montante de obrigações subscritas versus montante de obrigações emitidas, superou os índices apurados em emissões anteriores, mormente nos casos da Siderurgia Nacional, da Lisnave e da EDP, tendo-se equiparado à emissão da Petróleo.

Este facto assume particular relevo, dado que o período em que as Obrigações Turismo-82 podiam ser subscritas pelo público foi inferior a qualquer outro anteriormente.

Recorde-se que neste momento o Fundo de Turismo, entre outras linhas de crédito, dispõe, portanto, de 1 milhão de contos para financiamento a projectos privados no sector do Turismo, com prioridade para a criação de alojamento, modernização e ampliação, além da valorização de estruturas complementares de animação, resignadamente na área desportiva (Golfe, Ténis, Vela).

A publicar em breve

Novos incentivos ao investimento turístico

Um decreto-lei sobre um novo esquema de incentivos ao investimento de Turismo, deverá ser publicado, dentro de dias, no «Diário da República», revelou ontem, o secretário de Estado do Turismo.

Nandim de Carvalho que se deslocou ao Algarve para presidir à cerimónia de inauguração da pista de atletismo da Aldeia das Azeitavas, adiantou que o sistema é plenamente desburocratizado e nele apenas interferem o Banco e o Fundo de Turismo.

O titular da pasta do Turismo revelou, também, que hoje, num hotel de Lisboa, vão decorrer sessões de divulgação da iniciativa, junto de funcionários bancários.

A nova linha de crédito e bonificações de juros, dependerá apenas do secretário de Estado do Turismo, sem que seja necessária a intervenção de qualquer outro membro do Governo.

«Além disso — suscitou Nandim de Carvalho — não, será necessária ao empresário, para ter direito a esta linha de crédito, fazer a entrega prévia da declaração de utilidade pública.

Como principal objectivo, o novo esquema visa apoiar o aumento da capacidade de alojamento turístico, melhorar o já existente, a modernização das unidades hoteleiras e as suas estruturas de apoio (campos de ténis, piscinas cobertas e aquecidas, desportos náuticos e outros).

A mesma linha de crédito destina-se, também, ao investimento na animação e à construção de novos parques de campismo.

Comércio árabe na Europa tem quartel-general em Lisboa

Pela primeira vez em Portugal e na própria Península Ibérica, reuniram-se, em Lisboa, todas as Câmaras oficiais de Comércio Árabe mistas que fazem parte da Confederação das Câmaras de Comércio e Indústria e Agricul-

tura do Mundo Árabe.

As reuniões que decorrerão sob a égide da Câmara de Comércio e Indústria Árabe-Portuguesa, que também é membro daquela Confederação terão lugar de 12 a 14 de Maio próximo.

Assim, durante três dias, serão tratados importantes assuntos ligados a interesses económicos comuns no âmbito das duas áreas e da actividade das Câmaras de Comércio Árabe Mistas.

Para além da Câmara de Comércio e Indústria Árabe-Portuguesa, estão também presentes as Câmaras Árabe-Beiga, Árabe-Suica, Árabe-Italiana, Árabe-Francesa e Árabe-Britânica.

ADMISSÃO DE ENFERMEIROS DE 2.ª CLASSE

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

Para conhecimento de possíveis interessados se publica que se encontram abertas inscrições, para Enfermeiros de 2.ª classe neste Organismo.

Poderão candidatar-se os indivíduos habilitados com o Curso de Enfermagem Geral ou Curso de Promoção Profissional de Enfermeiro de 3.ª classe.

Os candidatos deverão dirigir-se ao Serviço de Pessoal dos Hospitais Civis de Lisboa, sito no Campo dos Mártires da Pátria, 91 — 2.º Esq.º — Lisboa —, onde lhe serão prestados todos os esclarecimentos, das 9 às 12 horas e das 14 às 16 horas.

O Director do Serviço de Pessoal, (assinatura ilegível)

ADMISSÃO DE ESCRITURÁRIOS-DACTILÓGRAFOS DE 2.ª CLASSE — LETRA S

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

Para conhecimento de possíveis interessados se publica que se encontra aberto concurso de provas práticas até ao dia 27 de Abril corrente, para escriturários-dactilógrafos de 2.ª classe, letra S.

Poderão candidatar-se os indivíduos que se encontrem nas seguintes condições:

- Serem funcionários de qualquer quadro da Administração Central;
- Serem Agentes de qualquer serviço da Administração Central, com a classificação de serviço não inferior a Bom, e com as habilitações exigidas para este concurso (escolaridade obrigatória).

Os candidatos deverão dirigir-se ao Serviço de Pessoal dos Hospitais Civis de Lisboa, sito no Campo dos Mártires da Pátria, 91-2.º Esq.º Lisboa, onde lhe serão prestados todos os esclarecimentos.

O Director do Serviço de Pessoal, (Assinatura ilegível)

PARA EMPRESA DE MÉDIA DIMENSÃO EM LISBOA

Precisa-se Escriturário

- Com habilitações próprias
- Pelo menos 3 anos de experiência
- Oferece-se boas perspectivas profissionais e materiais.

Resposta com curriculum detalhados ao n.º 26409.

À CLASSE MÉDICA

Somos especializados em BATAS profissionais TINTURARIA GUANABARA - Dep. de Confeções Av. João XXI, 5-D - 1000 (Metro Areeiro) Rua Infante da 16, 55-C - 1300 LISBOA

REFREY

A SUA MÁQUINA DE COSTURA

VEJA UMA DEMONSTRAÇÃO

RESERVE JÁ A SUA MÁQUINA

PREÇOS

ESPECIAIS

STAND REFREY EM:

Rua dos Anjos, 28-B

— Tel. 84 28 57 — 1 100 LISBOA

AGENTES EM TODO O PAÍS!

motociclista
ACENDA OS MÉDIOS
mesmo durante o dia
DIRECÇÃO GERAL DE VACANÇAS

VISITE A CHECOSLOVÁQUIA



3 a 15 Julho — PRAGA, SPINDLERUV MLYN, SNEZKA, LIBEREC, JABLONEC, LIDICE, KARLSTEJN.

31 Julho a 12 de Agosto — PRAGA, MARIANSKÉ, LAZNÉ, KARLOVY VARY, LIDICE, KARLSTEJN.

14 a 26 de Agosto — PRAGA, LUHACOVICE, BRNO, GOTT WALDOV, KARLSTEJN, LIDICE.

TODAS AS DESPESAS INCLUÍDAS

Visitas sociais e programa cultural
Inscrições e informações na:

Associação Portugal-Checoslováquia

Rua Artilharia Um, 105, 4.º — Telef. 68 85 87 - 1000 LISBOA

Com a colaboração da Agência MUNDIRAMA

DESPORTO



Belenenses: tar o pássaro na mão e deixá-lo fugir

Hóquei patinado

Belenenses perde a Europa

O Belenenses foi eliminado da Taça CERS em hóquei em patins, apesar de vencer o Monza (de Itália) por 9-5 (após prolongamento) no encontro da 2.ª mão da pré-eliminatória da competição, disputado no Pavilhão do Restelo. No final do tempo regulamentar os portugueses venciam por 9-3, resultado que somado à derrota na primeira

«mão» por 1-7, perfazia um empate a 10-10 nas duas «mãos». No prolongamento, os italianos asseguraram a qualificação para a fase seguinte da prova, ao marcar dois golos sem resposta por intermédio de Pardini e Vilhane, colocando o resultado em 12-10 no conjunto das duas «mãos».

Belenenses: Carlos Silva, Rui Ribeiro (1), Rodrigues (3), Carlos Cruz, Quim (3) e Garrido (2). Monza: Silério, Casiragui, Paron (1), Serra (1) e Vilhane (3).

Taças europeias

As equipas espanholas do Nola, Liceo da Cornunha e Reus, classificaram-se para a 2.ª eliminatória das Taças Europeias de Hóquei em Patins. Em partidas da 2.ª «mão» disputadas em Espanha, o Nola passou na eliminatória da Taça dos Clubes Campeões, ao perder por 4-3 no terreno do Matens, depois de ter vencido a 1.ª «mão» por 7-1. Para a Taça Cers, o Liceo da Cornunha derrotou (6-1) os holandeses do Haia e o Reus ven-

Imola: "Ferrari" vence a "Renault"

A «Ferrari» venceu, com o 1.º e o 2.º lugar, o «Grande Prémio de Fórmula Um de São Marino», que apenas fez alinhar 14 carros no Circuito de Imola. Neste duelo reduzido aos «turbos» da Renault e da Ferrari, a marca italiana venceu em casa, com o francês Gilles Pironi em 1.º e o canadense Didier Villeneuve a seguir.

Em 3.º lugar ficou o «Tyrell» de Michele Alboreto, cuja marca decidiu romper com o boicote da FOCA a este «Grande Prémio». No 4.º lugar ficou o «Osella» de Jean-Pierre Jarier, e o 5.º e 6.º lugares couberam (respectivamente) ao chileno Eliseo Salazar e ao alemão federal Manfred Winkelhock, ambos em «ATs», também membros da FOCA.

A questão do 1.º lugar entre os condutores cedo ficou fora de prova, quando o líder Alan Prost abandonou à 7.ª volta, com problemas mecânicos. O 2.º, o austríaco Niki Lauda, não alinhou neste «Grande Prémio», pelo que as posições de Pironi e Alboreto se elevaram ao 3.º lugar do mundial, mas distanciados do comandante.

Tabela

A classificação do mundial de condutores é a seguinte: 1.º Alan

Prost (França), 18 pontos; 2.º Niki Lauda (Áustria), 12; 3.º Didier Pironi (França) e Michele Alboreto (Itália) 10; 5.º Keke Rosberg (Finlândia) e John Watson (GB), 8; 7.º Carlos Reutemann (Argentina) e Gilles Villeneuve (Canadá) 6; 9.º René Arnoux (França), Nigel Mansell (GB) e Riccardo Patrese, Itália) 4; 12.º Jean Pierre Jarier (França) e Manfred Winkelhock (RFA) 3; 14.º Élio de Angelis (Itália) e Eliseo Salazar (Chile) 2.

Controvérsia

O presidente da Federação de Construtores de Fórmula Um (Bernie Ecclestone) afirmou ao jornal «O Globo», do Brasil, que o «Grande Prémio de São Marino não será válido para o mundial de condutores. Ecclestone referiu que a invalidade da prova se ficou a dever à retirada voluntária de várias «escuderias» britânicas da competição. O presidente da FOCA apelou para a opinião pública internacional no sentido de apoiar a sua causa contra aquilo que apelidou de «manobras de bastidores» da Federação Internacional de Automobilismo.

Basquetebol: quem sobe?

Concluídos os campeonatos nacionais e taças de seniores (masculinos e femininos da 1.ª divisão) decorrem agora as provas secundárias que, no 2.º e 3.º escalões, decidirão as equipas a promover. No bloco 2 (ao Sul), Alges, CDUL e Scalpils comandam à 3.ª jornada e, na mesma ronda (ao Norte) os «guilas são o «velho» Vasco da Gama e a S. Joãoense.

A fase final dos nacionais de juniores e juvenis, em que os respectivos títulos se decidirão, principiarão ontem, sendo de destacar, em ambas as categorias, os êxitos do FC Porto. Por outro lado, o Benfica (juniores) e o Belenenses (juvenis) estiveram em evidência, ao triunfarem com visitantes do S. Joãoense e do CAC, respectivamente.

Resultados na 2.ª divisão Norte: Vasco da Gama, 102-50. Figueirense, 92; S. Joãoense, 83-Académico, 80; sul: Belenenses, 84-Alges, 88 e Scalpils, 81-CDUL, 76. Juniores (fase final): FC Porto 84-Alges, 46; S. Joãoense, 74-Benfica, 88. Juvenis, Olivas, 63-Belenenses, 54; e FC Porto, 110-Barcelense, 59.

Basquetebol: Portugal vence

A selecção portuguesa de basquetebol venceu, em Madrid, a equipa do Canoe, por 75-64, com 39-28 ao intervalo. Neste jogo, integrado na preparação da equipa portuguesa para o Campeonato Mundial (Grupo B), que em Maio se disputa em Portugal, a selecção dominou a equipa espanhola, mantendo-se sempre em vantagem no marcador.

Alinharam e marcaram pela equipa portuguesa: Eustáquio (2), Seica (6), Lisboa (23), Tó Quintela, Baganha (4), José Luis (4), Rui Pereira (8), Aniceto (8), Eugénio, Rui Pinheiro (20), Jorge Coelho e Leiria. A selecção nacional enfrenta hoje a equipa madrileña Dom Caixa Ronda.

Râguebi português dá passo em frente

Portugal, com Manuel Paisana e Mário Nunes em evidência, acabou a sua 2.ª vitória no Grupo B do Torneio da FIRA em Râguebi, ao vencer a Holanda por 16-12, em encontro disputado em Hilversum. Ao intervalo os portugueses perdiam por 12-6.

A equipa nacional sentiu dificuldades em enfrentar o poderio físico dos adversários e a sua dificuldade em opor-se aos holandeses nas «luchas» e nas formações ordenadas foi responsável pelo resultado desfavorável, ao intervalo. No período complementar, os portugueses mudaram de tática, imprimindo maior velocidade ao jogo, com rápidas trocas do estéril entre as suas linhas, logrando obter um 2.º ensaio, crucial para a vitória visitante.

Mário Nunes e Manuel Paisana (dupla de centrais) estiveram em bom plano, na manobra do «quize» nacional, que obteve os seus pontos por intermédio de Megre, Pedro Eiró e Moita. A formação portuguesa alinhou: João Carlos, Duque, Leitão, Filipe, Faustino, Vasco Linco, Bernardo, António Ferreira, Marques Pinto, Megre, Mário Nunes, Paisana, Moita e Manuel da Costa.

Após o encontro, a classificação do Grupo B ficou assim ordenada:

J V E D M P

Marrocos		4	4	—	48-17	12
Portugal		4	2	—	61-86	8
Holanda		5	1	—	41-76	7
Espanha		2	2	—	57-25	6
Tunísia		4	1	—	36-46	6
Polónia		3	1	—	22-15	4

Ténis de mesa: títulos

Jugoslávia e União Soviética conquistaram, respectivamente, os títulos de pares masculinos e femininos no último dia do Campeonato Europeu de Ténis de Mesa, em Budapeste.

DESPORTO

Guimarães, 0-Sporting, 0 (jogo em Braga)

A montanha pariu um rato

Não há dúvida que o futebol é uma autêntica caixa de surpresas. Vejamos só como as coisas são: estava toda a gente de «dentes bem afiados» para saborear um óptimo pitau, no Estádio «1.º de Maio», em Braga, e afinal assistiu-se a um «repasto» vulgar de Lineu, porque os intervenientes resolveram mandar às malvas as pressões exteriores, limitando-se, quase única e exclusivamente, a cumprir calendário.

Como notas dissonantes do «acordo» tácito, feito entre vimeiranos e sportingistas, há a referir, antes do mais, o clima verdadeiramente hostil, criado pela massa associativa e adeptos do Braga à turma vizinha da cidade-berço. Ficamos a compreender melhor as razões que levaram a direcção do Vitória de Guimarães a bater-se, até à última hora, para que o jogo fosse disputado no Estádio do Bessa. Outro facto digno de realce foi o ambiente de «cortar à faca», vivido antes do início do encontro, junto dos balneários do Sporting. Sem percebermos bem o que se esboçava a passar, anotamos (no entanto) determinadas reacções: de Oliveira (por exemplo) que depois de um desabafo com Nogueira («isto está mal, não pode ser») teve uma conversa a sós com o presidente João Rocha. Pelo semblante de ambos, depreendemos que a «coisa» não devia ser fácil de resolver: ao que julgamos saber, teriam falado da formação da equipa...

A terceira nota diz directamente respeito aos profissionais que pisaram o relvado bracarense. Sem produzirem um espectáculo por aí além, conseguiram, no entanto, ultrapassar eventuais divergências de opinião, respeitando-se mutuamente e facilitando sobremaneira o trabalho da equipa de arbitragem.

A montanha pariu um rato. Dir-se-ia, no final dos 90 minutos, que toda a expectativa saiu gorada. Mesmo tendo em conta que os

interesses em jogo eram muitos (o Sporting em luta pelo título e o Vitória em busca de um «passaporte» para a Europa) não se justificava um espectáculo tão pobre, tão carecido de «ingredientes» como aquele que foi oferecido a cerca de 25 mil espectadores.

Para que o leitor possa fazer uma ideia do que foi o encontro dir-lhe-emos que 80 por cento do jogo desenrolou-se numa faixa de terreno com trinta, quarenta metros de largura, setenta. Foi ali, nessa zona fulcra, onde se ganharam e perderam jogos, que os técnicos de ambas as equipas apostaram forte, mas apenas para não perder. Por outras palavras, pode dizer-se que o objectivo de ambos (a divisão de pontos) foi plenamente alcançado.

Nesta conformidade, que dizer de uma partida onde a preocupação dominante era não sofrer golos? Que o Vitória de Guimarães, mesmo sem o seu guarda-linha titular (também ele em caso para resolver...), evidenciou as características de conjunto que lhe são peculiares, como sejam, o bom entrosamento entre os diversos sectores e uma preparação físico-técnica apreciável ou, se quisermos, que o Sporting não conseguiu passar a mediania mais apagada. A não ser, como fez ontem, para provar que lhe falta muito valor e certa classezinha para poder dizer-se que mora na mesma fila de um António Garrido. Salvo seja a comparação, é claro.

Evidentemente que o Sporting de Braga entrou na Luz desfalcado de unidades fundamentais: Nélito (operado a ligamentos, voltou em jogo de reservas, perante o Guimarães, mas saiu daí com lesão nos gêmeos, um mês de «estaleiro») Serra (20 minutos fora ao Boavista, entorse com distensão de ligamentos, talvez só lá para o lavar dos cestos), Mundinho (problema numa virilha) e João Cardoso (distensão de ligamentos no joelho esquerdo, cuidados firmes do Dr. Camacho Vieira, sabe-se lá quando será o retorno). Quinto contava-me isto mas não estava por terra: tinha as suas armas e, muito provavelmente acreditava que também o Benfica não mora no instante ideal.

O presidente benfiquista Fernando Martins, Jaime Catarino Duarte e João Borges cumprimentavam toda a gente: a té estava em Braga. Não nasceu Braga que descia de vermelho até à Luz mas no outro, circundante da grande plateia, a um embate em que o velho rival teria pelas barbas os vimeiranos de Pedroto. Lançaram-se, Alberto, Chalana e o muito em fora de forma César, estavam longe das cogitações de Barotí, pois claro, tal e qual Álvaro que esvoaçava por ali sem lhe ligarem coisa se visse. As atenções eram todas para a saude: Alves e Pietra, numa sala hospitalar de Belgrado, tentando lá longe, mesmo horas depois, saber como as coisas tinham acontecido por cá. No sábado, um telefone directo ao hospital jugoslavo onde as duas vedetas benfiquistas aguardam hoje o momento do vale-tudo, responderam-nos a custo, entre zombeteiros e vencidos:

—Veja lá: estamos numa bicha, de marmitta na mão, para ir à sopa...

Nem sempre é de ouro a estrada dos grandes heróis escolhidos pela multidão. Voltamos ao palco da Luz, onde se jogava futebol de máquina calculista: Benfica a carregar (com permissão bracarense), minhosos a tentarem o desfeite, especialmente pelos flancos dos anjos caseiros. No camarote, Wilson Brasil recordava os momentos derradeiros da sua festa dos «Gandulas» (4 de Junho, Pavilhão da Luz, busca obrigatoriamente no rumo) e Manuel da Luz Alfonso permanecia com a mesma impecável calma com que, em Londres-66, vira cair gigantes e perdera por uma unha esbranquiçada o toque para o posto mais alto. Mais adiante, excelente benfiquista que não é reticente à amizade pura, o dr. Paulino Gomes era a imagem decantada da amargura:

—Sofro que só eu sei: minha mulher está bastante mal, a minha filha mais nova tem (igualmente) um problema médico muito grave.

Desabafa para mim, a quem tantas vezes chicoteou nas páginas do boletim benfiquista: será que no seu clube de sempre já só existe uma réstia de espaço para os novos que trazem outro sangue em ebulição?



Braga: «capitão» Manuel Fernandes chegou a estar à defesa



Jogou-se muito a meio-campo



Reinaldo dá água pela barba a quatro concorrentes



Nenê perseguido por DHO

Benfica em meia desforra da "Taça": 3-0 ao Braga

Grande sementeira, magra colheita

Mais difícil será explicar: é que, foram tantas e com tal continuidade as progressões dos rubros (forçadamente «travestidos» de anjos) que o «placard» somente pecou por escasso, ficando-se (até) em tremenda injustiça para Nenê que, sem sequer ser obrigado a fazer das fraquezas qualquer força, estaria hoje repimado no trono dos atradores eméritos, sei lá com quantos disparos à maior.

O melhor (porém) será recordar. Nas cabinas, Quinto, o jovem e educado técnico bracarense, mal soube do nome do árbitro logo proclamou:

— Nem vale a pena jogar: já entrámos pelo cano. O sujeito só nos dá desgostos.

Logo a seguir, quer saber se joga Reinaldo. Ninguém podia confirmar: o Benfica guardava o «learn» para as últimas nupcias. Quinto, porém, tinha já a cabeça cheia com a figura do madeirense Albino Rodrigues.

Com toda a razão: o juiz do Funchal, que nos querem garantir ser o mais credenciado da área, não consegue passar a mediania mais apagada. A não ser, como fez ontem, para provar que lhe falta muito valor e certa classezinha para poder dizer-se que mora na mesma fila de um António Garrido. Salvo seja a comparação, é claro.

Evidentemente que o Sporting de Braga entrou na Luz desfalcado de unidades fundamentais: Nélito (operado a ligamentos, voltou em jogo de reservas, perante o Guimarães, mas saiu daí com lesão nos gêmeos, um mês de «estaleiro») Serra (20 minutos fora ao Boavista, entorse com distensão de ligamentos, talvez só lá para o lavar dos cestos), Mundinho (problema numa virilha) e João Cardoso (distensão de ligamentos no joelho esquerdo, cuidados firmes do Dr. Camacho Vieira, sabe-se lá quando será o retorno). Quinto contava-me isto mas não estava por terra: tinha as suas armas e, muito provavelmente acreditava que também o Benfica não mora no instante ideal.

O presidente benfiquista Fernando Martins, Jaime Catarino Duarte e João Borges cumprimentavam toda a gente: a té estava em Braga. Não nasceu Braga que descia de vermelho até à Luz mas no outro, circundante da grande plateia, a um embate em que o velho rival teria pelas barbas os vimeiranos de Pedroto. Lançaram-se, Alberto, Chalana e o muito em fora de forma César, estavam longe das cogitações de Barotí, pois claro, tal e qual Álvaro que esvoaçava por ali sem lhe ligarem coisa se visse. As atenções eram todas para a saude: Alves e Pietra, numa sala hospitalar de Belgrado, tentando lá longe, mesmo horas depois, saber como as coisas tinham acontecido por cá. No sábado, um telefone directo ao hospital jugoslavo onde as duas vedetas benfiquistas aguardam hoje o momento do vale-tudo, responderam-nos a custo, entre zombeteiros e vencidos:

—Veja lá: estamos numa bicha, de marmitta na mão, para ir à sopa...

Nem sempre é de ouro a estrada dos grandes heróis escolhidos pela multidão. Voltamos ao palco da Luz, onde se jogava futebol de máquina calculista: Benfica a carregar (com permissão bracarense), minhosos a tentarem o desfeite, especialmente pelos flancos dos anjos caseiros. No camarote, Wilson Brasil recordava os momentos derradeiros da sua festa dos «Gandulas» (4 de Junho, Pavilhão da Luz, busca obrigatoriamente no rumo) e Manuel da Luz Alfonso permanecia com a mesma impecável calma com que, em Londres-66, vira cair gigantes e perdera por uma unha esbranquiçada o toque para o posto mais alto. Mais adiante, excelente benfiquista que não é reticente à amizade pura, o dr. Paulino Gomes era a imagem decantada da amargura:

—Sofro que só eu sei: minha mulher está bastante mal, a minha filha mais nova tem (igualmente) um problema médico muito grave.

Desabafa para mim, a quem tantas vezes chicoteou nas páginas do boletim benfiquista: será que no seu clube de sempre já só existe uma réstia de espaço para os novos que trazem outro sangue em ebulição?

mais branco que a alma do negrinho. O estádio tremeu, Baltazar gritou mais alto nos aparelhos de comunicação intermédios, os cães de serviço cheiraram o pelo na venta, a coisa estava assanhada. Porém, o sol de frente amolece e é bom conselheiro: quando Shéu e Humberto ofereceram aquela bandeja ao guineense, o Povo serenou. Que diabo: era 25 de Abril o Benfica ganhava e o Sporting (ouvidos no garrafo da música) não atinava com a meta.

No período complementar, a resistência bracarense foi por água abaixo, sucedendo-se os instantes da plateia estar erigida, só à espera da festa. Que tardou: o cartão amarelo parecia que andava mirando al tendido, tal a vocação para o juiz da terra das vaquinhas se julgar dominando touros. Era um farto: quem olhasse já ficava abaixo da alçada. Valeu, na emergência, que o desastrado e inestético Filipovic, que ninguém sabe onde aprendeu aquela de andar de meias caídas no espectáculo de que é milionário, levar a consertada sarrafada que poderia logo ter emalado quando se fez à floresta com pernas de pudim flar: apañhou, mas foi castigo mal feito porque até estava a jogar benzinho. Ficará, pelo menos um dia ou dois, a meditar na leizinha n.º quatro, a tal que recomenda (como feio e achincalhante para o «show»), como absoluta prova de desleixo, andar sobre a relva com as pernas ao léu. Ainda se fosse uma «mise», como a espessa, vá que não vá: agora um barbadão heróico das relvas jugoslavas, essa contaram só para ele. Má figura, um nada de compustura indecorosa: de tudo um pouco. Pena que, entre tantos sapientes que estavam no banco dos responsáveis benfiquistas, nem um só tivesse chamado a atenção de Filipovic para a dupla asneira a que se expunha: vá lá que só apañou pela meta tabela, o que já dá para aprender e não continuar a ser ténisimo.

Adiante, Veio aquele sublime «chapéuzinho» de Jorge Gomes ao descontrolado Valtir e tudo ficou explicado, sem necessidade de meter professor para o arranque final. Spencer e Germano, que tinham estado a aquecer 18 minutos, entraram em campo mais mortos do que vivos: e tão complexados como Padinha, caído de para-quadras num filme em que não tinha papel no argumento. Nenê lá continuando a desbaratar o seu prodigioso ardo, quando Veloso, num «sialom» que, se fora urubido por coliga de alta credencial, mereceria hoje caixa alta, arrumou a questão: virou, definitivamente, todos os ouvidos para o garrafo da música. O Benfica passara a barreira, o Sporting esboçava mais um ponto para a boma da concorrência e a arbitragem regressava a penates envigorada em colectivo. Um tento incriminavelmente anulado ao Benfica, falhanço em fora de jogo e num canto perdido a Bento, erros na aplicação da lei da vantagem: enfim, o melhor é umas férias nas Canárias, que até nem ficam por muitas pesetas e talvez se arranja por cá participação para o pequeno exílio.

Recapitulando: magra colheita para tão larga sementeira benfiquista. A sorte estava de costas, mas a boa acção de Zé Carlos, Vítor Oliveira, Dito, Valtir e Chico Faria, se levamos mesmo em linha de conta Malheiro (que desbarata energias a discutir com os fiscais) vale ao Braga como aval de uma airosa representatividade do seu «1.º de Maio» no 25 de Abril. Pela malta cá na área, o tempo inicial de Reinaldo e largo esforço de Shéu, mais a classe de Humberto, e o esforço de Veloso, andamos mesmo té ao sentido de utilidade dado pelo brasileiro Jorge Gomes: e aí temos tudo o que pode justificar: mais um passo para a grande êmocio à porta do trono. Só que, amigos, qualquer árbitro pode (ou não) estar bem disposto em relação às únicas 17 leis que regem o universo do chuto. Se entrou em litígio com uma, o melhor é mandá-lo a banhos. Já. Urgentemente. Muito tempo.

Naves de Sousa

Sob deficiente direcção do árbitro funchalense Albino Rodrigues que estava acompanhado dos fiscais Elvio Faria e José Maria Lopes e admoestou com o cartão amarelo o benfiquista Frederico e os bracarenses Chico Faria, Guedes, Duarte e o técnico Quinto. Alinharam: Benfica: Bento; José Luis, Humberto, António Bastos Lopes, Frederico; Carlos Manuel, Veloso, Filipovic (Padinha 73) e Shéu, Reinaldo (Jorge Gomes, 64) e Nenê.

Braga: Valtir; Artur, José Carlos, Dito e Guedes; Vítor Oliveira (Germano 81), Duarte, Vítor Santos (Spencer 81) e Malheiro; Fontes e Chico Faria.

Golos: Reinaldo (33 minutos), Jorge Gomes (78) e Veloso (88).

União da Madeira: uma certa esperança

O presidente indigitado do Clube de Futebol do União da Madeira, Ramiro Lopes, afirmou (no Funchal) que é sua intenção trabalhar com afinco para que «o clube ascenda ao lugar, que por direito, merece».

Embora sem ainda conhecer a fundo os problemas do União, adiantou que uma das suas grandes preocupações serão os problemas económicos.

O novo dirigente frisou a necessidade de se criar fontes de receita para além das proporcionadas pelas quotizações dos sócios, sem que isto implique um aumento da quota. Qualquer aumento seria um «erro tático» e uma medida anti-sócio-acentuada.

Em relação ao futebol, é sua ideia a manutenção do técnico Fernando Casaca, dado que tem vindo a conseguir resultados bastante positivos.

No que concerne aos futebolistas, pensa que será inevitável uma redução quantitativa do «plantel», procurando-se, por outro lado, uma acentuada melhoria qualitativa.

Lopes, frisou, contudo, que esta melhoria qualitativa não é com intensão de subir de divisão, já que considerou as estruturas do clube bastante deficientes, mesmo na actual situação de 2.ª divisão.

No que toca às modalidades amadoras, disse, o futuro presidente que o clube continuará a apoiar as que actualmente se praticam e, eventualmente, al-

gumas mais que se entenda dever o clube empenhar-se.

Outro dos seus objectivos é a construção do parque desportivo do clube, para o qual até já existe o terreno. Neste ponto (friso) que porá todo o empenho e que lutará contra tudo e contra todos para conseguir a sua construção.

Classificou de «simpáticas» as actuais instalações do clube mas manifestamente inadequadas às necessidades.

Ramiro Lopes terminou apelando para a confiança da massa associativa do União, dizendo que a única coisa que poderia (nesta altura) prometer era um trabalho sério e honesto em prol do desenvolvimento e engrandecimento do clube.

Placard

Ténis: Torneio algarvio

O suco Magnus Tideman ganhou um torneio internacional de ténis no Algarve, ao bater na final o norte-americano Geoff McDonald. Tideman necessitou

apenas de uma hora e 50 minutos para derrotar o adversário pelos parciais de 6-4 e 6-3. Com esta vitória, Tideman fica a um ponto do francês Bernelle, líder do Circuito Satélite.



Nicole, estudante alemã intérprete da canção vencedora do Festival da Eurovisão

RTP insiste e Eurovisão também Alemães primeiros portugueses décimo-terceiros

A RTP insistiu este ano, pela 18.ª vez, em enviar uma canção ao Festival da Eurovisão. O conjunto feminino «Doce» foi o escolhido, mas ficou em 13.º lugar, não conseguindo ainda este ano a RTP colocar a sua canção nos seis primeiros lugares.

O conjunto que em Harrogate cantou «Bem Bom» é formado por Fátima Padinha, Teresa Miguel, Lena Coelho e Laura Diogo.

Apontada na imprensa portuguesa com algumas hipóteses de aparecer entre as primeiras, a canção das «Doce», que os jornalistas presentes em Harrogate colocaram em nona posição, não agradou aos júris europeus e ficou no décimo terceiro lugar, deixando para trás apenas as canções da Turquia, Finlândia (zero pontos), Dinamarca, Jugoslávia e Holanda.

O conjunto «Doce» que nunca participara em certames do género, concorreu em Portugal aos

festais de 1980 (segundo lugar) e 1981 (quarto lugar).

No festival deste ano, que ganhou, a canção «Bem Bom» obteve 182 dos 244 votos possíveis.

A vencedora do 27.º Festival da Eurovisão foi a canção «Ein bisschen Frieden», uma balada pacifista cantada por Nicole, estudante que gravou o ano passado o primeiro disco.

É a primeira vez na história do festival que uma canção da República Federal da Alemanha obteve o primeiro lugar.

A canção vencedora obteve 161 votos, e só um júri (Luxemburgo) não lhe deu qualquer voto.

Em segundo lugar ficou a canção «Hora», cantada por Avi Toledano, representante da Televisão Israelita (100 votos), e em terceiro lugar a canção suíça, com o título «Amour on t'aime» (97 votos).

crítica de cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

“A Mulher do Lado” de François Truffaut



Gérard Philipe e Fanny Ardant no mais recente filme de Truffaut

a respeito deste filme acabavam sempre por encontrar a pergunta «o que quer esta mulher?»; aquele espectador defrontava-se, irritado, com a mesma questão e dava-lhe uma dimensão pessoal, era da sua experiência a constatação de que «as mulheres não sabem o que querem».

Claro que não lhe passou pela cabeça que entre a mulher saber o que quer e nós sabermos que ela sabe, vai uma distância de monta. Distância onde vive este filme.

O que queremos no amor? Sem entrar em territórios moveidinhos, poder-se-ia responder que queremos preencher um vazio, uma falta. Preenchemo-la de vários modos: ou pela castração suicida (madame Jouve), ou pelo bom-senso normalizado (Philippe Bauchard), ou pela vertigem (Bernard/Matilde). O centro é a instituição matrimonial, a margem é o risco.

É que, já que o amor é a tentativa de unir o que Deus desuniu, já que é uma fusão incontrolada, a vertigem da paixão dilacera a

individualidade, avança para a indiferença para uma espécie de magma inicial, caótico e unitário. Para a morte.

A mulher do lado é um olhar sobre o amor sem que os seus protagonistas sejam seres excepcionais. Pelo contrário, dir-se-iam assim: vulgares, assim classe média. Daí que os fascínios que ali passam (o menor dos quais não é Fanny Ardant, uma atriz fabulosa) nos estejam próximos, de uma proximidade que interdita a identificação (ninguém se projecta num seu igual) mas leva ao reconhecimento. Aquela mulher não é outra senão a mulher amada (por isso anjo, aranha, mãe avassaladora, amante imensa). Não uma heroína (de estirpe das Margaridas Gauthier), não uma mulher fatal, perturbante (da ilusão Silver (madame Jouve), etc. Distribuição em Portugal: Filmes Castelo Lopes.

Cinema: Londres. Classificação: Interdito a menores de 13 anos. Duração: 106 minutos.

gente olha, espera e trespassa, cheia de coisas opacas, interrogações.

Que quer essa mulher? Tudo.

FICHA:
Título original: La femme d'à côté
Realização: François Truffaut (França-1981).

Argumento: F. Truffaut, Suzanne Schiffman e Jean Aurel.
Fotografia: William Lubtchansky.

Cenários: Jean-Pierre Kohut-Svelko.

Música: Georges Delerue.

Montagem: Martine Barraque.

Interpretação: Gérard Philipe, Fanny Ardant (Matilde Bauchard), Henri Garin (Philippe Bauchard), Michèle Baumgartner (Ariette Coudray), Veronique Silver (madame Jouve), etc.

Distribuição em Portugal: Filmes Castelo Lopes.

Cinema: Londres.

Classificação: Interdito a menores de 13 anos.

Duração: 106 minutos.

Comuna faz dez anos no Primeiro de Maio



Uma cena de «A Viagem», espectáculo actualmente em cena na Comuna

A Comuna — Teatro de Pesquisa comemora no próximo dia 1 de Maio 10 anos de actividade regular, dedicada não só à apresentação de espectáculos mas também a uma dinamização cultural constante, envolvendo várias actividades ligadas ao campo cultural: cinema, teatro, música, exposições, debates, animação infantil, lançamento de livros, festas, etc.

No final destes 10 anos, num balanço resumido podemos referir que a Comuna apresentou 23 espectáculos (19 para adultos e 4 para crianças) para cerca de 400 000 espectadores, visitando 90 localidades em Portugal, situações em todos os distritos do País, 70 cidades estrangeiras, 17 países da Europa, África e América, no âmbito dos principais festivais de teatro do Mundo (Nancy, Berlim, Festival das Nações, Caracas, Wrocław, etc).

Toda esta actividade granjeou à Comuna um prestígio nacional e internacional que tornam estes 10 anos de vida um dos momentos mais significativos e importantes da história moderna do teatro português.

A nível das actividades paralelas, a Comuna tem em funcionamento um Centro Cultural, desde há seis anos, que conta

neste momento com 3 salas de espectáculo (de teatro ou cinema), uma sala de café-teatro, livraria, biblioteca, oficinas, parque infantil, estúdio de audiovisuais, salas de trabalho.

A destacar nas actividades do centro cultural, a experiência da casa da criança, que com o apoio da Fundação Gulbenkian tem vindo a funcionar regularmente

há 4 anos, com as escolas primárias oficiais das zonas de Campolide, Sete-Rios, Fátima, Bairro de Santos e Tarjue, para lá das actividades de ocupação dos tempos livres, aos sábados de manhã, que funcionam com cerca de 150 crianças e adolescentes, regularmente desde há 2 anos.

Dos cursos e reciclagens levados a cabo pela Comuna no centro cultural, há a destacar os que foram feitos em colaboração com a Direcção-Geral do Ensino Básico, Direcção-Geral do Ensino Especial, Direcção-Geral da Educação Permanente, Centro de Formação e Aperfeiçoamento do Pessoal do IFAS (MAS), Casa Pia de Lisboa, Casa da Praia e Sindicato dos Professores; de referir também os cursos de formação de actores, a funcionarem regularmente há 4 anos, que compreendem ainda os cursos intensivos de formação teatral.

Assinalamos ainda a existência do CLAC — Clube de Amigos da Comuna, que conta com cerca de 1500 sócios e que, em conjunto com a Comuna, organizam os sábados CLAC, que desde há 3 anos têm vindo a mobilizar gente ligada à cultura de todos os quadrantes, para a discussão de temas ligados à realidade nacional.

canal da crítica

Mário Castrim

... Ao nível de ratos e de bestas

Neste País só existem maldizentes incapazes de ver a qualidade, a honestidade e a inteligência onde elas há (desculpem, está minha mania de querer imitar o ministro da Educação ou da Administração Interna, havia de acabar por dar mau resultado) enfim, tudo isso, o que eu disse onde elas há.

Muita gente dirá que a Televisão mandou o 25 de Abril às urtigas, que ostensivamente o ignorou e que, com esse esquecimento, o agrediu. Em outras épocas, chegando-se a este dia, sempre se encontrava, para dar satisfação à democracia, nem que fosse a imaginária coreografia de um cravo. Este ano, nem isso. Haverá quem, malevolamente, relacione o caso com o facto de o CDS ser o único partido da Assembleia da República que aboliu aquela flor das sagradas escrituras. Sem razão. Os cravos estão caros, a 20 escudos os paguem eu, mas isso sou eu, a RTP, colada, quem lhe dera ganhar prã bucha e para pagar umas galaxinhas.

A verdade pura e simples é que a Televisão portuguesa comemorou o 25 de Abril à sua maneira.

Assim, logo após encerrada a emissão da Assembleia da República (onde tivemos o suave encanto de escutar, pela boca de Rui Pena, que «a AD foi uma conquista do 25 de Abril...») a RTP deu início efectivo às suas próprias, dela, comemorações festivas. Os portugueses democratas assistiram comovidos de alma e de patriotismo a mais uma exibição do Topo Gigio, programa para crianças, segundo classificação expressa de Rui Guedes.

Quer dizer: os telespectadores em vez de um capítulo de Abril, tiveram o Guedes, mais conhecido no meio por «o Ruizinho, dá cá um bichinho»; em vez de crianças que põem cravos em canos de espingarda, tiveram uma menina sem culpa que, com uma amiga, faz tapetes de Arraiolos; em vez de um cravo, tiveram um rato. No programa também apareceu a Maria Perego, a mãe do Gigio, a qual comparou o estúdio da RTP com o da BBC.

Louca, não sabe o que diz. Claro que a RTP tem razão para se mostrar ofendida.

O Telegiornal, a seguir, declarou que o 25 de Abril se comemorou em todo o País, mas só mostraram imagens de Lisboa e

Porto, poucas e de má qualidade. Não se espere ver mais reportagens nos próximos dias. Aliás, ninguém pode exigir à RTP que, passadas 24 horas, ainda se lembre do que aconteceu «naquela data», como por lá se costuma dizer.

Depois das notícias, qualquer Televisão consagraria o tempo de ouro a falar das raízes e da esperança do 25 de Abril. Mas isso estaria bem para uma Televisão qualquer. A RTP do nosso descontentamento tinha outros lindos projectos. Em vez do abc democrático, deu-nos o abc taurinómico; em vez dos homens, os cavalos; em vez dos louros, os chifres; em vez do País; o redondel. Poderá haver quem indague da psicologia dos rurais, à Televisão interessa-lhe antes a psicologia dos toiros. Sofram as crianças, os velhos os doentes, os deficientes, os desempregados? A RTP preferiu interrogar se os cavalos sofrem. Ela não questiona os trabalhadores, mas os toiros. O heróico resistente antifascista foi substituído, na TV, pelo médico veterinário. O sobrinho de João Nuncião, sim, o filho do velho lutador, não. Onde deveria estar a Grândola, man-

dando avançar o povo, está a corneta mandando avançar os bois. Não se elogia a fábrica, mas a ganadaria. Procura-se a democracia — encontra-se a aflição.

Dirão vocês: é uma provocação. Direi que é uma opção. Aquela foi a melhor maneira que a Televisão encontrou para comemorar o 25 de Abril. O que é que esperavam? Queriam que o Proença comemorasse o 25 de Abril ao ritmo do coração popular? Quem o pôs lá, não o pôs lá precisamente para isso. Em obediência ao rigor de uma lógica interna, as comemorações só podiam ser ao nível de ratos e de bestas.

Durante o longo serão não se falaria uma única vez do 25 de Abril. Estiveram muito ocupados com a mediocridade australiana, com o automobilismo e com o futebol. Compreende-se. Como o futebol é importante, ontem se viu.

E afinal, qual era a cor da gravata do Quilhas? Parecia preta, mas talvez fosse azul. Talvez fosse azul, mas parecia preta. Afinal, de quem era a gravata escura, dele ou da Televisão? Mistérios da cor!

ATENÇÃO

sr. Omar Carsten

(Portador Passaporte Alemão NR. E. 009386, nascido em Hamburgo, 29 de Março de 1945).

Agradecemos contacto telef. 767057/8

Para troca de pasta contendo documentos pessoais, profissionais, cheques, cartões de crédito, chaves, fotos família, etc, sem outros valores.

Reembolsam-se despesas e encargos.

Indicar local ou intermediário.

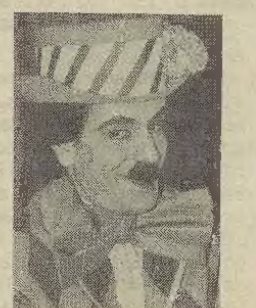
ADOQUE
teatro
Martin Moniz — Tel. 87 44 76

HOJE ÀS 21.30

A GRANDE REVISTA



COM UM ELENCO SENSACIONAL!



ANTÓNIO FEIO
HENRIQUE VIANA
DELFINA CRUZ
ANTÓNIO MONTEZ
MAGDA CARDOSO
CREMILDA GIL
MARIA VIEIRA

HORÁRIO
2.ª, 3.ª e 5.ª F. 21.30
6.ª e sábado: 20.30 e 23 horas
Domingo: 15 e 21.30 horas
Folga: 4.ª feira

ATENÇÃO MÍOPES

A MIOPIA

A HIPERMETROPIA E A AFAQUIA (OPERADO AS CATARATAS) PODEM, AGORA, SER CORRIGIDAS COM LENTES PARA ÓCULOS FINAS E LEVES, EM CRISTAL ANTI-REFLEXO, A PARTIR DE 2,25 ATÉ 30,00 DIOPTRIAS, INCLUINDO, QUANDO NECESSÁRIO, ATÉ 6,00 DIOPTRIAS DE ASTIGMATISMO Para mais informações dirija-se à Óptica Visual, Lda. — Rua das Portas de Santo Antão, 27, 2.º.

ATENÇÃO: ENTRADA PELA ESPINGARDARIA

PROMOÇÃO

Normal desde 90\$00 o rolo

Vinílico desde 200\$00 o rolo

BARROS & BARROS, LDA.
R. JOSÉ DURO, 22-B (Alvalade) 1700 LISBOA - T. 892057

Caminhos de Ferro Portugueses

NOVO SERVIÇO LISBOA/MADRID/LISBOA



Período de serviço

Serviço diário nas estações de: Alentejo, Évora, Faro, F. da Luz, Lagos, Lisboa (S.A.), Marvão-Bonil, Porto (S. Bento), Setúbal, Valença, V. do Castelo, V.R. S.º António e Vilar Formoso.

Encaminhamento

O seguimento das encomendas é feito pelo comboio Lusitânia-Expresso, com partida de Lisboa (S.A.)

Informações

Informações nas estações de: Alentejo, Évora, Faro, F. da Luz, Lagos, Lisboa (S.A.), Marvão-Bonil, Porto (S. Bento), Setúbal, Valença, V. do Castelo, V.R. S.º António e Vilar Formoso.

864181 — Departamento Comercial — Serviço Comercial de Mercadorias — Lisboa (S.A.)

864181 — Serviço Comercial da Região Norte — Porto (Campanhã)

867785 — Serviço Comercial da Região Centro — Lisboa (S.A.)

267928 — Serviço Comercial da Região Sul — Barroso

(a) De Madrid para diversas estações espanholas. (consultar relação das mesmas nas estações mencionadas no gráfico)

Manuel Rafael, Lda.
TUDO EM MATERIAL ELÉCTRICO
TV. DO FORNO, 7-A (AO ROSSIO) T. 371001/2

Hoje



José Cid esta noite actua no programa Ou Vai ou Taxa

18.15 País, País
18.45 Tempo dos Mais Novos — «Pinóquio»
19.20 Energia
19.55 O Tempo
20.00 Telegiornal — as notícias do País e do estrangeiro.
20.35 Ou Vai ou Taxa — programa gravado no Cine-Teatro Alves Coelho, de Arganil. Artista convidado, José Cid.
22.50 Último Jornal — um resumo noticioso.

2 RTP



Na RTP-2 inicia-se esta noite uma nova série intitulada «O Jogo das Damas»

Amanhã

1 RTP

11.52: Fado Vadio; 12.25: «Ciranda de Pedra»; 13.00: Primeiro Jornal; das 13.30 às 18.10: Cód. Preparatório TV; 18.18: País, País; 18.40: Tempo dos Mais Novos; 19.20: Tempo de Desporto; 19.55: O Tempo; 20.00: Telegiornal; 20.35: Vozes; 20.45: O Jogo das Damas; 21.00: O Jogo das Damas; 21.05: O Jogo das Damas; 21.10: O Jogo das Damas; 21.15: O Jogo das Damas; 21.20: O Jogo das Damas; 21.25: O Jogo das Damas; 21.30: O Jogo das Damas; 21.35: O Jogo das Damas; 21.40: O Jogo das Damas; 21.45: O Jogo das Damas; 21.50: O Jogo das Damas; 21.55: O Jogo das Damas; 22.00: O Jogo das Damas; 22.05: O Jogo das Damas; 22.10: O Jogo das Damas; 22.15: O Jogo das Damas; 22.20: O Jogo das Damas; 22.25: O Jogo das Damas; 22.30: O Jogo das Damas; 22.35: O Jogo das Damas; 22.40: O Jogo das Damas; 22.45: O Jogo das Damas; 22.50: O Jogo das Damas; 22.55: O Jogo das Damas; 23.00: O Jogo das Damas; 23.05: O Jogo das Damas; 23.10: O Jogo das Damas; 23.15: O Jogo das Damas; 23.20: O Jogo das Damas; 23.25: O Jogo das Damas; 23.30: O Jogo das Damas; 23.35: O Jogo das Damas; 23.40: O Jogo das Damas; 23.45: O Jogo das Damas; 23.50: O Jogo das Damas; 23.55: O Jogo das Damas; 24.00: O Jogo das Damas; 24.05: O Jogo das Damas; 24.10: O Jogo das Damas; 24.15: O Jogo das Damas; 24.20: O Jogo das Damas; 24.25: O Jogo das Damas; 24.30: O Jogo das Damas; 24.35: O Jogo das Damas; 24.40: O Jogo das Damas; 24.45: O Jogo das Damas; 24.50: O Jogo das Damas; 24.55: O Jogo das Damas; 25.00: O Jogo das Damas; 25.05: O Jogo das Damas; 25.10: O Jogo das Damas; 25.15: O Jogo das Damas; 25.20: O Jogo das Damas; 25.25: O Jogo das Damas; 25.30: O Jogo das Damas; 25.35: O Jogo das Damas; 25.40: O Jogo das Damas; 25.45: O Jogo das Damas; 25.50: O Jogo das Damas; 25.55: O Jogo das Damas; 26.00: O Jogo das Damas; 26.05: O Jogo das Damas; 26.10: O Jogo das Damas; 26.15: O Jogo das Damas; 26.20: O Jogo das Damas; 26.25: O Jogo das Damas; 26.30: O Jogo das Damas; 26.35: O Jogo das Damas; 26.40: O Jogo das Damas; 26.45: O Jogo das Damas; 26.50: O Jogo das Damas; 26.55: O Jogo das Damas; 27.00: O Jogo das Damas; 27.05: O Jogo das Damas; 27.10: O Jogo das Damas; 27.15: O Jogo das Damas; 27.20: O Jogo das Damas; 27.25: O Jogo das Damas; 27.30: O Jogo das Damas; 27.35: O Jogo das Damas; 27.40: O Jogo das Damas; 27.45: O Jogo das Damas; 27.50: O Jogo das Damas; 27.55: O Jogo das Damas; 28.00: O Jogo das Damas; 28.05: O Jogo das Damas; 28.10: O Jogo das Damas; 28.15: O Jogo das Damas; 28.20: O Jogo das Damas; 28.25: O Jogo das Damas; 28.30: O Jogo das Damas; 28.35: O Jogo das Damas; 28.40: O Jogo das Damas; 28.45: O Jogo das Damas; 28.50: O Jogo das Damas; 28.55: O Jogo das Damas; 29.00: O Jogo das Damas; 29.05: O Jogo das Damas; 29.10: O Jogo das Damas; 29.15: O Jogo das Damas; 29.20: O Jogo das Damas; 29.25: O Jogo das Damas; 29.30: O Jogo das Damas; 29.35: O Jogo das Damas; 29.40: O Jogo das Damas; 29.45: O Jogo das Damas; 29.50: O Jogo das Damas; 29.55: O Jogo das Damas; 30.00: O Jogo das Damas; 30.05: O Jogo das Damas; 30.10: O Jogo das Damas; 30.15: O Jogo das Damas; 30.20: O Jogo das Damas; 30.25: O Jogo das Damas; 30.30: O Jogo das Damas; 30.35: O Jogo das Damas; 30.40: O Jogo das Damas; 30.45: O Jogo das Damas; 30.50: O Jogo das Damas; 30.55: O Jogo das Damas; 31.00: O Jogo das Damas; 31.05: O Jogo das Damas; 31.10: O Jogo das Damas; 31.15: O Jogo das Damas; 31.20: O Jogo das Damas; 31.25: O Jogo das Damas; 31.30: O Jogo das Damas; 31.35: O Jogo das Damas; 31.40: O Jogo das Damas; 31.45: O Jogo das Damas; 31.50: O Jogo das Damas; 31.55: O Jogo das Damas; 32.00: O Jogo das Damas; 32.05: O Jogo das Damas; 32.10: O Jogo das Damas; 32.15: O Jogo das Damas; 32.20: O Jogo das Damas; 32.25: O Jogo das Damas; 32.30: O Jogo das Damas; 32.35: O Jogo das Damas; 32.40: O Jogo das Damas; 32.45: O Jogo das Damas; 32.50: O Jogo das Damas; 32.55: O Jogo das Damas; 33.00: O Jogo das Damas; 33.05: O Jogo das Damas; 33.10: O Jogo das Damas; 33.15: O Jogo das Damas; 33.20: O Jogo das Damas; 33.25: O Jogo das Damas; 33.30: O Jogo das Damas; 33.35: O Jogo das Damas; 33.40: O Jogo das Damas; 33.45: O Jogo das Damas; 33.50: O Jogo das Damas; 33.55: O Jogo das Damas; 34.00: O Jogo das Damas; 34.05: O Jogo das Damas; 34.10: O Jogo das Damas; 34.15: O Jogo das Damas; 34.20: O Jogo das Damas; 34.25: O Jogo das Damas; 34.30: O Jogo das Damas; 34.35: O Jogo das Damas; 34.40: O Jogo das Damas; 34.45: O Jogo das Damas; 34.50: O Jogo das Damas; 34.55: O Jogo das Damas; 35.00: O Jogo das Damas; 35.05: O Jogo das Damas; 35.10: O Jogo das Damas; 35.15: O Jogo das Damas; 35.20: O Jogo das Damas; 35.25: O Jogo das Damas; 35.30: O Jogo das Damas; 35.35: O Jogo das Damas; 35.40: O Jogo das Damas; 35.45: O Jogo das Damas; 35.50: O Jogo das Damas; 35.55: O Jogo das Damas; 36.00: O Jogo das Damas; 36.05: O Jogo das Damas; 36.10: O Jogo das Damas; 36.15: O Jogo das Damas; 36.20: O Jogo das Damas; 36.25: O Jogo das Damas; 36.30: O Jogo das Damas; 36.35: O Jogo das Damas; 36.40: O Jogo das Damas; 36.45: O Jogo das Damas; 36.50: O Jogo das Damas; 36.55: O Jogo das Damas; 37.00: O Jogo das Damas; 37.05: O Jogo das Damas; 37.10: O Jogo das Damas; 37.15: O Jogo das Damas; 37.20: O Jogo das Damas; 37.25: O Jogo das Damas; 37.30: O Jogo das Damas; 37.35: O Jogo das Damas; 37.40: O Jogo das Damas; 37.45: O Jogo das Damas; 37.50: O Jogo das Damas; 37.55: O Jogo das Damas; 38.00: O Jogo das Damas; 38.05: O Jogo das Damas; 38.10: O Jogo das Damas; 38.15: O Jogo das Damas; 38.20: O Jogo das Damas; 38.25: O Jogo das Damas; 38.30: O Jogo das Damas; 38.35: O Jogo das Damas; 38.40: O Jogo das Damas; 38.45: O Jogo das Damas; 38.50: O Jogo das Damas; 38.55: O Jogo das Damas; 39.00: O Jogo das Damas; 39.05: O Jogo das Damas; 39.10: O Jogo das Damas; 39.15: O Jogo das Damas; 39.20: O Jogo das Damas; 39.25: O Jogo das Damas; 39.30: O Jogo das Damas; 39.35: O Jogo das Damas; 39.40: O Jogo das Damas; 39.45: O Jogo das Damas; 39.50: O Jogo das Damas; 39.55: O Jogo das Damas; 40.00: O Jogo das Damas; 40.05: O Jogo das Damas; 40.10: O Jogo das Damas; 40.15: O Jogo das Damas; 40.20: O Jogo das Damas; 40.25: O Jogo das Damas; 40.30: O Jogo das Damas; 40.35: O Jogo das Damas; 40.40: O Jogo das Damas; 40.45: O Jogo das Damas; 40.50: O Jogo das Damas; 40.55: O Jogo das Damas; 41.00: O Jogo das Damas; 41.05: O Jogo das Damas; 41.10: O Jogo das Damas; 41.15: O Jogo das Damas; 41.20: O Jogo das Damas; 41.25: O Jogo das Damas; 41.30: O Jogo das Damas; 41.35: O Jogo das Damas; 41.40: O Jogo das Damas; 41.45: O Jogo das Damas; 41.50: O Jogo das Damas; 41.55: O Jogo das Damas; 42.00: O Jogo das Damas; 42.05: O Jogo das Damas; 42.10: O Jogo das Damas; 42.15: O Jogo das Damas; 42.20: O Jogo das Damas; 42.25: O Jogo das Damas; 42.30: O Jogo das Damas; 42.35: O Jogo das Damas; 42.40: O Jogo das Damas; 42.45: O Jogo das Damas; 42.50: O Jogo das Damas; 42.55: O Jogo das Damas; 43.00: O Jogo das Damas; 43.05: O Jogo das Damas; 43.10: O Jogo das Damas; 43.15: O Jogo das Damas; 43.20: O Jogo das Damas; 43.25: O Jogo das Damas; 43.30: O Jogo das Damas; 43.35: O Jogo das Damas; 43.40: O Jogo das Damas; 43.45: O Jogo das Damas; 43.50: O Jogo das Damas; 43.55: O Jogo das Damas; 44.00: O Jogo das Damas; 44.05: O Jogo das Damas; 44.10: O Jogo das Damas; 44.15: O Jogo das Damas; 44.20: O Jogo das Damas; 44.25: O Jogo das Damas; 44.30: O Jogo das Damas; 44.35: O Jogo das Damas; 44.40: O Jogo das Damas; 44.45: O Jogo das Damas;

roteiro cultural

Cinema

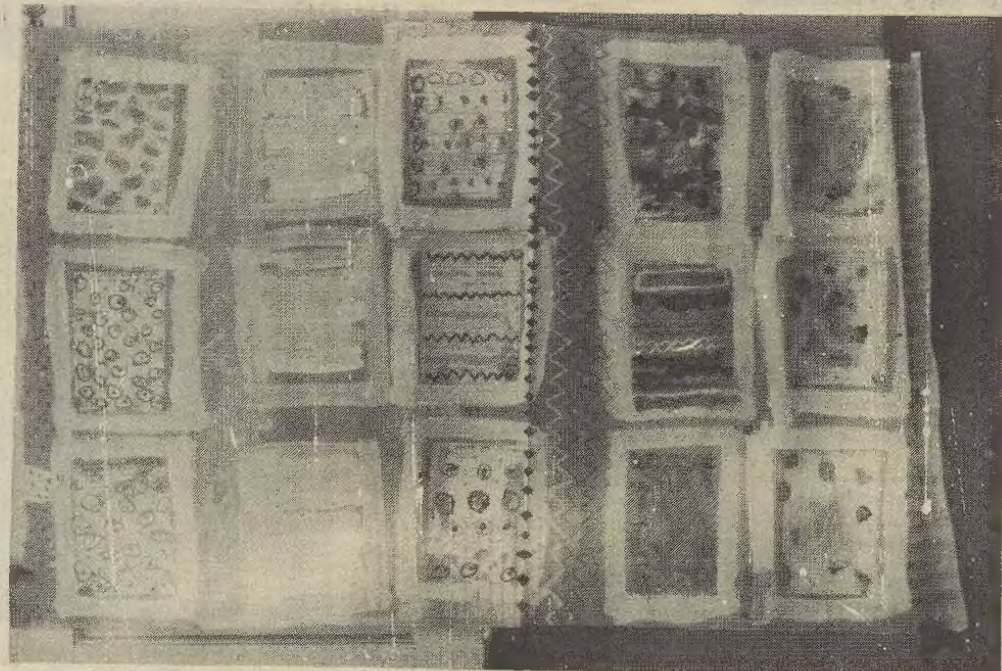
O ciclo de filmes de Jean Renoir que a Cinemateca está a apresentar no Quarteto prossegue hoje com «The Southern» (1945). Amanhã, exhibe-se «The Woman on the Beach» (1946), dia 28, «French Cancan» (1955), «Elena et les Hommes» (1956), e dia 30 «La Nuit du Carrefour» (1932). Sessões às 21.30. Bilhetes vendidos no próprio dia, a partir das 13.30.

Bailado

A Companhia Nacional de Bailado anda em digressão com um espectáculo constituído por «Paquita» (Petipa/Minus), «Canto da Solidão» (Armando Jorge/Alvaro Casuto), «Seresta» (Eric Senen/H. Villa Lobos) e «Noite de Walpurgis» (Armando Jorge/Gounod). Depois de Guimarães e Braga, a Companhia exhibe-se de amanhã até sexta-feira no Porto, dia 2 em Valongo e dia 4 em Leiria.

Colóquios

Um colóquio sobre «A Cultura em Portugal nos Anos 40»,



Pintura de Ana Vidigal, em exposição no Módulo de Lisboa

iniciativa complementar da exposição recentemente inaugurada na Gulbenkian, vai realizar-se no Auditório Dois da Fundação. O colóquio terá lugar durante quatro dias, inaugurando-se hoje, às 15.30. As restantes sessões efectuar-se-ão amanhã (15.30), e nos dias 28 e 29 (às 16 horas). Participam Pedro Tamen, Joel Serrão, Nuno Portas, Rui Mário Gonçalves, João de Freitas

Branco, Tomaz Ribas, Luís Francisco Rebelo, João Bénard da Costa, David Mourão Ferreira, Eduardo Lourenço e José Augusto França.

Exposições

Ana Vidigal inaugura hoje, às 22 horas, no Módulo-Centro Difusor de Arte de Lisboa (Av. António Augusto de Aguiar, 56,

5.º D.º), uma exposição de pinturas sobre papel que constituirá a 8.ª mostra do ciclo «Estúdios». A exposição está aberta até 17 de Maio, de segunda a sábado, das 16 às 20 horas. Uma exposição de pintura de Luís Dourado é amanhã inaugurada, às 18 horas, na «Galeria Diário de Notícias», ao Chiad. Poderá ser visitada todos os dias úteis, das 10 às 12.30 e das 14.30 às 19 horas.

Gravuras de artistas da Escola de Paris, da colecção de Manuel Cargaleiro, estão expostas até 12 de Maio em Castelo Branco, no Museu de Tavares Prouença Junior. Artistas representados: Luc Peire, Vasarely, Laubies, Hartung, Mortensen, Magnelli, Goetz, Vieira da Silva, Sonia Delaunay, Bissière, Lanskoy, Charcho, Szasz, Max Ernst, Sima, Prinner e Miró.

O 3.º Salão de Abril de Torres Vedras está patente até 2 de Maio no Museu Municipal da bela cidade estremenha. Trata-se de uma organização da Cooperativa de Comunicação e Cultura e apresenta trabalhos de artistas novos ligados à região, entre os quais Rui Oliveira, Isabel Bomba, José Pedro Sobrinho, Assunção Venâncio, Américo Prata, etc. 2.º Penicheiro expõe pintura em Aveiro, no Salão Cultural da Câmara Municipal. A mostra está aberta até 2 de Maio e insere-se na vida das gentes do litoral avelrense.

I.M. de Melo e Castro tem uma exposição intitulada «Visão: Segunda» patente na Galeria Quadrum (Coruche, Alvalade). A mostra reúne trabalhos de poesia visual executados pelo artista de 1979 a 1982.

Gil Teixeira Lopes expõe

pintura, desenho e escultura na Galeria de S. Francisco, ao Chiado. A mostra está patente até ao fim do mês, de segunda-feira a sexta-feira, das 10 às 13 e das 15 às 19 horas. Aos sábados, apenas das 10 às 13.

Cerce de com artistas plásticos portugueses presentes na jornada comemorativa do 25 de Abril em Santarém realizaram no sábado um trabalho colectivo tendo como tema aquela data.

Alguns dos nomes mais representativos da cultura e escultura portuguesas, como Sá Nogueira, Júlio Pomar, Dourado, Querubim Lapa, João Hoggan, Lagoa Henriques, Carlos Botelho, Eduardo Nery, Abel Manta e Espiga Pinto, deram o seu contributo para evocar o painel realizado em 10 de Junho de 1974, inteiramente desaparecido.

Este convívio entre militares e artistas plásticos simbolizou, no dizer dos promotores, «a vontade que sempre animou os militares de Abril de negarem uma comemoração corporativa, antes se empenhando na transformação social que inspirou o 25 de Abril». O Presidente da República, Ramalho Eanes visitou os locais de trabalho ao ar livre, no recinto da Casa do Campino, inteirando-se do conteúdo da obra.

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Int. men. 18 a.
As 14.30, 16.30, 18.30, 21.45 e 24
FORA DE TEMPO

SALA B

As 14.45, 17, 19 e 21.30
A AMANTE DO TENENTE FRANCÊS

ALVALADE 897480

Av. de Roma

As 14.30, 16.30, 19 e 21.30
Para Todos
HERNANI CARROCHA
DOS DIABOS
8.ª Semana

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A

As 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30, 23.30
N. acon. a men. 18 anos
TIMES SQUARE
um filme de Allen Maylo
2.ª Semana

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

As 15.30, 18.30 e 21.30
Int. men. 13 a.
DELÍCIAS NO LICEU

BERNA 776098

Av. Marques de Tomar

As 14, 16.30, 19 e 21.30
N. ac. men. 13 a.
O MEU GUARDA COSTAS

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

As 14, 16.30, 19 e 21.30
A BELA ADORMECIDA
N. ac. men. 13 a.
Para Todos
FALADO EM PORTUGUÊS
7.ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho

As 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30
N. acon. men. 13 anos
MAS QUE VIZINHOS
2.ª Semana

CINE 222 579460

Av. Pr. de Vitória, 37 (ao Saldanha)

não acon. a men. 13 anos
As 14, 16.30, 19 e 21.30
MOSCOW NÃO ACREDITA
EM LÁGRIMAS
As 24
7 MULHERES DE OURO

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

As 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
CRUIZEIRO SEXUAL
As 24
OS SALVAGENS DA NOITE

CINE BLOCO 556824

Gavetão Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

As 14.30, 16.45, 19 e 21.30
A CORRIDA MAIS LOUCA
DO MUNDO
As 24
OS SETE PROFSSIONAIS

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

As 14, 16.30 e 21.30
O SAMURAI NEGRO
N. ac. men. 13 a.
ESSA MULHER É MINHA

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

As 14, 16.30, 19 e 21.30
N. ac. men. 18 a.
A PELE

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

As 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
O SAMURAI NEGRO
(não acon. men. 18 anos)

ESTÚDIO 555134

Alm. Afonso Henriques, 35

As 15.30, 18.30 e 21.30
A BELA ADORMECIDA
N. ac. men. 13 a.
A SEDUÇÃO DE JOE TYNAN
c/ Alan Alda e Maryl Streep

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 89-B

As 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30
Int. men. 13 a.
O ÚLTIMO AMANTE ROMÂNTICO
um filme de José Jusépin
c/ Danyel Henderson e Geraldine Tynan
2.ª Semana

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 - «A Aluna e o Professor», às 21.30 (13 anos)
ALFA 2 - «Os Saltadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
ALFA-3 - «For Apache, the Bronx», às 21.30 e 24.00 (18 anos)
OLIMPIA - «As Apenas do Sexo», sessões permanentes (18 anos)
POLITEAMA - «Zorro Holocausto», às 21.30 (18 anos)
CITY CINE - «A Coragem de um Homem», às 21.30 (18 anos)
CAPITULO - «Colégios e Mito Mais», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
MUNDIAL - «O Meu Guarda Costas», às 21.30 (13 anos)
2000 - «Tarzan o Homem Macaco», às 21.30 (13 anos)
ROYAL - «Eu Te Amo», às 21.30 (18 anos)
RETELO - «Uns e... os Outros», às 21.30 (13 anos)
PATRIA - «Uma Razão para Viver Outra para Morrer», às 21.30 (13 anos)
PROMOTORA - «O Enxame», às 21.30 (13 anos)

ALMADA - Inicial - «Gelados Quentes, Sonhos Dourados», às 21.15 (18 anos)
ALMADA - Académia - «O Profissional», às 21.15 (13 anos)
ALMADA - Cine-Almada - «O Novo», às 21.30 (18 anos)
ALMADA - «Sem Culpa Formada», às 21.30 (18 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)

ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)

ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)

ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

não acon. a men. 13 anos
As 15.15, 18.30 e 21.30
A HOMENAGEM
c/ Lee Remick e Jack Lemmon
2.ª Semana

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

As 14, 16.30, 19 e 21.30
N. ac. men. 13 a.
A MULHER DO LADO
c/ Yves Montand, Gerard Depardieu e Catherine Deneuve

LUMIAR 79 52 96

Calçada de Carriche, 38

As 21.30 - Int. men. 18 a.
Um super karatê
O DRAGÃO NEGRO

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

As 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30
Int. men. 13 a.
O VINGADOR DA NOITE
c/ Warren Beatty e Diane Keaton
4.ª Semana

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

As 15.15, 18.15 e 21.30
Int. men. 18 a.
O VINGADOR DA NOITE
c/ Charles Bronson e Jill Ireland

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

As 14, 16.15, 18.30 e 21.30
ARTHUR
O ALEGRE CONQUISTADOR
As 24.00
EM NOME DO PAPEI

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

As 15.15, 18.15 e 21.30
Para Todos
VERDE VINHO

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

As 14, 16.30, 19 e 21.30
N. ac. men. 18 anos
A PELE
As 24
ADEUS MACHO

teatros

Lisboa

ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)

ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)

ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)

ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)



QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
As 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
N. ac. men. 13 a.
BYE BYE BRASIL

SALA 2

As 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
O ANJO DO ROCK

SALA 3

As 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
Int. men. 13 a.
A CALÚNIA

SALA 4

As 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
PIKOTE, A LEI DO MAIS FRACO

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

As 15, 17, 19 e 21.30
UNIVERSO EM FANTASIA

farmácias

Lisboa

ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)

ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)

ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)

ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1
As 13.45, 17.00 e 21.15
N. ac. men. 13 a.
Vencedor do 3.º «Ocaso»
c/ Warren Beatty e Diane Keaton
4.ª Semana

S. JORGE SALA 2

As 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45
N. ac. men. 13 a.
A AMANTE DO TENENTE FRANCÊS
16.ª Semana

S. JORGE SALA 3

As 14, 16.15, 18.45 e 21.30
DE QUEM É A VIDA, AFIRMA
Int. m. 13 anos
N. ac. men. 13 a.
5.ª Semana

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

N. ac. men. 13 anos
As 15, 17, 19 e 21.30
PARAÍSO AZUL
5.ª Semana

7.ª ARTE 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos

As 14.45, 17, 19.10, 21.30
N. ac. men. 13 anos
DE QUEM É A VIDA, AFIRMA
21.ª Semana

Porto

Lisboa

ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
AL

PORTE
PAGO

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Serviços Técnicos
e Publicidade:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
Telefones: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 368740

Agentes, Assinaturas e Contabilidade
Rua Castilho, 185-1.º - 1000 LISBOA
Telefones: 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3
Mensagens gravadas: 320229

Endereço telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

Delegação do Porto:
Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO
Telefones: 20954/5



MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR

5.43	4.2	m 11.21	0.7	m
18.03	4.2	m 23.46	0.7	m
Dia 27				
6.29	4.0	m 12.05	0.9	m
18.49	4.0	m 24.35	0.9	m

TEMPERATURAS DO AR
AS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO	16°
BRAGANÇA	9°
VILA REAL	10°
PORTO	14°
P. DOURADAS	2°
COIMBRA	13°
C. CARVOEIRO	15°
PORTALEGRE	9°
LISBOA	14°
ÉVORA	13°
BEJA	12°
SAGRES	16°
FARO	16°
P. DELGADA	14°
FUNCHAL	17°

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO
AS 9 HORAS

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado em algumas regiões.

PREVISÃO DO TEMPO
ATÉ AS 24 HORAS

Céu geralmente pouco nublado. Vento moderado do quadrante leste.

últimas

FOGO DESTRUÍU UMA FÁBRICA de cobertores e respectivos amarréns situados na Vila das Aves, à Rua da Senhora da Conceição no Porto, provocado, segundo crê, por curto-circuito. A empresa proprietária, «Belmiro Moreira Gomes», teve um prejuízo que ronda 100 mil contos apenas em parte coberto pelo seguro.

PRESO EM PORTUGAL um assaltante de bancos espanhol que foi encontrado por agentes da Judiciária a passar na Praça da Liberdade do Porto. Benigno Saco, residia há meses em Espinho e evadira-se da cadeia de Zamora onde cumpria pena maior por assaltos a bancos no país vizinho. Trazia consigo uma pistola no momento da captura e será extraditado logo que as formalidades legais estejam concluídas.

UM ENGENHO EXPLOSIVO, foi ontem despoletado pela PSP na Rua Gago Coutinho no Samouco (Montijo). Constituído por um cilindro de ferro repleto de pólvora, o engenho fora colocado por desconhecidos à porta de uma taberna, nas proximidades do edifício onde funciona uma cooperativa de consumo.

Governo determina artigos que passam a "preço vigiado"

Continuação da pag. 1

colas, tintas, régua e pincéis e caixões mortuários, são alguns dos artigos que deixam o regime de preço declarado para terem preços vigiados desde a produção ou importação à comercialização.

A lista de artigos nessas circunstâncias é bastante volumosa, não se indicando aqui toda a sua gama. Além daqueles e de outros que não dispensam a consulta da I Série do «Diário da República» de hoje, acrescentam-se mais alguns: carpetes e passadeiras, calçado de couro e pele, artigos de malha e vestuário e molhos e sopas em conserva. E mais: colchoaria, louça para conter ou servir alimentos, cristalaria do mesmo tipo, cutelaria, banheiras, lava-louça e torneiras, produtos em pó para preparar sobremesas (pudins, cremes e bolos), condimentos diversos, alimentos preparados para crianças, aglomerados de partículas de madeira, painéis de fibras, couros e peles sem cabelos, fios e tecidos de lã e mistos, pavimentos cerâmicos de porcelana, grés fino e faiança, material óptico, louça e mobiliário metálicos, artigos de escritório e aparelhos fotográficos e seus acessórios.

Ao mesmo tempo, muitos desses artigos deixam de estar sobre a alçada de bens e serviços sujeitos ao regime de preços declarados, bem como os abrasivos, cal hidráulica, fiações e tecelagens diversas, moagem e preparação de especiarias, produtos de confeitaria, licores e bebidas espirituosas, aguardentes preparadas ou não, sacaria e artigos de lona, etc.

Sem intrigas; sem «grupos» moderados ou críticos, sem grandes emoções, com alguma reflexão, muito pessimismo, nenhuma alternativa: assim decorreu o Conselho Nacional do PSD. Desde as 10 da manhã às 3.10 da madrugada de 25 de Abril, os dirigentes sociais-democratas estiveram reunidos numa sala de um hotel de Lisboa. Na sala, ao lado, os autarcas do PSD de Lisboa estavam reunidos e, mesmo ao lado, jovens universitários algarvios estavam em festa de confraternização.

Cerca das cinco da tarde, Meneres Pimentel, abandonava o conselho nacional. Nem sequer tinha falado. Ministro da Justiça e vice-presidente do PSD, Meneres Pimentel foi apontado como dos elementos preponderantes num dos últimos golpes palacianos que envolvia uma alternativa a Pinto Balsemão. Mota Amaral seria o nome para substituir Pinto Balsemão. Com o falhar do dessa iniciativa (um: não de Freitas do Amaral?) tudo foi adiado.

Também Mota Amaral não participou neste conselho nacional. Um encontro entre o Primeiro-Ministro, Pinto Balsemão, Mota Amaral e Alberto João Jardim terá resolvido tudo. Assim: os dois presidentes dos Conselhos Regionais da Madeira e dos Açores mostram em vésperas de conselhos nacionais ou um distanciamento crítico (Mota Amaral) ou ameaçam partir a loiça (João Jardim). Algumas concessões do Primeiro-Ministro para as Regiões Autónomas, e pronto: Mota

Amaral renova o seu apoio a Pinto Balsemão e regressa aos Açores e Alberto João Jardim compõe os cacos. Apoiar por inteiro Pinto Balsemão.

Neste momento, não se pode falar em moderados ou críticos dentro do PSD. Dirigentes como Amândio de Azevedo e Santana Lopes (críticos) estão hoje com perspectivas opostas no partido. Meneres Pimentel (moderado) será hoje um dos críticos, enquanto Helena Roseta está off-side em relação a qualquer grupo. Por isso, este conselho nacional não teve intrigas e foi possível alguma reflexão.

Revisão? a possível

O debate sobre a revisão constitucional durou mais de oito horas. Amândio de Azevedo fez uma longa exposição em que deu a conhecer aos dirigentes do PSD o ponto da situação. Santana Lopes (anunciou que ia apresentar uma moção, o que não fez) defendeu a hipótese do PSD não aceitar nenhuma revisão e atribuir as culpas ao Partido Socialista.

Essa posição seria rejeitada por Amândio de Azevedo ou Sousa Tavares. Quando Santana Lopes defendeu ser negociável para o PSD a permanência da palavra socialismo na Constituição, João Jardim, rápido, respondeu: Não nos fica bem defender a ruptura por causa da alusão ao socialismo, quando no Artigo Primeiro dos nossos estatutos se preconiza um socialismo humanista.

Conselho Nacional do PSD

Sem intrigas mas com sabor a "derrota"

A composição do Tribunal Constitucional e a Constituição económica foram dois assuntos apontados por alguns dirigentes sociais-democratas. Não se pode ceder um milímetro na constituição do Tribunal Constitucional — dizia um dos conselheiros do PSD. Marcelo Rebelo de Sousa falou, também, nesta parte do debate sobre revisão constitucional, assim como Helena Roseta. Nalguns sociais-democratas, a convicção de que perderam a revisão constitucional. Uns querem salvar o que puderem; outros ficam pelo tudo ou nada.

No comunicado final, lê-se foram reafirmados os vectores essenciais dos objectivos e da estratégia do PSD quanto à democratização plena do regime, à necessidade de consagração de um equilíbrio global dos poderes dos diversos órgãos de soberania, na decorrência da extinção do Conselho da Revolução, à desdogmatização do conteúdo normativo da Constituição e à europeização da sua parte económica, condição essencial ao desenvolvimento do País e a promoção do bem-estar social.

Isto é demasiada areia para a minha camioneta — desabafava Santana Lopes, anunciando que se ia embora. Regressou mais tarde acompanhado de Rogério Martins, um homem em grande ascensão dentro do partido.

Perdida, de certo modo, a revisão constitucional, com a convicção de que a AD acabou — isto já é dito publicamente por

muitos dirigentes — o debate sobre a situação político-económica, foi de grande pessimismo.

O ministro das Finanças, João Saizueiro, já não interveio nesta parte do debate (tinha compromissos inadiáveis) mas falou Rogério Martins, (a mesma versão da vida económica do País). Duas intervenções foram consideradas altamente pessimistas: a de Helena Roseta e a de Loureiro Borges, vice-governador do Banco de Portugal. Helena Roseta disse em palavras, o que Loureiro Borges demonstrou por números.

Alguns compromissos financeiros com o estrangeiro já não estão a ser cumpridos, a situação é de crise e ameaça agravar-se ainda mais. Que vamos fazer? Valerá a pena continuar? Estas as duas perguntas que ficaram no ar. O projecto com que a AD ganhou as eleições não está (e não pode ser cumprido), foi dito, lá dentro por Helena Roseta, cá fora por outros dirigentes. Diga-se, aliás que Primeiro-Ministro, Pinto Balsemão, «contemplou» em declarações no final do Conselho Nacional este «mal-estar dos sociais-democratas»: «...é necessário — disse — possível actuar sobre a estrutura, de maneira a que não continuemos a gerir a crise, seja em período de dificuldades económicas, seja quando essas dificuldades forem ultrapassadas e entrarmos numa fase de recuperação económica».

E, assim, terminou o Conselho Nacional. Ninguém falou em mu-

dança de pessoas. Talvez, porque, começa a dizer-se que o projecto falhou, o projecto já não existe ou o não é possível aplicar o projecto da AD. Curiosamente, neste Conselho Nacional não se falou em Ramalho Eanes. A entrevista de Cavaco Silva a um semanário — uma mensagem para o Conselho Nacional — não teve eco. Eanes deixou de ser um pretexto.

A margem do Conselho

Natália Correia chegou já muito depois do jantar.

Estive com os capitães em Sentarém — conta-nos. Um dos jovens (já lá tinha estado Pinto Balsemão) convidada-a para conversar com o grupo. Já lá, vou, vou primeiro ao Conselho Nacional. Entra, passado um minuto sai disparada. Estão a falar de taxas de juro. Vou para os pequenos. Durante alguns minutos conversou com a malta jovem. Eles não sabem... — dizia a deputada do PSD do desfasamento entre a juventude e os dirigentes políticos, «...nem sonham» — responde um jovem. São quase todos da Juventude Centrista e social-democrata. Dança-se o baile mandado e Natália Correia declama o poema que fez quando foi julgada no Tribunal Pleno, antes do 25 de Abril. A defesa do poeta e uma acusação aos subalimentados do sonho. Lá dentro, no Conselho Nacional, todos estavam de acordo: o sonho da AD acabou. Estão subalimentados...

F. M.

LONDRES

FÉRIAS OU NEGÓCIOS
PARTIDAS SEMANAIS EM
AVIÃO ESPECIAL 2P

SÉRIE A - Domingos (tudo o ano)
Preços
excepcionais
desde *
14.900\$
* a vantagem dos voos especiais

Reduções especiais: Famílias,
Noivos, Terceira idade,
Crianças e Jovens

Pecamos também o programa
LONDRES E ESCÓCIA
PROGRAMAS E INSCRIÇÕES
abreu
Fundada em 1940

LISBOA Av. Liberdade, 150 Telef. 311241
Av. Roma, 66/II Telef. 803699
PORTO Av. Almeida, 207 Telef. 311921
COIMBRA Rua Sota, 2 Telef. 27011-2
FARO Rua República, 124 Telef. 29035-6
FUNCHAL Rua Cordeiro, 1 Telef. 31077-8

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

ILHAS DO ATLANTICO

MADEIRA-Partidas diárias
S. MIGUEL-Partidas semanais
CIRCUITO AÇOREANO-Partidas semanais
AÇORES-MADEIRA-Partidas semanais

PROGRAMAS E RESERVAS:

MUNDIRAMA
VIAGENS E TURISMO LDA.
R. DO CRUCIFIXO, 33 1100 LISBOA
Telefs. 36 03 02/32 88 56

PARIS

1 semana de viagem

Partidas
ABRIL 4 e 25
MAIO 16
JUNHO 6 e 20
JULHO 4 e 18
AGOSTO 1 e 15
SETEMBRO 5 e 19
OUTUBRO 3 e 17

Serviços incluídos:
• Transporte LISBOA - PARIS e volta
• Transporte ORLY / Hotel e volta
• Estadia no Hotel escolhido
• Assistência dos nossos delegados
• Toda as taxas

PROGRAMA E RESERVAS:

MUNDIRAMA
VIAGENS E TURISMO LDA.
R. DO CRUCIFIXO, 33 1100 LISBOA
Telefs. 36 03 02/32 88 56

CONHEÇA BUCARESTE 'E...

BUCARESTE e os CARPATOS
A ROTA DO CONDE DRÁCULA
TRATAMENTO GERIÁTRICO
ROMÉNIA-HUNGRIA-JUGOSLÁVIA-BULGÁRIA
Partidas semanais - 17 dias de viagem

PROGRAMA E RESERVAS:

MUNDIRAMA
VIAGENS E TURISMO LDA.
R. DO CRUCIFIXO, 33 1100 LISBOA
Telefs. 36 03 02/32 88 56

MAR, SOL E MONTANHA (AUTO-FÉRIAS)

TROIA - 222\$50 (por pessoa)
ALGARVE - 250\$00 (por pessoa)
COSTA DEL SOL - 335\$00 (por pessoa)
GERES - 724\$00 (por pessoa)

PROGRAMA E RESERVAS:

MUNDIRAMA
VIAGENS E TURISMO LDA.
R. DO CRUCIFIXO, 33 1100 LISBOA
Telefs. 36 03 02/32 88 56

Designed in cooperation with Imaginetc.com

Linear Gray Scale

Munsell